#### establishment to the control of the AND THE PROPERTY OF THE PROPER THE PROPERTY OF THE PROPERTY O THE CONTROL OF THE CO Compared to the core or topic of the core The state of the s while the core of Compression of the Compression o $x_{1}, x_{2}, x_{3}, x_{4}, x_{5}, x_{5},$ Territorial Constitution of the Constitution o A TO The second series of the contract of the The state of the s Discretization of the property of the property of the company of the property of the property



#### SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

#### AGÊNCIA CENTRAL

#### INFORMAÇÃO Nº0559 /19/AC/78

DATA

: 11 JUL 78

ASSUNTO

: 30ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - DISTRIBUIÇÃO DE PAN

FLETOS E JORNAIS

ORIGEM

: AC/SNI

DIFUSÃO

: CH/SNI - CIE-CISA-CENIMAR

ANEXO

: Os constantes do item 7.

Por ocasião da sessão de abertura da 30ª Reunião Anual da SBPC, no dia 09 Jul 78; no Teatro Cultura, em SÃO PAULO /SP, houve farta distribuição de panfletos e de jornais da imprensa "nanica" ou "alternativa". Deles destacam-se:

#### 1. "CAMPANHA DE ASSINATURAS PRÓ-ANISTIA

Do Comitê Brasileiro pela Anistia de SÃO PAULO (CBA/SP), com a finalidade de divulgar o início da Campanha de Coleta de Assinaturas Pró-Anistia. A esta, seguiu-se a lista para a coleta de assinaturas, reivindicando "Anistia Ampla e Irrestrita" (ANEXO A).

2. "HISTÓRIA EM GREVE, POR MELHORES CONDIÇÕES DE EN SINO, SAÚDA A 30ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC"

Do curso de História da USP, reivindicando "melhores condições de ensino", "afastamento imediato de 4 professores", "contratação de professores", "livre acesso às instalações

CONFIDENCIAL

INTAN 0559/19/Ac/78

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0559 /19/AC/78......Fls. 02)

da Universidade" e "verbas para reforma da biblioteca" (ANEXO B).

#### 3. "MANIFESTO POLÍTICO"

De FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (CEBRAP), candidato ao Senado, pelo MDB, e de AUDÁLIO DANTAS, candidato à Câmara
dos Deputados, também pelo MDB, contendo críticas ao regime vi
gente no País e, trazendo as seguintes "palavras de ordem": "PE
LA REINTEGRAÇÃO; PELA ANISTIA; 2 PELA DEMOCRACIA" (ANEXO C).

## 4. "BOLETIM INFORMATIVO Nº 1 DO COMITÊ ELEITORAL DA CANDIDATURA FERNANDO GOMES DE MORAES"

Faz críticas contundentes ao regime vigente e traz declarações de elementos punidos pela Revolução de 31 de Março de 1964 (FERNANDO HENRIQUE CARDOSO - CEBRAP; MÁRIO SCHEM BERG; DARCY RIBEIRO e PAULO DUARTE).

Contém, entre outras, as seguintes "palavras de ordem": "LUTA CONTRA O REGIME DO CRANDE CAPITAL MONOPOLISTA"; "LU TA PELO RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS E PELA VOLTA DAS FORÇAS AR MADAS AO SEU PAPEL CONSTITUCIONAL"; "LUTA POR UMA REFORMA AGRA-RIA DEMOCRÁTICA"; e "PELA CONVOCAÇÃO DE UMA ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE LIVRE E SOBERANA" (ANEXO D).

Anexo ao Boletim, foi distribuída a relação de pessoas que apóiam a sua candidatura, na sua maioria, comprometidas com as esquerdas.

#### 5. "JORNAL VERSUS ESPECIAL Nº 5"

Órgão da "Convergência Socialista".

Aborda, entre outros temas, a "Frente de Redemo cratização"; "Eleições"; "Copa do Torturador VIDELA" e "Médicos em Greve".

Na matéria "Abras os Olhos com a Frente", diz que: "O regime autoritário imposto ao povo brasileiro está em de composição, vivendo a sua crise mais profunda e perdendo os seus aliados. Até o exército está dividido em alas (grifo nosso). A

CONFIDENCIAL

matéria em questão, enfoca, também, "a convocação de uma Assembléia Constituinte, Democrática e Soberana, com a participação le gal e livre de todos os Partidos, inclusive do Partido Comunista e do Partido Socialista".

Com o artigo "O Novo Dono do Futebol é um Tortura rador?" chama o Presidente da ARGENTINA de "Campeão Mundial da Tortura" (ANEXO E).

- 6. "JORNAL MOVIMENTO Nº 158"
  Edição de 10 de julho de 1978.
- 7. ANEXOS
  - A) Panfleto do CBA/SP.
  - B) Panfleto do Curso de História da USP.
- C) Manifesto político de FERNANDO HENRIQUE CARDO
  - D) Boletim Informativo "VOTO LIVRE".
  - E) Jornal "VERSUS" (especial) nº 5.

\* \* \*

004

C B A/SP - COMITÉ BRASILEIRO PELA ANISTIA - SÃO PAULO

d

#### CAMPANHA DE ASSINATURAS PRO ANISTIA

O COMITÉ BRASILEIRO PELA ANISTIA-SÃO PAULO, entidade que congrega diversos setores da sociedade brasiteira na luta pela ANISTIA AMPLA E IRRESTRITA a todos os presos e perseguidos políticos, vem a público para dar início à Campanha de Coleta de Assinaturas pró-Anistia.

Inicia essa empreitada por ocasião do período en que se rea liza a 30a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC) propositalmente, prestando homenagem a todos os cientistas brasileiros que se encontram afastados de suas funções, arbitrária e prepotentemente, mem detrimento da imprescindível contribuição que suas atividades estão a compar para o efetivo desenvolvimento do País.

Homenageia, igualmente todos os estudantes, vivos ou mortos. afastados da Universidade por perseguição política, verdadeiros cientis tas proibidos, cuja ausência somente a História futura poderá aquilatar.

Submete, por fim, à apreciação de todos os participantes da Reunião Anual e a todos os demais setores democráticos, sua Carta de Princípios e seu Programa Mínimo de Ação.

Pinalmente, convoca todos os participantes a se incorporarem efetivamente na luta pela Anistia desenvolvida pelo CBA-SP.

JULHO 1978



#### C B A/SP - COPITÉ BRASILEIRO PELA ANISTIA - SÃO PAULO

#### CAMPANHA DE COLETA DE ASSÍNATURAS

· JULHO 1978

Nós, abaixo-assinados, conscientes de que somente com a participação de todo o povo conseguiremos a solução para os problemas de nosso País, e sabendo que muitos brasileiros foram e vem sendo punidos, privados dos seus mais elementares direitos e afastados da vida política nacional , REIVINDICAMOS ANISTIA AMPLA E IRRESTRITA a todos os presos e persegui - dos políticos como passo fundamental para a conquista das liberdades de mocráticas.

## HISTÓRIA EM GREVE, POR MELHORES CONDIÇÕES DE ENSINO, SAÚDA A 30º REUNIÃO ANUAL DA SEPC

"Péssimos professores, hiblioteca precária, autoritarismo dentro e fora das salas de aula, projetor de filmes e aufiteatro proibidos de serem utilizados, salas de aula permanentemente fechadas.

Tudo sob controle! Sob controle?

Não! Nós estudantes de História, não estamos sob controle. Não concordamos com esta camisa de força que nos querem colocar".

Com estas palavras, no início de maio, tornávamos pública a nossa decisão de paralisar as aulas até que nossas reivindicações fossem atendidas.

Quais eram as nossas reivindicações?

Afastamento imediato de quatro professores, Maria Beatriz Nizza da Silva, Jorga Cesar Mota, Deusdá Magalhães Mota e José Roberto de Almeida Melo (comprovadamente incapazes); contratação de professores para suprir as necessidades do atual quadro docente; livre acesso às instalações da Universidade e, por último, verbas para a reforma da biblioteca, aquisição de livros sem seleção ideológica e contratação de funcionários para o atendimento eficiente dos estudantes.

Apesar da gravidade destas irregularidades, não nos furtamos "de tentar resolvê-las através dos trâmites considerados legais. Nesse sentido, encaminhamos abaixo-assinados pedíndo a resolução dos problemas pelos canais competentes. Entretento, tais medidas não bastaram para comover a direção da escola sobre a urgência e seriodade com que de-

veriam ser tratados os problemas.

Só uma alternativa, portanto, nos restou, qual seja: A GREVE.

Reunimo-nos em Assembléia, que contou com a participação de mais de 300 alunos e deliberamos paralisar as aulas. Tal atitude se fundamentou na certeza de que a greve é o instrumento mais contundente que temos para exigir que os nossos direitos sejam respeitados.

Lembramos, aqui, que a decisão de entrer em greve foi acompanhada do compromisso da presença de todos na escola, para discutir, debater, deliberar e estudar. Numa palavra, GREVE COM ATIVIDADES.

Desta forma, durante todo o período de greve, promovemos pales -

tras, dobates, shows, sessões de cinema, etc.

Entretanto, nem assim os obstáculos foram vencidos no caminho do

equacionamento dos nossos problemas.

A direção do Departamento passou, a usar a arma construída, para ser usada exatamente nestas ocasiões, ou seja, a "famigerada burocracia". O que se notou a partir de então foi uma manobra irritante e imoral atravós do jogo com a máquina burocrática.

O Conselho Departamental reuniu-se e deliberou contra as nossas exigências. O problema passou, em seguida, para a alçada da Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, que, após apreciar o parecer emitido pelo Conselho, devolveu o "abacaxi" para o Departamento, recomendando que este permanecesse "aberto ao atendimen to com os alunos". Novo ato da comédia e o Conselho Departamental da História reafirmou a deliberação contra as nossas reivindicações.

De nossa parte, porém, não ficamos de braços cruzados à espera de um "estalo de Vicira" dos "rinocerontes". Aprofundamos as nosses discussões e concluímos que o combate a péssima situação do curso de História teria que ser centralizado, para trazer resultados aproveitá

veis, no eixo da REESTRUTURAÇÃO DO CURSO.

Com esta finalidade, convocamos dois debates com os professores cujo resultado foi um questionário, elaborado por professores e aluncs e respondido por cerca de 300 estudentes, para acuilatar as falhas da estrutura atual e servir como direção em futuros estudos de reformula ção. Ao mesmo tempo, visitamos outras escolas e convidamos professores de outras Universidades que pudessem, de alguma forma, fornecer subsídios para as nossas propostos de mudança na estrutura do curso.

Os professores, por sua vez, realizaram uma Plenária e decidiram encaminhar ao Conselho Departemental a proposta de formação de uma Comissão, representada por um professor de cada setor, para estudar a

atual situação do curso e propor modificações.

Esta Comissão, conquento o Conselho se empenhásse em protelar a sua formação e esconder a sua existência, através do manobras em três ou quatro rouniões, foi finalmente aprovada na reunião do Conselho De partamental do dia 04 de julho.

Apesar do saldo que representa para a nossa luta a formação da Comissão, evidentemente não baixaremos a guarda só por isso. Pelo con trário, concentraremos todos os nossos esforços para que a Comissão não soja absorvida e esvaziada pela estrutura de poder da Universidade.

Tudo faremos para que os seus trabalhos apontes para uma efetiva REESTRUTURIÇÃO DO NOSSO CURSO.

Proutro lado, estamos conscientes de que os problemas que hoje enfrentamos nada mais são do que o reflexo de um sistema educacional que gera a perpetuação do baixo nível de ensino e a eliminação do conhecimento científico.

Enfatizamos, também, que a nossa luta por Melhores Condições de Ensino tem como perspectiva a DEMOCRATIZAÇÃO E AUTONOMIA DA UNIVERSIDADE, que somente será conquistada a partir da reestruturação dos organismos de poder desta Instituição e da reformulação dos cursos e currículos. Essas modificações, porém, não terão força suficiente para suplantar a crise delineada se não contarem com a participação dos estudentes.

Enfim, exigimos o reconhecimento do nosso direito de opinar sobre os destinos da Universidade.

- PELA REESTRUTURAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA!
- PELA DEMOCRATIZAÇÃO E AUTONOMIA DA UNIVERSIDADE:
- POR MELHORES CONDIÇÕES DE ENSINO!

ARBIDITECEDAÇÃO 007 Ameso "c"

## PELA REINTEGRAÇÃO PELA ANISTIA PELA DENJOCRACIA

00 t James Co

O restabelecimento da democracia no Brasil passa obrigatoriamente pela libertação da Universidade. Todos sabemos com que
ferocidade o regime de 1964 lançou-se contra a autonomia das
instituições de ensino e pesquisa. O processo sistemático de
chicanas, violências, intimidações e arbitrariedades culminou
com o expurgo de nossos mais qualificados cientistas e profes- /
sores, como Florestan Fernandes, José Leita Lopes, Mário Schemberg, Luís Hildebrando Pereira da Silva, Jaime Tiomno, Hélio
Lourenço da Silva, Haity Mossatché e tantos, tantos outros. Isto
sem falar em centanas de vítimas do terrorismo de Estado que,
sem o amparo de uma situação estável na Universidade, tiveras
suas carreiras bruscamente truncadas pelo cancelamento de comtratos, pelas perseguições, pelas prisões, pelo exílio.

Ainda assim, o obscurantismo oficial não conseguiu aniquilar o esforço de reflexão crítica no âmbito universitário; e esse empenho, como o demonstram as reuniões anuais do SBPC, em momento algum se dissociou do movimento pela volta do regime democrático, que hoje mobiliza a sociedade brasileira por inteiro.

Nessa luta comim a todos, dentro e fora da Universidade, exigimos e nos comprometemos a lutar pela reintegração plena de todos quantos tenham sido compulsoriamente afastados de sua atividades nas instituições científicas do país - condição indispensável para que a Universidade reconquiste a independência da qual foi despojada.

REINTEGRAÇÃO, JÁ ANISTIA, JÁ DEMOCRACIA, JÁ

Fernando Henrique Cardoso Candidato ao Senado - MDB

Audálio Dantas - MDB n9404 Candidato à Câmara dos Deputados

and Marero

008

PARAPEPUTADO ESMADIAL FELIANDO MIDAE MDB Nº 141/3

Comitê Eleitoral da candidatura Fernando Morais - Boletim informativo n.º 1 (Rus Arthur de Azevado, 2124-A - Fone 813-9520 - Pinheiros - SP)

FERNANDO MORAIS:

PARAGERE ENGINE

## AMISTIA PARA A GIÊNGIA!

A venera, para etingu as tronteiras do conceimento (tre a gend da 30.2 Recuendo Annal da Societado fros deira para o Progresso da Ciencia), secessita da liberdade. E se a ciencia mesestia da liberdade e y a plena realização, da não pode conver com o arbitro.

O regime democrárico e popular pelo que de temos será uma ficção se uña for possivel libertar a ciência das peias de poder. Nossas, universidades não se telilegros es todos aqueles que foran computaviamente afastados de suas atrividades por força de preparência e do arbitrio

enfim, do obsevantamo cultural. A segão exige que à Universidade seja devolvina parte preciona do patrimônio cultural de nosso povor Fernando Henrique Cardoso, Morio Schemberg, Pouls Duarte, o saido-so Anisio Telecina e tantos outros e todos, no passado ou no presente, sempre comprometidos com a luta por nossa emancipação e pela formação de um persantestá vivo, extiteo, capaz de apontar as caminhos para a superação do subsidesenvolvimento. E por isso meximo algados

dos centros de cultura, ha dez anos, por mais um ato de violência. Jo re ame

Não haverá d-moveracia no pats sem que o observantirios seja definitivamente seguitada e os erros do passado corregidos pelas conquistas democráticas do presente.

Entre aqueles aposentalorias e o presenze; entre a subordinação do pensamen to à jorça e e atual etana da heta demontatien, norsa història tem side marcala por imaneros episódios de perseguação à inteligência. Primeiro foi a evasió de cérebros para o exterior, a evidenciar que en noiso. pair e cultura foi considerada pelos preferosos cuoto immiga do Estado; depois, este marma Estado tentou moblar a Universidade à sua imagem e semellença - as representações estudantis foram sufocathes: a trispem ideologica aniquitou a possibilidade ex critico e trouxe nos centros de ensina e pesquava a paz dos cemi-terios. O corto de verbas para o ensino superior deixou clara a opção oficial pela dependência tecnológica externa (complemento para sua política reconômica antipopular e a serviço das grandes corporações internacionais) em detrimento da cração de soluções tecnológicas voltadas pera nossas reas necessibiles. A alienção paracionaise pelo Estado passou a ocupar o luçar do pensamento e-viço.

No ano passodo, quasdo a governo procurcir salestar a realização da 20, a Reunião da SBPC. Jicon pasente que do abual regime nada mais se pude esperar senão a permanente marginalização e per segução da crênira. Por outro lado a realização da Reunião, apissar do boséo te oficial mostrou que é cliegado o normento de se dizer um hasta. Daquela usua até lorje, foi criada a UEE SP, se for adecerom ae associações de docertes (ADUSP, ADUNESP e ADUCAMP) e os cientistas voltan a falar por sua projeta voz. E todos eviçõem a onivia para o ciencia libertinde de enstrar e de apre..., condições dignar de trobalho o reconhecimento da critica como elementa central os criações o científica.

Nossa luta por um regime democratico e popular melui, pois, a libertação da ciênçe da tutele un regime. Esta tutelo só territamá quands efetivamente houver liberdade de organização e expressão para
todos, quando neabarem as perseguições
políticas e a automonia universitárie for
restanuada; quando a política científica

de ensino e de pesquisa foi definida pela comunidade académica e não noi gabinetes ministeriais, quando os exilados e banidos forem anistrados e os cientiseas atingidos pelos atos de exceção reintegrados pleisamente em suas entigas funções.

dos periamente em sias entreos funçoes. Por less, ao completar seus 30 enos de existência, a SBPC vive um momento pleno de significação historica não so para seus integrantes mas para todas es forças democráticas e populares em una contra o regime. A sociedade está em vias de se er meipar políticamente arayés do reobitização e da organização de todas suaz forças vivas na hota pelas liberdo des comocráticas. Ao participarem desta luta maior, os exentistas não só estão recitando as condições para o exercício da crítica que focunda toda atividade de crismo e pesquiso, mas, tambêm, ajudando a sepultar definitivamente aquela que foi, para todo o povo, uma época de opreisão c obsengantismo cultural.

# A INTELLIGIANCIA PROSCRITA

No momento em que as forças democráticas do país unem-se na luta comum por uma anistia ampla e litestrita e todos os brasileitos perseguidos, presos, torturados e condenados por suas ideias políticas, a tealização da 30.8 Reunião Anual Ca Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência tem cumo um de sem iniludiveis ternas de debate um dos muitos crimes cometidos pelo regime contra a comunidade científica nacional as perseguições, os expurgos e as aposentadorias compulsórias de várias centenas de professores em todo o país, num processo discricionário e violenta iniciado togo após o movimento militar de 31 de morço de 1964.

Muitos não resistiram à voragem do arbítiro e hoje dão sua contribuição à Ciência em centros de estudos internacionais regidos pela inteligencia, e não pela força.

Outros aqui ficaram, banidos de sua própria comunidade, exilados em seu próprio país, sem conseguir saler sequer de que são acusados. E, o que é mais absordo, privados de um dos mais elementares direitos do lomero o direito ao trabalho. A aposentadoria compulsória não foi a mais draconiana das medidas de exceção impostas, entre outros, a cientistas como Mario Schemberg, Fiorestan Fernandes, José Leite Lopes, Luis Hildebrando Pereira da Silva e ao sandoso Anísio Teixeira, idealizador, junto com Darcy Ribeiro, outro punido, da Universidade de Brasília. O Ato Complementar n.º 77, editado em outubro de 1909 pela junta militar que suceden ao marechal Costa e Silva, virtualmente proibiu que os atingidos pela legislação excepcional exerçam livremente sus profissão. Segund vaquele Ato, os punidos não podem trabalhar em estabelecimentos públicos ou privados que de qualquer m. - recebam algum tipo de subsidio governamental.

"É o documento mais vergonheso, em metéria cultural, de que se tem motica no Século XX", diz o professor Mario

Scheroborg, de 62 anur, ex-catedrático do Instituto de Fisica da Universidade de São Paulo, aposentado compulsoriamente em abril de 1969. "On desdobamentos erám claroc", diz ele, referindo-se ao AC -77. "No Brazil, praticamente today as escolas recebem distieto do governa. Assim, não teriamos mais condições de trabalirar no país, já que na arrazafora maioria dos casos era impossível viver só da aposentadoria." Assim, os professores mais jovens tiveram sua própria subrevisência básica ameaçada "A apose/atarois compulsoris trouxe consigo uma irregularidade nunca esclarreida", lembra Schemberg. "A remuneração tra relativa ao tempo de serviço, o que ("legal, pois se o governo aposenta um funcioasino é obrigado a the pagar o salário total." Com isso, muitos tiveram que abandonar o país, pois nem mesmo a faicintiva privada

nodetia empregi-los, já que turbém sofriam pressors de go erno. Schemberg lembra especialmente o caso de cuna professora, biologa do Instituto Butanta, aposentuda compulsoriamente. Um laboratório particular de análises clínicas pretendra empregia-la mas acabou destatindo, diante das pressões da repressão. "Analisar a urina dos outros representa algum risco para a segurança nacional?", pergunta Schemberg.

Muitas vezes, porém, o regime for ella das pressões. Houve casos dramáticos como o da professora Maria Nilde Miscelani, aposentada por decreto, em novembro de 1970. Presa sob vagas atusações de atividades subversivas, foi barbaramente torturads até ficar cega de um olho. E era absolutamente inocente. Em junho do ano passado, Maria Nilde foi absolvida pela Justiça Militar — mas até hojo não recebe sua aposentadoria, em conseqüência de um misterioso bloqueio de seus pagamentos.



Cardoso: aposentido; por que?

A prepotência e a nito-suficiência do regime, respeldado por um manancial de leis de exceção, dispensaram-no até mesmo de preocupar-se com acusações formais para punir seus desafetos. Aposentado compulsoriamente em abril de 1969, o jornalista e professor Paulo Duarte, de 78 anos, jamuis conseguiu saber o motivo da ponição que o afastru da direção do Instituto de Pré- História da Universidade de São Paulo. Seu advogado percorreu tribunais, órgãos policiais e nulitares, em Brasilia e no Rio de Janeiro. e não encontrou nenhum processo, nenhum documento que pudesse revelar as razões que levaram o governo a punido "O único Jocumento que existe sobre men afastamento é um comunicado publicado pelo Diário Oficial da União, no qual o meu nome (o) incluído clardestinamente", diz Paulo Durite.

"Nas piones ditaduras que o mundo conheceu até agora", sfirma Mario Schemberg, "os punidos sempre socberam de que eram acusados. Aqui, não. Nenhuma explicação foi dada. Isso toma a defesa impossível. Se vocé não sahe do que é acusado, como se defendes e apresentar algum recurso? " É o caso, por exemplo, do sociologo Fernando Henrique Cardoso, também aposentado em abril de 1969 sem saber porque. Depois de passar cinco anos no Chde e na França, Cardoso regressou ao Brasil em 1968 e prestou concurso de cétodra em Ciência Política. Em abril de 1969, quando regressava para casa, ouvia pela Voz do Brasil a lista de aposentados com o seu nome entre eles "Estive cinco anos fora", diz ele, "Estavain me acusando de que? Mas o meu caso e o de outros não são os piores. Não há anistia que corrija o que ocorreu com centenas de pessoas que não tinham uma situação boa, de catedrático, de livre-do-." De fato, muitos desses professores tiveram seus contratos cancelados, não puderam ser readmitidos em outras escolas e foram obrigados a sair do poís, para poderem sobreviver.



Paulo Duarte: sem processo

Há outro aspecto, ainda, que segundo o Cardoso deve ser considerado: "A resistència na universidade não foi grande. No Itamaraty, por exemplo, onde houve menos punições, a resistência foi maior. Realmente, houve uma caça às bruxes desenfreada nas universidades. O reitor da USP, o traculento Luis Antonio de Gama e Silva, era ministro da Justica; interessava a muitos professores comin dar um expurgo ideraogie i em s'eterminados serores universitários onde sobreszasa-se um espícito de luta mais nítido, once surgiam algumas nucranya tantes. Um coronel, responsivel p. la preisso claramente. "Quem levou os militare. para dentro da l'acuidade de Filosofia da USP foram as próprios professores", disse ele. "Houve um processo cujos responsáveis erum três professores da Universidade", lembra Fernando Henrique Curdo-so, "e esses professores pediam mais cassações do que as feitas pelos militares." Tals prepostos do regime defendiam. inclusive, uma ampla sindicancia interna na Universidade. "O processo ativo denuro da instituição não foi apenas uma intervenção militar", diz Cardoso, "Havia uma direita ativa que promovia uma caça as bruxas. Felizamente, muitos professores dignos resistiram e enfrentaram o perfodo. mais negro, de medo generalizado, que prejudicou a formação de algumas gera-ções, especialmente entre 1969 e 1974."

Como contgir tais injustivas? Como reintegrar estes cientistas à comunidade nacional e resistir às listas secretas que ainda circulam por nossas instituições de ensino e pesquisa, com talvez milliares de nomes considerados "indesejáveis"? O país não pode mais assistir a atos de



Mario Schembary: "Uma vergonhal"

obscurantismo desenfreado como a exputsão, em 1970, de dez renomados cientis tas do Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, que foram aposentados computscriamente e tiveram seus direitos políticos cassados. Com mais essa agresião à inteligência, o governo do general Carras tazu Medici interrompeu trabalhos mopor tantíssimos que estavam se desenvolvendo nos campos da Biologia, da Entomologia e da Química. Os cientistas - Herman Lent, Fernando Biaga Ubatuba, Haity Moussatché, Huge de Soura Loges Moussatché, Huse de Souza Lopes, Augusto Cid Mao Perissé. Sebastiño José de Oliveira, Loaci: Vaz de Andrade, Tito de Arcuve de Cavalcante, Masao Goro e Domingo Machado Filho - descrivolviam cançadas pesquisas sobre a doença de Chagas, malária, química de intetos, entorpecentes etc. Alguns desses homens tinham centenas de traballos publi-



cados e mais de 25 anos de serviços a ciencia e foram violentamente afastados de seu trabalho. E por que? Por um ato de vingança pessoal do poderoso do dia o ministro da Saúde, Rocha Lagoa. Nesse aspecto, é esclarecedor um depoimento do ex-ministro Leonel Miranda, que quando no posto pretendia numear o sr. Rocha Vigoa para o Instituto Oswaldo Cruz. Ett.; disse que só aceitava se fossem demitido algum cientistas que ele considerava subversivos. "Onde estão as pro-, pergunton Miranda. "Alt, os IPMs os absolveram porque os cientistas são muito inteligentes e conseguiram ludibriar a boa fé dos militares", respondeu Rocha

Nos últimos anos, a história da Ciência brasileira está pontilhada por fatos como este. É preciso denunciá-los è, mais do que isso, iniciar uma campanha nas universidades e centros de pesquisa no sontido de que os crimes cometidos contra esses cientistas sejara ao menos reparados. Que eles sejam reintegrados so trabalho livre e com o pleno gozo de seus direitos políticos. É necessária, também, a anistia para a Ciência. Já.

Integra do Ato Complementar n.o 77. "Os ministros da Marinha de Guerra, do Exército e da Acronáutica Militar, usando das atribuições que lhes confere o artigo 3.º do Ato Institucional n.º 16, de 14 de outubro de 1969, combinado com o artigo 9,0 do Ato Institucional n.º 5, de

de dezembro de 1968, e tendo em vista o artigo 3.º do Ato Institucional n.º 10, de 16 de maio de 1969, resolvem

baixar o seguinte Ato Complementar: Art.I.º - Todos aqueles que, o - Todos aqueles que, como professor, funcionário on empregado de estabelecimento de ensino público, incorreram ou venliam a incorrer em faltas que resultaram ou venham resultar em sanções com fundamentos em Atos Institucionais, ficam proihidos de exercer, a qualquer

título, cargo, função, emprego ou stividade, em estabelecimentos de ensino e em fundações criadas ou subvencionadas pelos poderes públicos, tanto da União, como dos Estados, Distrito Federal, Territórios e Municípios, bem como em instituições de ensino ou pesquisa e organizações de interesse da segurança nacional.

Art.2.0 - Ficant nulos, de pleno direito, os atos praticados em desacordo as disposições do presente Ato Complementar.

Art.3.9 - Este Ato Complementar entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em coutrário."

## ulia cambidatura delicográfica

Pontos programáticos \*

Luts contra a regime do crande capital monopolista

O que significa conscientizar e mobilizar as forças da democratização não acontre a forma militar do atual regime, mos também para a recusa prática de toda solução juridica a atual crise que, atravás de "reiormas liberalizantes", deixe infactos os fundamentos do regime a serviço do grande capital monopolista, tanto no campo da política como da reconomia, bem como a rev gação de toda a legislação de exceção.

Luta pala conquista e consolidação des liberdodes demorráticas, em especial as liberdodes fundamentais para as classes trabalhadoras.

Reconhecendo-se que as clarses trabalhadoras são aquelas que, na hua, levam sté as últimas conseqüencias as reivindinações democraticas, é na conquista de seus direitos e libe lade — particularmente o direito de greve e de livre organização e expressão em todos os niveis — que residem as garantias dos direitos e fiberdade dos demais setores sociais em contradição com o regime do grande capital. Portanto, a luta pela anistia, pela livre

Portanto, a luta pele anistia, pela livre organização estudantil, pela liberdade de imprema e informação e todo o conjunto de bandeires que aglutinam a oposição democrática, para secem consocilentes e e consolidarem como conquistas práticas, necessitam estar fundamentadas na luta de todos os setores pelas liberdades das classes trabolhadoras.

Luta pelo respeito aos direitos humanos e pela voits das Porças Armadas a seu papal constitueirad, pola revogado de tada legislação que propieta a perseguição poládos e a timpunidade dos perseguidores.

Para que a lota pelas liberdades democráticas pova se deservolver, é necessário
pór fim a todas as formas de coação, tostora, perseguição política e prisões por
motivos políticos. Estas formas de repressão, que constituem violações aos
mais elementares ducitos da pessos human, estão respolándas não só em toda um a
legislação excepcional que garante a primazia dos direitos da política e de órgãos
das Forças Armadas sobre os direitos do
cidadão, como também tem par fundamento ideológico a doutrina autithemocrática de que paracelas da propulção
constituem "intirigos Internos" do Estado. A reformulação dessa doutrina e a
desativação diaquotes órgãos de repressão
que constituem seu desdobramento prático significam a democráticação das Forças Armadas e das forças policiais — com
o retorno ao papel constitucional que lhes
reservam os regimes democráticação que é a
defesa da sobraraia nacion de, no plano
interno, a defesa da ordem constitucional
e das liberdades públicas e privadas

Luta pela melhoria das condições de vida da população

O que significa, nas lutas congretas pelas liberdadas democráticas, a incorporação das intex de cunho reivindicatório que visem, em todos os sentidos, pressionar o Estado para que direcione suas políticas setoriais pura a satisfação das necesidades básicas de todo o povo selarios dignos, atendimento de saúde, melhoria dos fransportes de massa, política habitacional voltada para as necesidades dos

setores de baixa renda, educação gratuita para todos e em todos os afreis, uma política de uso do solo urbano que ponha fim à especulação imobiliária etc.

Luta por una reforma agrária democrática

São os trabalhadores do campo as grandes vitinas de uma estrutura agraria latifamidata que os priva do poucipal meio de produção. Garantir-lhes o direito à livre associação, propietar a extensão da legislação trabalhista a todos os trabalhadores do campo e, principalmente, seu acesso à terra segundo principio de "terra vegundo principio de" terra vegundo principio de "terra vegundo política e econômica do bennem do campo.

Luta por eleições livres e diretar em todos os niveis

Num clima de liberdade de organização e manifestação é fundamento que se
resupere o prinscipio da representação
política como fundamento da sociedade
democrática. As eleições indiretas comespondem à necessidade do grande capital
de centralizar o poder político na esfera
de seus representantes diretos. Tal tita
huplica, pon, a revogação do "Facute de
Abril", da Lei Falcão e de todos os dispositivos que impodem a representação popular tos cargos executivos.

Lula pela constituição de um governo de transição

A organização popular, um proceso longo e contínuo, não se faz da noise para o día. Necessira-se de um perfodo em que, abolidos os entraves à livre organização e membranção, todas as concates ideológicas e políticas que se abrigam no seio de nosso povo possam se estruturar, sob a forma de partidos, para disputar a condução dos negócios do Estado em pleito democrático — através do sufrágio universal, direto e secreto de rodos os brasileiros maiores de 18 anos, inclusive os analfabelios.

Portanto, deve se lutar pela constituição de um governo de transição como alternativa às "reformats" do rejune, que desde Já carecem de legitimidade pois não serão feitas segundo a livre manifestação da ventade propular.

Pela cunvocação de uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberano

Após um período de transição em que o governo deve garantir es mais amplas e irrestritas liberdades públicas e privadar quando a população estiver organizada em pactitios e entidades representativas de suas mais diversas tendências democráticas, a convocação de úna Assemblela Nacional Constituinte deverá dotar o Estado de nova forma jurídica, consolidando as conquistas populares na luta centra o regime do grande capital monopolista, instaurando-se airavés da Constituinte um regime de plena democrácia, girantida pela mobilização e organização das classes trabalhadoras e amplando o terreno político em que se darlo suas futuras conquistas.

\*(Extratdo do anteprojeto de cartaprograma preparado pelo condité eleitoral da candidatura de Fernando Morois.)



#### o idminalista, o escritor: occupidato

Fernando Gomes de Morsis, 32 anos, atual vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, começou a profissão aos 14 anos, como repórtes de una revista de empresa, em Belo Horizoate. Ainda na capital mineira, trabalhou como repórter estagiário na TV. Bene Horizonte e no Diário de Minas.

Munas.

Em 1966, mudou-se para São Paulo, onde, depois de trabalhar como repórter do jurnal A Gazela, incorporou-se à cupil-pe do recém-fundado Jornal da Tarde. No IT, Fernando foi sucessivamente repórter, redator, subeditor e repórter, redator, subeditor e repórter personal. Neste período, de 1966 a 1974, Fernando Morais foi também redator da Folha de São Paulo, chefe de reportagem da TV Cultura de São Paulo, canal 2, e colaborador do jornal Opinião, das revistas Status e Homem e editor das revistas Bondinho e Ex.

Em 1974, deixou o Jomal da Tarde, sendo convidado a trabalhar como repórter na revista Visão, onde, meses depois, passou a editor da seção cultural. Ao sair de Visão, ajudou a montar, como editor, os primeiros números do jonnal Aqui São Paulo. De 1976 a 1978, foi editor assistente da revista Veja, de onde saiu para trabalhar como repórter da revista Repórter Três. Atualme de, alóm de ser reporter especial da revista Status, Fernando Mortais é collaborador dos jornais Movimento. Amanhã, Versus e Leia Livros. Reportagens de sua auturia tocarri publicadas nas revistas Le Nouvei Observateur (Prança).

Atlas Report e Penthouse (Estados Unidos), Panorama (Itália), Cambio 16 (Espanha) e Der Spiegel (Alemania). Em 1970, com a série de reportagena

Em 1970, com a série de reportagena Transamazônica, recebeu o "Premio Esso de Repottagem", e, em 1977, gonhou o "Prémio Abril de Jornalismo" como membro de uma cunipe que fez a cobertura das eleições "umicipais de 1976. Dois de seus lieros, Transamazônica (1970, Editora Brasiliense) e A Ilha (1976, Alfa Gnega), transformarm-se em "beat-sellers" nacionais. Este último, uma reportagem sobre Cuba, está stualmente na 14.º edição, tenda vendido mais de 60 mil exemplares. A Ilha foi editado também no México, Espanha, Venezuela e Argentina (La Isla, Editorial Nueva Imagen), Estados Unidos (The Isiand, Laria American Associates) e Alemanha (Dans Insel, Peter-Hammer Verlag).

Em 1975, durante a 28.º Reunião

Em 1975, durante a 28.º Reunião Anual da SEIC, em Brasília, Fernando Morais publicou na revista Veja, através de entrevistas com os mais expressivos cientistas brasileiros, um amplo painel de denúncia da opressão do regime contra a universidade brasileira e a liberdade de pesquisa. Fernando Morais foi, também, o primeiro jornalista brasileiro a entrevistar o presidente de Cuba. Fidel Castro, após o rompinuento de relações entre Cuba e Brasil, em 1904.



"Nós, que defendemos a união de todas as forças democráticas e populares do Brasil, estamos conscientes de que é fundamenta i tornar o Parlamento cada vez mais uma trincheira dos interesses das classes trabalhadoras.

Una Parlamento forte, cujos membros representem os mais legítimos anseios do povo, é um instrumento decisivo na luta pela melhoria das condições de vida da população e contra a legislação excepcional imposta à Nação pelo regime vigente.

Nós, que lutamos pela anistia ampla e irrestrita, pela liberdade de expressão e organização, pelo respeito aos direitos humanos, pelo direito de greve e por um regime democrático e popular, manifestamos publicamente nosso apoio à candidatura a Deputado Estadual pelo MDB de São Paulo de um defensor desses princípios, o jornalista Fernando Morais".

Almyr Gajardoni Ana Veronica Meauner Anuly Forster Antonio A. Arantes Antonio Callado Antonio Candido Antonio Mendes Ir. Amaldo Contier Audilio Dantas Augustin Wernett Augusto Boal Augusto Nunes Bolivar Lamounier Boris Schnaiderman Bruna Lombardi Cajo Prado Ir. Carlos Alberto Dória Carlos Alberto Ricardo Cerlos Guilherme Mota Chico Buarque Chico Pinto Darcy Ribeiro David de Momes Duglas Teixeira Monteiro Edward da Mata Machado Elifas Andreato Enio Silveira Ercílio Tranian Eunice Durham Eurico Andrade Fábio Wanderley Reis Fátima Jordão Fernendo Jordão Fernando Mangarielo Fernando Mitre Fernando Peixoto

Fernando Pessoa Ferreira Gullar Flàvio Márcio Floreston Fernandes Francisco B de Souza Neto Geraldo Mayrink Gianfrancesco Guarrieri Gilberto Mansur Humilton Almeida Filho Hélgio Trindade Henfil Ignácio de Lovola Italo Tronca houn Angelo Jacques Brevton Tean-Claude Bernardet lefferson Del Rios Ioão Antonio João Belline Burza John de Souca Jorge Escosteguy José Carlos Estevão José Eduardo F. Freire José Hamilton Ribeiro José Louzeiro losé Zatz Juca Kfouri Leilah Hssumpção Leonel Itaussu Mello Lia Klbeiro Dias Ligia Fagunules Telles Luis Carlos de Menezes Ruiz Roncari Lysâneas Maciel Márcio Soura Márcio Valente

Moria Stella Brescianni Mário Escobar de Andrade Máno Prata Modesto Carone Mucio Borges da Fonseca Narciso Kailli Nilce Tranjan: Nirlando Beirão Olavo Brasil Lima Ir. Paulo Patarra Perseu Abramo Pedro Simon Plinio Dentzien Regina Chnaiderman Regina Durate Reinaldo Xuvier C. Pessoa Renato Borzhi Ricardo Maranhão Roberto Drummond Roberto Ramos Aguiar Rodolfo Konair Roniwalter Jatobá Ruth Escobar Sérgio Buarque de Holanda Sérgio Cabral Sérgio Sister Sérgio de Souza Thiago de Mello Wander Piroli Wagner Carelli Wilson Moherdaui Wolfgang Leo Maar Zélio Ziraldo Zuenir Ventura

FERNANDO MODAS

LEPURADO ESTADUAL MOBINE 1473

COMITE: R. ARTUR AZEVEDO, 2124-A.- FONE: 813-9520-PINHEIROS-SÃO PAULO

013 A BALLAN PRECO MINIMO CES 200. SOCHARIST. RENTE DE EDEMOCRATIZAC o ELEICOES COPA DO · MIEDIC EM GREVE

#### Editorial

# LEGALIZAÇÃO JÁ!

Em 28 de janeiro realizamos uma reunião e resolvemos lançar um manifesto de formação de um movimento de unidade. Um movimento de convergência de todos aqueles que se reivindicassem socialistas, e que desejassem a formação do Partido Socialista. Denominamos o movimento que ali se infeisava de Convergência Socialista. De 28 de janeiro a 28 de junho passarant-se 5 meses. Meses de discussões, de lutas e experiências.

Orientados no sentido da unidade, nehamos que a divisão dos socialistas só interessa aos reacionários e oportunistas, aos inimigos dos trabulhadores, da demueracia e do socialismo. A luta pela unidade dos socialistas não era só uma necessidade, era e é também um dever. Ea Convergência Socialista serviria para unit todos os companheiros de forma democrática, através da discussão e do trabalho na luta pela construção do partido que todos queremos.

Essa luta deveria ir se dando, aproveitando trodas as brechas legais, criadas pela crise do sistema e pelo avanço do movimento de massas. No entanto, após 5 meses, vernos que não consegvimos unir todos os companheiros nessa luta comum. Uns por não considerarem, este, o momento oportuno de nos lançamos num movimento aberto pela construção do Partido Socialista. Outros por alegarem divergências das quais

não temos conhecimento.

Se não conseguimos unir a todos, conseguimes unir muitos. Hoje, a Convergência é um movimento nacional, que tem apoio e simpatia em diversas camadas da sociedade. Estamos organizados em alguns estados e uso organizando em outros. Integrando jovens e velhos companheiros; estudantes, trabalhadores, intelectuais, negros, mulheres... Esse crescimento, sem dúvida foi prodato de condições objetivas, da existência de uma corrente não organizada pró-socialista a nivel nacional e da reanimação das lutas populares. E também da justeza e da amplitude de nossas respostas políticas.

Reivindicamos o acerto político de termos compreendido o momento certo e a necessidade de lancarmos o movimento de construção do Partido Socialista, e criado formas dos trabalhadores construirem seu próprio partido.

#### A LUTA DOS TRABALHADORES E A CONJUNTURA.

A nossa luta sofreu mudanças de qualidade nestes meses. Por diversos fatores, entre os quais e fundamentalmente o processo de greves que se iniciou ao ABC e se estendeu por cutras regiões. Impulsionando unta esquerdização, uma politização da sociedade. O sistema que ja estava em crise, e por isso, cada vez mais isolado, em decomposição, tem o seu fim acelerado com a volta dos trabalhadores à ceua política, as mais interessados na luta pelas liberdades democráticas e pelo fim do goscrno ditatorial.

Hoje estamos muito mais fortes para levar essa luta adiante. Com a greve do ABC, muitos operários se aproximaram do nosso movimento. Alguns já nos conheciam por termos participado do 1º de maio unitário, realizado em Santo André, quando alguns dos oradores se colocaram como socialistas e da Convergência, e quando foram vendidos mais de 1000 jornais, propugandizando as nossas povições.

Com as greves, outros trabalhadores vieram nos

Com as greves, outros trabalhadores vieram nos conhecer atravée da no a atuação no dia-a-dia da luta. Milhares e milhares de boletius, colocando o mosso apoio ao movimento, foram distribuídos. Esse fato é fundamental para compreender a mudança de qualidade, a modança da composição social que soficiu o nosso movimento nesses tempos.

#### OS SOCIALISTAS E A FRENTE

Diante da situação explosiva da sociedade como um todo, as contradico, a inter-burguesas aparecem à luz do dia e de forma cada vez mais violenta. A burguesia busca saidas que mantenham sua hegemonia e o regime capitalista. A Frente Nacional pela Redemo-

cratização é uma delas. Embora positiva na medida em que expressa o aumento da crise, o isolamento do governo militar e defende algumas questões democráticas importantes, é negativa por criar uma opção de governo burguês, que mesmo sendo mais democrático não resolverá os reals problemas do povo hractieiro. Além disto busca iludir às classes médias e trabalhadoras, para que acreditem que as liberdades democráticas e os interesses dessas classes dependem muis dos conchavos e da boa vontade das classes dominantes, que da mobilização e organização dos trabalhadores e das massas exploradas.

Mesmo que realizemos algumas lutas de comuna acordo com os setores burgueses e pequeno-burgueses cuatra o regime militar e pelas liberdades democrátiras, é tarefa dos socialistas defender a independência política dos trabalhadores na luta pelos sens reais interesses e pela sua emancipação. Tarefas que só poderão ser realizadas pelos próprios trabalhadores e que frente burguesa alguma poderá conquistar.

Nos socialistas, defendemos um governo dos trabalhadores que são a maioria da nação.

A combinação de uma situação que indica o fim do governo militar e as liberdades democráticas de um lado, e o nosso crecimento do outro, determina nova:

#### NOSSAS TAREFAS

As tarefas que temos assuntido em todo asse tempo são o premúncio do nosso lançamento como partido. Estamos nos organizando em diversos estados e em diversos setores e estruturando uma tendência socialista dentro do MDB. Após "anos, os socialistas voltara a aparecer abertamente, não só na luta de classes como a nivel de superestrutura; não só em sindicatos e jornais, mais também no parlamento e em discussões com dirigentes de outras classes e setores sociais.

O deputado federal J.G. de Araújo Jorge considerou, em discarso na cârnara, a Convergência Socialista como um fator muito mais importante para os trabalhadores e para as liberdades democráticas que a Frente Nacional pela Redemocratização, já que lutávamos pela construção do Partido Socialista. Os candidatos socialistas e or-árcios, que apoiaremos nas próximas eleições, são para ela grande inta pela construção do partido e pela defesa dos interesses democráticos e

Desemos aproveitar todas as contradições interburguesas, todas as brechas do sistema, para dar novas passos na construção dos organismos dos trabalhadores e na construção do seu partido. Para isso desemos ao mesmo tempo manter e reforçar a luta das forças demoer sticas contra o regime militar, apoiar e participar das lutas dos trabalhadores pelos seus interesses imediatos, e lançar a luta pela legalizado do Partido Socialista.

Hoje estamos elaborando um ante- projeto de programa e de estatutos do partido, que deverão ser discutidos, enriquecidos e modificados pelo enquado do nosso mosimento. Após essa aprovação, discutiremos notamente com todos os grupos socialistas que conhecemos, objetivando nossa unidade pela construção do nosso partido.

Chamamos todos os companheiros socialistas a se integrarem nos diversos comités ou formar novos comités da Convergência. Diante de acontecimentos conto as greves operarias, a tentativa de reorganização da hurguesia através da Frente Nacional pela Redemocratização, as investidas do governo com reformas políticas, e a proximidade das eleições parlamentares, união de todos os socialistas em um só movimento é fondamental. Com as perspectivas de uma mudança na sociedade, nossa resposta deve sea uma só. Renovamos nosso chamado à unidade.

#### Julio Tavares

Coordenação Nacional da Conv. Socialista

## ABRA OS OLHOS COM A

É bom abrir o olho com essa Frente... Quem está nela? Até que ponto ela responde aos anseios dos trabalhadores? Que setores ela representa? É bom abrir o olho...

O regime autoritário imposto ao povo brasileiro está em decomposição, vivendo a sua errie mais profunda e perdendo seus aliados. Até o exercito está dividido em alas. Tudo isso leva a um acentuado processo de isolamento do governo e desgante do sis-

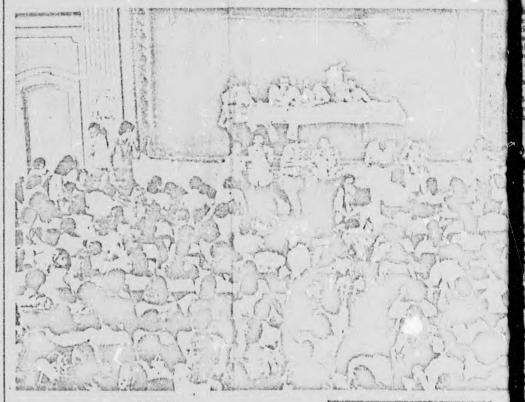
Tendo essa situação como pano de fundo é que surge a Frente Nacional pela Redemocratização. É o que é importante, surse para canalizar para um projeto birquês o descontentamento e o ânimo dos trabalhadores. Não é atoa que a Frente só toma forma após a greve do ABC. Seus integrantes, apesar das diferencas, estão unidos por um programa que co-

loca alguns pontos democráticos, que vai do fim do governo militar até um projeto de governo burgues. Na realidade é uma saida que está estraturando a burguesia para se contrapor à crise do regime e o ascenso do movimento de massas. Uma volta controlada ao estado de Direito.

volta controlada ao estado de Direito.

Assim, se essa Frente é positiva de um lado, já que coloca algumas reivindicações democráticas e o fim do governo militar, é negativa de outro quando não tem um programa claro de luia e quando indica um novo governo burgues, uma nova forma, mesmo mais «democrática», de exploração. E nós estamos pelo fim do regime de exploração. Estamos por um governo dos trabalhadores. Não podemos deixar de proceder a classica separação; trigo de um lado, joio de outro. Não podemos deixar de proceder a classica separação; trigo de um lado, joio de outro. Não podemos deixar de dizer aos trabalhadores que alguns destes que hoje estão na Frente defenderam como necessária a intervenção armada contra os trabalhadores me 611 Apoiaram publicamente todas as medidas antipopulares dos governos ditatoriais! Fizeram parte deles! Diremos e diremos claramente.

Como os me berdados demo mos estas libera dos os que estas da regislação pela aristia dimidiata de todos o vres e direitas e diato do regime Assemblem Cor com a participac inclusive do Partista. Por um a por uma pova la direito de greve dos Gadicatos de essenciais sem o tico se mostrará dado, interess



## AGORA OS FUNCIONÁRIOS

A política do arrocho salarial, vigente em nosso país, atinge niveis insuportaveis rembém ao funcionalismo público. Por este motivo, os funcionarios da USP se mobilizam na luta por uma remuneração mais justa, recondicando aumento salarial de 20%.

Um abaixo-assinado com mais de 2,000 assinauras, contendo as reivindicações da categoria foi encaminhado ao reitor que no entanto não recebeu a comissão de entrega, preferindo recepcionar o rei de uma tribo da Nueria.

Disceram os funcionários; «É, o renor so recebe reis ".»

Mas a luia continua e os compa-

Mas a luia continua e os compa- mobiliza contra nheiros tuncionários da USP, mesmo- pressão salarial.

sem o auxilio da direção pelega da ASUSP — Assuciação dos Funcionários da USP —, paralizaram suas atividades no atimo da 26 de junho, quando ficaram em assembleia permanente e realizaram uma passeata com mais de 500pessoas no campus.

A luta não pirou e vid continuar até a vitória. Viforia que também implica na substitução da atual direção da ASI SP e esição de outra verdaderramente representativa, que lute pelos interesses de categoria.

Nós da Convegência Socialista nos solidarizamos con a luta dos funcionacios da USP, bais um setor que se mobiliza contra a política de compressão salarial.



## BRA OS OLHOS COM

E bom abrir o olho com essa Frente... Ouem está nela? Até que ponto ela responde aos anseios dos trabalhadores? Oue setores ela representa? E hom abrir o olho ...

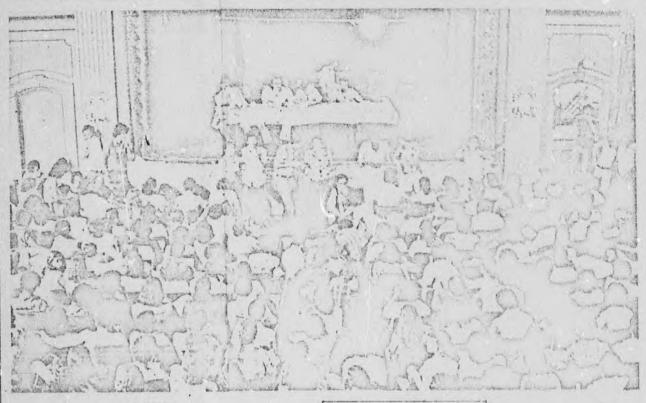
O regime autoritário imposto ao povo brasileiro está em decomposição, vivendo a sua crise mais pro-funda e perdendo seus aliados. Até o exército está dividido em alas. Tudo isso leva a um acentuadoprocesso de isolamento do governo e desgaste do sis-

Tendo essa situação como pano de fundo é que surpe a Frente Nacional pela Redemocratização. É o que è importante, surre para canalizar para um proieto burguês, o descontentamento e o ânimo dos tra-balhadores. Não é atoa que a Frente só toma forma após a greve do ABC. Seus integrantes, apesar das diferencas, estão unidos por um programa que co-

loca alguns pontos democráticos, que vai do fim de griverno militar até um projeto de governo bur-guês. Na realidade é uma saida que está estruturando a burguesía para se contrapor à crise do regime e o ascenso do movimento de massas. Uma volta controlada ao estado de Direito:

Assim, se essa Frente è positiva de um lado, já que coloca algumas reivindicações democráticas e o fim do governo militar, è negativa de outro quando não tem um programa claro de luta e quando indica um navo governo burguês, uma nova for-ma, mesmo mais ademocráticas, de exploração. E nos estamos pelo fim do regime de exploração. Estamos por um governo dos trabalhadores. Não podemos deixar de proceder a clássica separação, trigo de um lado, joio de outro. Não podemos deisar de dizer nos trabalhadores que alguns destes que hoje estão na Frente defenderara como necessá-ria a intervenção armada contra os trabalhadores em 64! Apoiaram publicamente todas as medidas antipopulares dos governos ditatoriais! Fizeram parte deles! Diremos e diremos claramente.

Como os membros da Frente dizem querer as liberdades democráticas, como nos socialistas quere-mos estas liberdades, e como consideramos que todos os que estão contra o governo militar podem lu-tar juntos, chamamos todos os participantes da frente a incluiren no sen programa e lutarem pelo fim de to-da a legislação de exces do e ntos institucionais; pela anistia ampla, geral e irrestria; pela volta imediata de todos os banidos e exitados; por eleições livres e diretas em todos os alveis; pelo tim ime-diato do regime imbtar; pela convocação de unia Assemblea Constituinte Democrática e Soberana, com a participação logal e fivre de todos os partidos, inclusive do Partido Comunio, e do Partido Socialista; Por um aumento geral de salários de 100%; por uma nova legistocao trabalhista que assegure o direito de greve e a total independência e liberdade dos sindicatos do estado lurguês. Esses são pontos essenciais sem os quais qualquer projeto democrático se mostrará capenya, não respondendo aos verdadeiros mieresses da majoria da nação.



#### USP AGORA OS FUNCIONÁRIOS

A politica do arrocho salarial, vigente em nosso país, atinge niveis insuportáveis também ao funcionalismo publico. Por este motivo, os fun-cionarios da USP se mobilizam na luta por uma remuneração mais justa, acundo aumento salarial de 20%.

U abaixo-assinado com mais de 2,000 assinaturas, contendo as reivin-dicacões da categoria fei encaminhado ao reitor que no entanto não receben a comissão de entrega, prefe-rindo recepcionar o rei de uma tribo da Nigeria.

Disserant os funcionários: «É, o reitor so recebe reis....

Mas a lura continua e os compa-mburos funcionários da USP, mesmo pressão salarial,

sem o auxilio da direção pelega da ASUSP — A sociação dos Funcio-nários da USP —, paralizaram suas atividades no útimo dia 26 de junho, quando ficaram, em assembléia permanente e realizaram uma passenia com mais de 500 pessoas no campus

A luta não parou e vai continuar até a vigoria. Vuoria que também implica na substituição da atual direção da ASUSP e ecição de outra ver-dadetramente representativa, que lute pelos interesses di categoria.

Nos da Conve gência Socialista nos salidarizamos com a luta dos funcio-nários da USP, stais um setor que se mobiliza contra a política de com-



O jornal socialista é um instrumento para a emancipação dos trabalhadores. Trabalhe com esta ferramenta, distribuindo, discutindo e organizando!

#### O CAMINHO SOCIALISTA NAS ELEICOES

1) A saida: umPS de massas.

2) Por candidatos comprometidos com a classe trabalhadora.

3) Propaganda socialista + propostas de unidade.

4) Pela formação de comitês pró-PS.

5) O grande objetivo: uma nova socieda-

Estamos vivendo um ano que promete moita discussão e vida política. A sociedade se polítira rapidamente, abrindo brechas para a participação dos trabalhadores e socialistas na vida mational. Uma destas brechas é o processo eleioral. Os burgue-ses e pequenos-burgueses se preparam para esse processo, elabram as suna propostas umas dubias e populitats, outras até bran intencionadas, mais ultra-sequerdistas. É, os socialistas? Não podemos ficar é margem. Devemos aproveltar não só para eleger toma bancada, mas tembém para levar as gratdes massas as mosser posações sobre uma série de assuntos como anistia, Consolituinte, novos partidos.

Bevemos participar dessas eleições levantando um programa que afem de colocar a luta pelas liberdades democráticas, coloque também os problemas unas concretos dos trabalhadores e a suida socialista para nossa sociedade. Apolaremos candidatos socialistas e es trabalhadores na luta pela construção do nossos partido. Os candidatos operários, mesmo que não lutem pela construção do

e es trassinadores na una pera construção do nosso partido. Os candidatos operários, mesmo que mão lutem pela construção do partido socialista, mas que lotea por pontos que impulsionem a buta pela independência da classe devem ter o nosso apoio. No entando, a nossa participação não será apecus nas urmas, mas semando o voto á luta concreta pela organização dos socialistas. A propaganda do socialismo se dara na formação de comités prá-PS. Extes devem ser organismos de discussão e ação, de como

inglementar as intas económicas e democráticas e, sobretudo, de cumo impulsionar a construção do PS o da nova sociedade

#### O OUE SIGNIFICAM AS MEIAS REFORMAS DE GEISEL?

CONTROL OF THE PROPERTY OF THE A burguesia está descontente com o regime? Está. As lutas populares avançaram? Avançaram. O que o regime podía fazer? Propor algumas reformas e elas estão ai, na mesa, para serem provadas por todos. Elas possibilitam um espaço político maior. Mas, esta é a nossa palavra, estão muito longe do que o povo brasileiro necessita. 

No dia 25 de junho, o presidente de República fez um pronunciamento a toda a nação, anunciando as reformas. Falou do fim dos atos institucionais, da volta do habeas corpus e contra a segurança nacional, prometeu garantias de uma atuação mais livre para os parlamentares e para os juizos, e criou uma nova formula que facilita um pouco a criação de novos partidos. São muitos os fatores que

juicos, e criou uma nova formula que facilita um pouco a ciação de novos partidos. São multos os fatores que luvaram o governo a propor estas reformas, mas o principal é a mudança da releção entre as classes sociais.

Desde algum tempo, varios sefores da burguesia, que apolavam o governo, começaram a discordar da forma como estavam serido conduzidos os seus negócios. Não satisfeitos com a maneira como Reisel estava dividindo o bolo, num momento de crise econômica, começaram a rectamar e a exigir maiores condições de influir na direção da sociodede. Estas attitudes começaram a preocupar o governo, pois elas põem em isso os seus planos de manter a ditadura, realizando apanas pequenas mudanças e impondo a candidatura do general J.B. Figueiredo como o novo ditador.

Mas o principal molivo para esta proposta de reformas foi o aumento das mobilizações populares. As manifestações de tudos os setores ocinis por liberdades democráticas, mas principalmente as atuais graves dos irabalhadoras oa Grande São Paulo, que já estão estourando em outros ponios do pala, levaram o greeno a seclerar a apresentação do seu projeto de reformas e incluir algumas colosa que ele não pretenda (o haboss-curpus para preses políticos, por exemplo). O objetivo de ne prejeto é impedir uma explosão violenta da insalistação popular e ao mesmo tempo esvariar as oposições burguesas como a Frente Nacional pela fiedemocratização, com a contrata do con considera a atuação o o regarização dos socialistas e

pela Redemocratização, divida trazem algumas facilidades para a atuação o organização dos socialistas e trabalhadoreo em geral, mas ne verdade não catisfazem as nossas verdadeiras necessidades. Continuamos com nossos sindicatos atrelados, sem o CGT, o principalmente, sem a liberdade de construir um partido verdadeiramente dos trabalhadores, Portanto, devemos aproveitar cotas aberturas que o governo e obrigado a cenceder porque não tem outra saida, para ampliar nossa arqueiras do tanto sindical, quanto política, intensificando nossa tuta por sindicatos livres, comissões de fabricas, pela criação do CGT e por um partido dos trabalhadores.

## O NOVO DONO DO FUTEBOL É UM TORTURADOR?

Videla, o campeão naudial da tortura, fez da Copa do Mundo um instrumento de promoção politica. Heleno Nunes, presidente da Arena, no Rio, e da CBD, não conseguiu esta façanha, porque nossa Seleção perdeu. Será que os jogadores, agora, viraram marionetes nas mãos destes super-cartolas?

A gente pode peasar muita coisa em torno da última Copa do Mundo. Em primeiro lugar, vamas dizer que, mais do que nunca, ficou claro como água que a ilitadura argentina armou um tremendo carnaval em torno da Copa por abjetivos inteiramente políticos. Scatindo-se acuada pelas drotucias de seu caráter repressivo e criminoso, Videla e Cia, usaram o futebol-uni esporte uneavilhoso que apaixona os povos de todo o mundo - para "limpar a imagem" da ditudura.

Era até gozado ver como as imagens da televisão, filmadas pela TV oficial argentina, mostravam não só o que acontecia Centro das quatro Bahas do gramado como a cara de Videla e dos outros membros da Junta Militar. Ao mesmo tempo os locutores argentinos descarregavam em ciom de povo deste país irmão uma tremenda conversa fiada que tentava misturar futebol e polificat, sempre acenando com os "objetivos nacionis" e outros bla-lifa-blas. Como se os traballo dores direção de nosso time para o incompetente é opiña argentinas pudessem esquecer que esse regime al fez Crotinho... E demais não? Mas há uma outra coias que nôs, socialistat, que tantos mas de luta, todos os traballadores e lideres políticos progressistas assassinades, presos, persegui-para naciona que nos deste de contratos mas de luta, todos os traballadores e lideres políticos progressistas assassinades, presos, persegui-para nás, tem muita coias creada en tudo lato. Cada vez mais se fala e se badala o futebol e profisatorad, dos, e exilados!



dos, e exitados!

Há outra coixa a se dizer. Esta não é a primeira vez Cada vez menos o povo, no Brasil, tem um lugarzaño que o esporte e usado para objetivos pointeos. Hiter que seja paras praticar esporte. Numa cidade como São primoreu uma Climpiada só para provar que "os Paulo, todas os campos que cram usados pelos varzacarianos ecam soperiores". No fim, terminou humilhamos ecam soperiores. No fim, terminou humilhamos esta desaparcendo. Além do que, do jetis que varzacarianos ecam soperiores negra norte camericano a vida, com tudo sumindo da mesa do trabalhador, que se torino a maior ligura daquela Olimpiada, quem é que tem ânimo para praticar esporte? Para os Jessie Owens, lá un Brasil, nós temos as lições dos socialistas, o esporte é um direito que o povo deve ter, tempos de Medici, que fazia tudo para provar ser "o Numa nova sociedade, construida em cima desta pomaior forcedor" da Seleção Brasileira... Até parecia dridão toda, vai se colocar na ordem do dia o acesso de que ele era o rei da bola, tanto se promovia ás custos todos à prática do espo. le. E não esta coixa de só se do futebol. Hoje, altás, nosso futebol está nos mãos de ficar da arquihancada elhando os outros jogar.

#### Expediente:

Editares: Maura Veiga e Cristota Vilheira Colaboraram nesta edição: Júlio, Marcos, João, Percy, Ro-bereal, Girise, Rosa, Lini Gesto), Carlos tarlej e Rosa (fotos). Diretor Ees-onsavel: Marcos Faerma; VERSUS é uma publicação da Felfica, Versus Lida. Redação e Adoministração: ma Osacra Ferire, 2771 — Finheiros, São Paulo/SP CEP, 95409, Compusto e Cupresso na Empresa Jornalistica AFA, av. Liberdade, 704 — tel.: 278-9616, julho 1978

#### MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Hoje, uma realidade nova começa a se apresentar. Dia 7 da Julho, es-negros sairão às ruas em ato público contra a discriminação racial. No Viaduto do Chis da 18:30 horas, sob a direção do Movimento Unificado Contra a Discriminação facial. No viadado do Chis da 18:30 horas, sob a direção do Movimento Unificado Contra a Discriminação facial.

Na verdade, vivenos momentos de grandes vitórias. A esquerda brasileira, em conjunto com os trabalhadores e o movimento negro, conseguirão um grande avenço no momento em que conseguirem combinar as lutas especificas com as lutas especial.

Logo após o surgimento do uma Tendência Negra na Convergência Socialista, nasce da unidade de vários grupos e entilades da Comunidade Negra, o Movimento Unificado Contra a Discrimineção Raciel, um movimento amplica de domocrático, que, sem divida, val unificar todos os setores mais consequentes da Comunidade negro. Este será um movimento independente, onde os negros pederão se colocar, livres de gualque escemorinação, seja do setores da esquerdo ou de direita branca. Um movimento de coragem, que consequirá marcar com seu ato público o repudio da Comunidade negra contra e movimento de efletas negros trelenses de recismo que se manifestem, dariamente na sociadade brasileira.

O apolo dos vários setores democráticos de sociedade por novimento significa u avanço nas lutas pela democracia no país; sua Indepandência vat marcar o amounento destas lutas.

democracia no país; sua indepandência val marcar o amadurecimento destas lutas.

Afro Latino América. Núcleo negro socialista

«Nossa luta não è uma luta contra o povo. É uma luta reivindicatória contra os donos dos hospitais, pelos nossos direitos.»

A classe média brasileira, que até há dois anos ainda vivis sob a ilusão do «milagre brasileiros, começou a demonstrar os primeiros sinais de seu despertar para as possimas con-dições de vida, decorrentes desses anos todos de diladura e super-exploração das classes trabalhadoras, de um regime entre-gue aos interesses do imperialismo.

Após a movimentação de estudantes, artis-tas, professores, advogados, intelectuais, e as recentes greves dos operários que para-lizaram e continuam paralizando as máquinas de numerosas fábricas de todo o país, chegou a vez dos jovens médicos residentes dos

hospitais brasileiros.

O que é um médico residente?. «Somos profissionais habilitados a exercer a medici na, após seis anos de estudos; e apesar de ser a residência médica um aperfeiçoamento. um treinamento, repelimos a ideia de sermos considerados simples estudantes, toda vez que nossa atividade tende lucros aquoles

que nossa atividade rende fucros acuoles por ra quem trabalhamos», conforme declarou o médico residente, Dr. Culhorme.

Marginalizados do sistema trabalhista, os médicos residentês trabalham de 60 a 100 horas por semana, chegando em muitos ca-sos a jornados de 36 horas consecutivas. Re-cebem um salário médio de Cr\$ 3,000,00, o que representa menos da metade do salario

de um médico contratado, quando na verdade trabalizam três vezes a mais. Não tâm direito a Previdência Social, 13º saláno, e o periodo de residência não é considerado como tempo de serviço para fins de aposentadoria.

Alem de ser uma forma de exploração de mão de obra barata, a residência serve para formar especialistas que irão atender as ne-cessidades das classes economicamente pri-vitegradas. No entanto a população brasileira não necessita de espocialistas, e sim de as-sistência médica primária, voltada aos problemas básicos da saude pública: as doenças inlecto-parasitarias e a desnutrição, decorren-tes da fome que aflige o povo brasileiro. O lucro è a consequência direta dessa politica onde o estado, através do INAMPS (antigo INPS), transfere para as empresas particulares todos seus encargos de atendi-mento na área da spúde. As Luias — As reivindicações começaram na Associação de Residentes do Hospital das

Clinicas de São Paulo, que com o apoio do Sindicato dos Médicos, exigiu um piso salarial de cinco solários mínimos, com base na legislação trabalhista. Mesmo após repetidas nonativas da superintandência do Hospital, os médicos residentes se mantiveram firmes em suas reivindicações, e ameacaram para-licar as atividades. Paralelamente denunciaram au graves irregularidades administrativas no nospital, e após momentos de muita ten-são com ascembleias constantes, os resi-dentes conseguiram seu propósito: cinco salauns minimos.

Este movimento vitorioso serviu para ativar as demisas associações de médicos residen-tes dos outros hospitais, que se integraam a luta pelas mesmas reivindicações. Não sendo atendidos, resolveram em assemblelas, paralizar as atividades: era o começo das graves dos medicos. Em represalla, 316 medicos da Santa Casa de São Paulo toram demiticos. Apesar disso, os médicos se mantém firmes em suas reivindicações, e em assembléja cordenada pelo Sindicato dos médicos de São Paulo, resolveu se convocar greve geral de to-dos os médicos residentes do estado, para o dia 29 de junho.

Todo nosso apóio às justas reivindicações

das módicos residentes! Por uma medicina voltada ao atendimento das necessidades básicas da população!

Este é o momento de estendarmos nossas lutas não so para outros hospitais, más também a todos os companheiros trabalhadores de Saúde, realizando assembleias gerais por nospitais, todos juntos: médicos, entermeiros, assistentes sociais e funcionarlos em geral.

016 SHOWAL DE MINISTER

GT/SBPC/ASP

#### INFORMAÇÃO Nº 01/GT/SBPC/78

DATA : 10 JUL 78

ASSUNTO : 30a. REUNIÃO ANUAL DA SBPC - DISTRIBUIÇÃO DE

PANFLETOS E JORNAIS

ORIGEM : OT/SBPC PE SALL

DIFUSÃO : AC/SNI

: Para conhecimento: CIE - CISA - CENIMAR

ANEXO : Os constantes do item 7.

Por ocasião da sessão de abertura da 30a. Reunião Anual da SBPC, no dia 09 Jul 78, no Teatro Cultura, em SÃO PAULO /SP, houve farta distribuição de panfletos e de jornais da imprensa "nanica" ou "alternativa". Deles destacam-se:

#### 1. "CAMPANHA DE ASSINATURAS PRO-AMISTIA

Do Comitê Brasileiro pela Anistia de SÃO PAULO (CBA/SP), com a finalidade de divulgar o início da Campanha de Coleta de Assinaturas Pro-Anistia. A esta, seguiu-se a lista para a coleta de assinaturas, reivindicando "Anistia Ampla e Irrestrita" (ANEXO A).

2. "HISTÓRIA EM GREVE, POR MELHORES CONDIÇÕES DE ENSINO, SAÚDA A 30a. REUNIÃO ANUAL DA SEPC"

Po curso de História da USP, reivindicando" me lhores condições de ensino", "afastamento imediato de 4 professo res", "contratação de professores", "livre acesso ãs instalações da Universidade" e "verbas para reforma da biblioteca" (ANEXO B).

3. "MANIFESTO POLÍTICO"

De FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (CEBRAP), candida to ao Senado, pelo MDB, e de AUDÁLIO PANTAS, candidato à Câmara dos Deputados, também pelo MDB, contendo criticas ao regime vigente no País e, trazendo as seguintes "palavras de ordem": "PE-LA REINTEGRAÇÃO; PELA ANISTIA; e PELA DEMOCRACIA" (ANEXO C).

4. "BOLETIM INFORMATIVO Nº 1 DO COMITÉ ELEITOPAL
DA CANDIDATURA FERNANDO GOMES DE MORAES"

Faz criticas contundentes ao regime vigente e traz declarações de elementos cassados pela Revolução de 31

CONFIDENCIAL 017 (CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 01/GT/SBPC/78. de Marco de 1964 (FERNANDO HENRIQUE CARDOSO - CEBRA BERG: DARCY RIBEIRO e PAULO DUARTE). Contem, entre outras, as seguintes "palivras de ordem": "LUTA CONTRA O REGIME DO GRANDE CAPITAL MONOPOLISTA": "LU TA PELO RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS E PELA VOLTA DAS FORÇAS AR MADAS AO SEU PAPEL CONSTITUCIONAL"; "LUTA POR UMA REFORMA AGRÃ-RIA DEMOCRATICA": e "PELA CONVOCAÇÃO DE UMA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE LIVRE E SOBERANA" (ANEXO D). Anexo ao Boletim, foi distribuida a relação de pessoas que apoiam a sua candidatura, na sua maioria, comprometi das com as esquerdas. Orgão da "Convergência Socialista". Aborda, entre outros temas, a"Frente de Redemo-

5. "JORNAL VERSUS ESPECIAL NO 5"

cratização"; "Eleições"; "Copa do Torturador VIDELA" e "Médicos em Greve".

Na matéria "Abras os Olhos com a Frente", que: "O regime autoritario imposto ao povo brasileiro esta decomposição, vivendo a sua crise mais profunda e perdendo seus aliados. Até o exercito esta dividido em alas (grifo nosso). A materia em questão, enfoca, também, "a convocação de uma sembleia Constituinte, Democrática e Soberana, com a participa cão legal e livre de todos os Partidos, inclusive do Partido Comunista e do Partido Socialista".

Com o artigo "O Novo Dono do Futebol e um Torturador?" chama o Presidente da ARGENTINA de "Campeão da Tortura" (ANEXO E).

- 6. "JORNAL MOVIMENTO NO 158" Edição de 10 de Julho de 1978.
- 7. ANEXOS
  - A) Panfleto do CBA/SP.
  - B) Panfleto do Curso de História da USP.
- C) Manifesto político de FERNANDO HENRIQUE CAR DOSO e AUDALIO DANTAS.
  - D) Boletim Informativo "VOTO LIVRE".
  - E) Jornal "VERSUS" (especial) no 5.

CONFIDENCIAL



#### SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

#### AGÊNCIA CENTRAL

#### INFORMAÇÃO Nº 0567 /19/AC/78

DATA : 12 JUL 78

ASSUNTO : 30ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC - PUBLICAÇÕES DIVERSAS

ORIGEM : AC/SNI

REFERÊNCIA : INFÃO № 559/19/AC/78

DIFUSÃO : CH/SNI - CIE-CISA-CENIMAR

1. Houve, no decorrer do dia 10 Jul 78, no"campus" da USP, um acentuado aumento na distribuição de panfletos e ven da de uma série de outras publicações, aos participantes da 30ª Reunião Anual da SBPC.

- 2. Dos panfletos, destacam-se:
  - a. Boletim DCE Livre/USP

 $N^{o}$  4, de Jul 78, da gestão "Liberdade e Lu ta" (de tendência trotskista).

Com o título "CONJUNTURA", fala da impugna - ção, pela Delegacia Geral do Trabalho, das eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de SÃO PAULO.

Na matéria "DCE e a SBPC", diz que, no cor rente ano, "não houve a sabotagem aborta do Governo à Reunião, da mesma forma como a diretoria da SBPC se preocupou em amenizar o temário de discussão nos pontos em que tradicionalmente se desenvolve o debate mais intenso sobre a situação política atual".



CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0567 /19/AC/78.... 02)

Trata, também, das Comissões de "Ensino" e de "Anistia" que o DCE Livre da USP criou para a 30ª Reunião Anual da SBPC.

Com o título "Comissão Pró-UNE", mostra que será realizada mais uma reunião da referida Comissão, durante o período de atividades da Reunião em pauta, além de anunciar próximos eventos do ME, para 1978, tais como: IV ENE (21 Set); plebiscito nacional pela reconstrução da UNE (14/15 Set); e jor nada nacional pela "Constituinte Democrática e Soberana" (24 Ago).

Em outro artigo, "A Luta dos Funcionários", apóia as reivindicações por melhores salários, dos funcionários da USP.

Divulga, ainda, uma reunião aberta do DCE pa ra o dia 11 Jul 78.

O panfleto em questão termina com um balanço das atividades do DCE-Livre da USP.

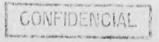
#### b. "Universidade e Sociedade"

Da responsabilidade da Comissão de Ensino do DCE-Livre da USP.

Ao fazer uma análise sobre a Universidade, diz que "nosso repúdio à atual Universidade não quer dizer que enveredaremos pelo campo das soluções acadêmicas, tãc-somente" . "As lutas estudantis expressam em grande parte nosso combate atual atitude coercitiva implantada pela ditadura na Universidade".

Sobre a "Reforma Universitária", Sala que "Ela veio acentuar a tendência geral do capitalismo em 'adequar' o ensino em geral às suas necessidades".

Nele estão, ainda, as seguintes "palavras de ordem": "Abaixo a reforma universitária; pelo ensino público gratuito para todos; pelo ensino voltado aos interesses da maio ria da população oprimida; pela democratização da universidade;



(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0567 /19/AC/78......Fls. 03)

pelas liberdades democráticas; e abaixo a ditadura".

#### c. "Casa da Universitária de SÃO PAULO - Convo

#### catória"

Da Casa da Universitária de SÃO PAULO (CUSP), informando que suas integrantes, no dia 17 Jul, entregarão, ao Governador do Estado de SÃO PAULO, propostas e um dossiê para a solução dos seus problemas.

Encerra com as seguintes "palavras de ordem": "Por uma sede própria para a CUSP; pela reabertura do CRUSP; e por mais moradia estudantil".

#### d. "Contra o Racismo"

Do "Movimento Unificado contra a Discriminação Racial", que termina com as seguintes "palavras de crdem":

"Contra a discriminação racial! Contra a opressão policial! Pe
la ampliação do Movimento! Por uma autêntica democracia racial!".

#### e. "Vitória - Chapa 3"

dos Metalúrgicos de SÃO PAULO, pela Delegacia Geral do Trabalho.

#### 3. Das publicações, destacam-se:

#### a. "MEMOREX"

Revista que trata da história da UNE, realização conjunta de "Edições Guaraná" e DCE-Livre USP" ADEXANDRE VANUCHI LEME".

Está sendo vendida, no "campus" da USP, ac preço unitário de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros).

#### b. "Os Sindicatos no BRASIL"

Da "Coleção Estudos" - Jul 78 - trata da evo lução dos sindicatos, no BRASIL, e conclui, lançando a perspectiva estratégica do partido operário "como o instrumento que os mar xistas têm nas mãos neste momento para avançar a luta da classe o perária".

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0567 /19/AC/78......Fls.

Sem título, também da "Coleção Estudos", uma publicação sobre o PCB, falando da sua fundação até o Governo DUTRA, que considerou ilegal.

Cada uma das publicações acima foi vendida a 15,00 (quinze cruzeiros).

#### c, "Liberdade e Luta"

Do DCE-Livre da USP.

Com o título "Plataforma para a UEE", dá ên fase à sua "palavra de ordem": "Abaixo a Ditadura".

#### d. Jornal "VERSUS"

Nº 22, de Jul 78, indicando à página 34 o no vo local da sua Administração e Redação, agora sita à Rua Oscar Freire nº 2271, PIMHEIROS/SP.

Diz, à página 18, que "a partir deste número, 'VERSUS' republicará, mensalmente, textos do jornal 'ALVORADA', da Prelazia de SÃO FÉLIX, de D. PEDRO CASALDÁLIGA PLÁ. Este espaço da Pastoral da Terra".

Está sendo vendido ao preço unitário de Cr\$.. 20,00 (vinte cruzeiros).

#### e. Jornal "ANISTIA"

De Λbr 78, contém depoimentos e opiniões, de várias pessoas, sobre a anistia, além de tratar da "campanha pela anistia".

É uma publicação da "Edição S/A", sita à Rua Dr. Virgilio de Carvalho Pinto nº 625 - SÃO PAULO.

Foi vendido ao preço unitário de CA\$ 25,00 (vinte e cinco cruzeiros).

#### f. Jornal "AVESSO"

Número 5, órgão vinculado ao DCE-Livre da USP, vendido ao preço unitário de 14 5,00 (cinco cruzeiros).

#### g. Boletim "MARIA QUITERIA" .

Número 3, de Jul 78, órgão do Movimento Femi

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO № 0567 /19/AC/78......Fls. 05)

nino Pela Anistia (MFPA), vendido ao preço de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros).

À página 6, informa sobre os novos comitês

#### h. Jornal "CONSTITUINTE"

de anistia.

De Ago 77, vendido ao preço unitário de Cr\$.. 20,00 (vinte cruzeiros).

Sua editora é a mesma do jornal "ANISTIA".

4. Esta AC/SNI dispõe da documentação citada no texto, que deixa de ser encaminhada, tendo em vista ser muito volumosa.

\* \* \*

CONFIDENCIAL

023 SERVING AGENCIA DE INIGERAL DE INIGERA

#### GT/SBPC/ASP

#### INFORMAÇÃO Nº 04/GT/SBPC/78

DATA

: 11 JUL 78

ASSUNTO

: 30a. REUNTÃO ANUAL DA SBPC - PUBLICAÇÕES DIVER-

SAS

ORIGEM

: GT/SBPC

DIFUSÃO

: AC/SMT

· ACIDAL

: Para conhecimento: CIE - CISA - CENIMAR

ANEXO

: Relacionados no texto.

1. Houve, no decorrer do dia de ontem, 10 Jul, no "campus" da USP, um acentuado aumento na distribuição de panfle tos e verda de uma série de outras publicações, aos participan tes da 30a. Reunião Anual da SBPC.

2. Pos panfletos, destacam-se:

a. Boletim - DCE Livre/USP

Nº 4, de Jul 78, da gestão "Liberdade e L $\underline{u}$  ta" (de tendência trotskista).

Com o titulo "CONJUNTURA", fala da impugnação, pela Delegacia Geral do Trabalho, das eleições do Sindicato dos Metalurgicos de SÃO PAULO.

Na matéria "DCE e a SBPC", diz que, no corrente ano, "não houve a sabotagem aberta do Governo à Reunião, da mesma forma como a diretoria da SBPC se preocupou em amenizar o temário de discussão nos pontos em que tradicionalmente se desenvolve o debate mais intenso sobre a situação política atual". Trata, também, das Comissões de "Ensino" e de "Anistia" que o DCE-Livre da USP criou para a 30a. Reunião Anual da SBPC.

Com o titulo "Comissão Prō-UNE", mostra que sera realizada mais uma reunião da referida Comissão, durante o periodo de atividades da Reunião em pauta, além de anunciar os proximos eventos do ME, para 1978, tais como: IV ENE (21 Set); plebiscito nacional pela reconstrução da UNE (14/15 Set): e jornada nacional pela "Constituinte Pemocrática e Soberana" (24 Ago).

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 04/6T/SBPC.

Em outro artigo, "A Luta dos papoia as reivindicações por melhores salários, dos os da USP.

Divulga, ainda, uma reunião aberta do PCE para o dia 11 Jul 78.

O panfleto em questão termina com um balanco das atividades do DCE-Livre da USP-(ANEXO A).

#### b. "Universidade e Sociedade"

Da responsabilidade da Comissão de Ensino

do DCE-Livre da USP.

Ao fazer uma anālise sobre a Universidade, diz que "nosso repūdio ā atual Universidade não quer dizer que enveredaremos pelo campo das soluções acadêmicas, tão somente". "As lutas estudantis expressam em grande parte nosso combate ā atual atitude coercitiva implantada pela ditadura na Universidade".

Sobre a "Reforma Universitâria", fala que "Ela veio acentuar a tendência geral do capitalismo em 'adequar' o ensino em geral as suas necessidades".

Nele estão, ainda, as seguintes "palavras de ordem": "Abaixo a reforma universitária; pelo ensino público e gratuito para todos; pelo ensino voltado aos interesses da maioria da população oprimida; pela democratização da universida de; pelas liberdades democráticas; e abaixo a ditadura". [ANEXO B]

c. "Casa da Universitária de SÃO PAULO - Convo

#### catoria"

Da Casa da Universitária de SÃO PAULO(CUSP), informando que suas integrantes, no dia 17 Jul, entregarão, ao Governador do Estado deSÃO PAULO, propostas e um dossiê para a solução dos seus problemas.

Encerra com as seguintes "palavras de ordem": "Por umo sede propria para a CUSP; pela reabertura do
CRUSP; e por mais moradia estudantil". TANEXO CT.

#### d. "Contra o Racismo"

Po "Movimento Unificado contra a Discrimina ção Racial", que termina com as seguintes "palavras de ordem" : "Contra a discriminação racial! Contra a opressão policial! Pela ampliação do Movimento! Por uma autêntica democracia racial! LA-

e. "Vitoria - Chapa 3"

CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 04/GT/SBPC/78....

dos Metalurgicos de SÃO PAULO, pela Delegacia Geral Alon,

3. Pas publicações, destacam-se:

#### a. "MEMOREX"

Revista que trata da história da UNE, realização conjunta de "Edições Guaranã" e DCE-Livre USP"ALEXANDRE VA-NUCHI LEME".

Esta sendo vendida, no "campus" da USP, ao preço unitário de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros)\* (ANEXO F).

#### b. "Os Sindicatos no BPASIL"

Da "Coleção Estudos" - Jul 78 - trata da evolução dos sindicatos, no BRASIL, e conclui, lançando a perspec
tiva estratégica do partido operário "como o instrumento que os
marxistas têm nas mãos neste momento para avançar a luta da clas
se operária" • [ANEXO CI:-

Sem titulo, também da "Coleção Estudos", uma publicação sobre o PCB, falando da sua fundação até o Governo DU TRA, que considerou ilegal \*(ANEXO H).

Cada uma dus publicações aci a soi vendida a Cr\$ 15,00 (quinze cruzeiros).

#### c. "Liberdade e Luta"

Do PCE-Livre da USP.

fase à sua "palavra de ordem": "Abaixo a Pitadura" - tamexo I).

#### d. Jornal "VERSUS"

Nº 22, de Jul 78, indicando à pagina 34 o novo local da sua Administração e Redação, agora sita à Rua Oscar Freire nº 2271, PINHEIROS/SP.

Diz, à pâgina 18, que "a partir deste numero, "VERSUS" republicară, mensalmente, textos do jornal "ALVORA-DA", da Prelazia de SÃO FĒLIX, de D. PEDRO CASALDĀLIGA PLĀ. Este espaço da Pastoral da Terra".

Está sendo vendido ao preço unitário de ...

Cr\$ 20.00 (vinte cruzeiros): (AMEXO I).

#### e. Jornal "AMISTIA"

De Abr 78, contem depoimentos e opiniões, de varias pessoas, sobre a anistia, alêm de tratar da "campanha pela anistia".

E uma publicação da "Edição S.A., sita ã Rua Dr. Virgilio de Carvalho Pinto nº 625 - SÃO PAULO.

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 04/GT/SBPC/78 ....

Foi vendido ao preço unitário do

(vinte e cinco cruzeiros) (AMERO II.

#### 6. Johnal "AVESSO"

Número 5, orgão vinculado ao DCE-Livre da USP, vendido ao preço unitário de Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). IA-

#### g. Boletim "MARIA QUITERIA"

Mumero 3, de Jul 78, orgão do Movimento Feminimo pela Anistia (MFPA), vendido ao preço de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros).

A pagina 6, informa sobre os novos comitês de anistia\* (ANEXO N).

#### h. Jornal "CONSTITUTNTE"

De Ago 77, vendido ao preço unitário de ... Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros).

Sua editora é a mesma do jornal "ANISTIA".

NEXO OF.

45

# boletim-dce

julho -78 - 784

gestão liberdade e luta

## Conjuntura

A impugnação, pela Delegacia Regional do Trabalho, das el 1ções do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo é bem demonstrativa da situação política atual no Brasil.

Pela primeira vez, desde a subida ao poder da atual ditadura militar, o governo não consegue garantir placidamente a continuidade do pelego. Joaquim dos Santos Andrade, instalado sobre os ombros dos operários paul listas desde 1964, seguidamente reconfirmado como dirigente sindical à força de repressão, fraudes e manobras de todo tipo patrocinadas pelo Ministério do Trabalho.

Se a ditadura não consegue impor novamente este seu fiel seguidor, é porque a classe operária já não deixa mais espaço para as manobras que antes eram feitas impunemente. Não foi somente a existência de uma oposição se contrapondo ao pelego e à estrutura sindical (a Chapa 3) que levou ao recuo da Delegacia do Trabalho; na verdade, a onda de greves operárias de São Paulo, que já atingiu mais de 200 mil trabalhadores e pôs abaixo, na prática, a política salarial e a lei de greve, foi o principal elemento deste jogo de forças, onde o ascenso das massas exploradas contra a opressão dá apenas seus primeiros passos.

A impotência da ditadura em reprimir o movimento da classe operária, que cresce na luta pelos 20% e pela independência sindical, termina por acelerar a articulação da burguesia no sentido de alterar a atual forma de dominação. Trata-se, para a burguesia, de substituir o regime de camarilha militar, mas de tal forma que neste processo não se inclua o movimento de massas, o eterno perigo para a classe dominante. A chamada 'Frente Nacional de Redemocratização' é exatamente isto: um aglomerado' de generais, banqueiros, políticos corruptos (agora entrando em bloco com a adesão do MDB), uma frente de patrões à procura de uma saída o mais emena possível para a crise do regime.

Mas nem a presença do MDB, tentando angariar votos e prestígio para a Frente, e nem a ação de correntes oportunistas que já propugnam desde já o apoio a esta coalizão no 15 de novembro, poderão ofuscar as tarefas 'que verdadeiramente interessam aos trabalhadores. O fim da ditadura, a convocação de uma Assembléia Constituinte democraticamente eleita e Soberana para governar, são conquistas que só os trabalhadores podem levar a cabo, ao mesmo tempo em que apontam para a criação de sindicatos li -

vres e para a construção de um Partido Operário.

E a este movimento -- que passa à margem das negociações da burguesia -- que os estudantes se aliam. Sem compromissos com Arena e MDB, sem i- lusões em nenhum general "arrependido". Enfim, pela aliaça com a classo operária.

## DCE ea SBPC

Durante esta semana o campus da USP está sendo palco da 30a. Peunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Ao contrário do que ocorreu em 77, este ano não houve a sahotagem aberta do governo à Reunião, da mesma forma como a diretoria da SBPC se preocupou em amenizar o temário de discussão nos pontos em que tradicio nalmente se desenvolve o debate mais intenso sobre a situação política' atual.

Ainda assim, a concentração de cientistas, professores e estudantes, levando uma ampla discussão sobre ciência, ensino e realidade nacional, justifica a necessidade dos estudantes participarem organizadamente des ta atividade. Por isso o DCE-Livre organizou Comissões Abertas para pre parar a intervenção dos estudantes da USP em dois sentidos:

- Comissão de Ensino: encarregada de preparar um documento e partici par das discussões sobre o tema, além de elaborar moções a serem encami nhadas à Assembléia da SBPC
- Comissão de Anistia: para elaborar um documento com reivindicações de Anistia, a ser subscrito pelas entidades presentes à Reunião e pela própria SBPC, além de desenvolver um trabalho de denúncias durante toda a semana.

Da mesma forma, a diretoria do DCE está convocando uma Assembléia dos Estudantes presentes à SBPC, a realizar-se na quinta-feira dia 13, às 14 horas, no prédio de Ciências Sociais, com o intuito de tirar moções a serem apresentadas pelos estudantes na Assembléia Geral da SBPC.

## Comissão pró-UNE

Durante o período de atividades da SBFC, será realizada mais uma reu nião da Comissão Pró- UNE. A CP UNE, criada por ocasião do III ENE, foi formada com o objetivo de coordenar' as atividades do ME nacional colocan do-o na trajetória da reconstrução T da União Nacional dos Estudantes, cu-

ja necessidade se evidenciava a partir das mobilizações do ano passado, que teve como ponto alto as Jornadas Nacionais de Luta.

Nacionais de Luta.

Um balanço rápido das atividades da Comissão, contudo, demonstra que e la não vem cumprindo a contento o pa pel que lhe havia sido designado. Uma única atividade nacional foi programada - O dia Nacional de 28 de março em memória à Alexandre e Edson Luís, com precarissima preparação - inúmeros boletins decididos não foram encaminhados, etc. Se por um lado era claro desde sua constituição que ela não poderia cumprir um papel

028

de direção do ME brasileiro -tarefa"
exclusiva da UNE reconstruida-, as
inúmeras deficiências de seu funcionamento não devem ser atribuidas ape
nas ao seu caráter -uma comissão com
posta a partir de diretorias de DCEs.
Na verdade, as posições assumidas "
por algumas destas diretorias contri
buiram para esvaziar o papel político que ela deveria ter, culminando e
com o adiamento do IV ENE, quando es
tavam dadas as condições para que es
te fosse realizado ainda no 1º semes
tre.

Isso fica evidente quando ob servamos que à nível nacional o yem ocupando passo a passo o terreno que lhe hayia sido tomado pela ditadura. Em São Paulo, elegemos a 1º di retoria da UEE pos-68; em Minas Ge rais e Bahia, a UEE tem sua recons trução delineada para o 2º semestre, assim como no Rio Gde. do Sul e Rio de Janeiro aceleram-se as discussoes em torno da reorganização estadual. E na maioria dos estados, a luta por en tidades livres ganha atualidade, espelhando o avanço de conjunto do nacionalmente. È o sentido que toma este movimento é apenas o reflexo as mobilizações que se acentuam por todo o país, dando mostras da disposição de combate dos estudantes contra as pessimas condições de ensino e de contraposição ao regime militar.

E a intensidade deste movimento de ambito nacional, ao lado da crise aberta do regime militar que se apro funda na medida do avanço da mobilização dos oprimidos e explorados como um todo é que permite colocar na ordem do dia a urgencia de reconstrução o da UNE, única maneira de centralizar e unificar os estudantes em torno de seus interesses, organizando-os no interior de sua entidade nacional. Dentro deste quadro é que deve se orientar a Comissão Pró-UNE, ou seja, nortear suas deliberações no sentido de acelerar este processo de reor ganização nacional, e não se contral por à ele como objetivamente tem acon tecido.

Nesta trajetória, a realização do IV ENE se coloca como tarefa insu bstituível e que não admite mais pro telações, sob pena de se atrasar ain da mais o processo de reconstrução do ME. Só 1 encontro massivo, coroando! um processo de escolha de delegados' eleitos com base na mais ampla discussão e dentro de critérios democra ticos de representação poderá avan çar decisivamente na trilha de recom trução da UNE. Ao mesmo tempo, sera através do Encontro que será possíva determinar o posicionamento dos estu dantes do país relativos à fatos can dentes da conjuntura -como as elei ções de 15 de novembro. Por outro la

do, no sentido de ampliar a agitação em torno do ENE o da própria UNE, se coloca a realização de um plebiscito nacional, que deve firmar o posicionamento do estudantado com relação à reconstrução da UNE, e que deve ante ceder ao período de escolha dos delegados.

Até a realização do Encontro sua tarefa prioritária, a Comissão pro UNE deve coordenar atividades nível nacional com o objetivo de delimitar a posição dos estudantes fren te aos acontecimentos da conjuntura política, marcada pelo aprofundamento da crise do regime. Nesse sentido, se coloca a realização de uma JORNA-DA NACIONAL PELA CONSTITUINTE DEMO -CHATICA E SOBERANA. Contrapondo-se as pseudo reformas, às Frentes organiza das pela burguesia, os estudantes de vem demarcar 1 terreno proprio. 4 pr nada, que deve constar da realização de manifestações nos diferentes esta dos, visa afirmar na conjuntura a kn deira capaz de superar o estado de coisas atual em favor dos oprimidos e explorados, bandeira esta que já ' vem sendo assumida por largos setores do estudantado do país.

Ao mesmo tempo, é fundamental que a CP UNE aprove moções contra a participação na Frente nacional de redemocratização, instrumento criado pela classe dominante para tentar con trolar o movimento de massas (posicionamento já aprovado por unanimidade do Conselho de Entidades da UEE); e de solidariedade irrestrita à luta que os trabalhadores hoje travam através das greves, contra o arrocho e por liberdades sindicais.

Sintetizando, as propostas da diretoria do DCE para a CP UNE são:

1- IV ENE
data: 21 de setembro, em SP
pauta: Informes
Conjuntura (eleições de
15 de novembro)
Lutas
Reorganização do ME

Critério de delegados: 5 até 500 estudantes mais 1 delegado para cada 100 superior a 500

- 2- Realização de 1 plebiscito na cional pela reconstrução da UNE, dias 14/15 de setembro
- 3- JORNADA NACIONAL PELA CONSTI-TUINTE DEMOCRATICA E SOBERANA dia 24 de agosto
- 4- Moções contra a participação na FNR; em solidariedade as greves operárias.

## A Luta dos Funcionários

A partir do momento em que a classe operária, no centro nervoso do país, levanta a bandeira de luta con tra o arrocho, um sem número de cate gorias se anima e passa a se mobilizar no espaço aberto pelos trabalhadores. Dentre estas categorias se co locam os funcionários da USP que tam bém vem expressando seu descontentamento frente à política salarial do mento frente à política salarial do mento frente a política salarial de mento frente a política salarial de mento frente a política salarial de mento frente de mento fren

governo.

"Premiados" com a compressão de seus salários em quase 300% num espaço de 5 anos, os funcionários há cerca de um mês vem realizando Assemble ias-que já contaram com a participação de 500 deles- no sentido de reivindicar o aumento de 20% em seus vencimentos. A mobilização teve seu momento mais importante até agora no dia 26, com a realização de uma passeata até a reitoria onde foi exigido o encerramento da comissão de sin dicancia instaurada pela reitoria para intimidar os funcionários.

Esta comissão de sindicância — que vêm intimando aqueles que se des tacaram nas mobilizações— é apenas I dos obstáculos conscados à frente do movimento. A ausência de uma entida—

de que centralize a luta é outre bar reira que tem se colocado, pois a .. ASUSP é dominada por notórios agentes da burocracia, que vem se perpetuando à testa da associação sem promover e leições democráticas há 16 anos : Co mo se isto não bastasse, um dos componentes da atual diretoria, para "não deixar dúvidas sobre seu servilis mo frente à burocracia, está fazendo parte da comissão de sindicancia, denunciando funcionários.

Não obstante, mantém-se a disposição de prosseguir a mobilização, mesmo com a negativa do reitor e do governador. Apoiados em uma comissão eleita com representantes das diferentes unidades, os funcionários articulam a divulgação de seu movimento durante a SBPC, ao mesmo tempo que en tram em contato com os demais servidores do estado que se encontram mobilizados, como os funcionários do Hospital das Clínicas.

Durante toda a mobilização, o DCE, ao lado da Adusp, tem prestado' sua solidariedade -em particular durante a paralisação dos funcionários, efetivada no mesmo dia em que se rea

lizou a passeata.

Caso a situação não se resolva a té o início das aulas, devemos estar atentos para nos manifestarmos de for ma mais efetiva ao lado dos funciona rioso que ainda não pode acontecer dado o período de fériaso oferecendo nosso apoio irrestrito à sua mobilização e às suas reivindicações.

REUNIÃO ABERTA DO DCE

pauta: SBPC
Comissão pro UNE

terça-feira 14 hs Ciencias Sociais

# DCE: Balanço das Atividades

Tendo vencido as últimas sleições para o DCE, a atual diretoria, cuja plataforma afirmava a necessidade de estruturar a entidade, já começou a

trabalhar neste sentido.

Pouco antes do início das férias foi convocada uma Reunião Aberta para discutir as diretrizes básicas de orientação das atividades visando a reorganização do DCE. Como primeira medida, estabeleceu-se uma sede provisória na Ciências sociais. Daquela munião tirou-se também, em função da SBPC, a formação de 2 comissões abertas visando a elaboração de propostas de intervenção na Reunião Anual: Anistia e Ensino.

u-se fundamentalmente da elaboração de moções em favor dos presos, banidos e cassados, dando enfase aos pro fessores e cientistas impedidos de e xercer suas funções em virtude de re trições de caráter ideológico e dos lideres operarios e camponeses e estudantis exilados. Coube a esta Co missao também elaborar uma moção solicitando a SBPC sua solidariedade " frente à realização do IV ENE, pelo ar quivamento dos processos relativos T ao III ENE (que ainda se encontram em anadamento) e cobrando a continuidade do pagamento das despesas hospita lares dos feridos por ocasiao da invasão da PUC.

A Comissão de Ensino constituiu se num primeiro momento para discutir os temas que serão tratados na SBPC relativos à esta área. Cabe a ela elaborar moções contra a implantação das licenciaturas curtas-Estados Sociais e Resolução 30. Estas duas questões, aliás, devem continuar a alimentar as discussões da Comissão da qui por diante, frente a possibilida de de efetivação da licenciatura cur

ta este semestre.

A Comissão de Imprensa, por sua vez, vinha funcionando até agora de forma artificial, com um número irrisório de pessoas. Foi rearticulada, definindo nova orientação e nova pau ta parao jornal do DCE (que deverá sair no começo de agosto). Por outro lado, a Comissão Cultural (sem "pró", pois finalmente se assumiu en quanto cultural do DCE) está organizando sua pauta de atividades (teatro, cinema, música) ao mesmo tempo" que vem aprofundando a discussão em

torno de linha de trabalho e ser ado tada. No início das aulas sairá um texto explicitando suas propostas.

Para o período de férias também" está sendo preparado um Curso de Férias, por uma Comissão aberta designada para efetivar a proposta. O objetivo do Curso é abrir a discussão" em torno de temas atuais e conta com o seguinte programa: dia 24-debate "por escola: 25-Universidade; 26-Movimento Estudantil; 27-Sindicalismo no Brasil; dia 28-Crise do Regime: Perspectivas. A taxa de inscrição será de 50,00 para os demais, tendo direito os que se matricularem a certificado de participação.

A cobrança das matrículas no "curso de férias está vinculada a necessidade premente de se angariar 'fundos para a entidade. O saldo do "caixa é de apenas...22 mil cruzsiros negativos(!), referentes à compra de um off set pela última gestão. Na ma linha de preocupação, a diretoria vai colocar à venda um bonus do DCE, a ser vendido durante e depois da SB PC, tentando minimizar o problema fi nanceiro que impede o funcionamento"

regular da entidade.

Resta destacar, nesse primeiro" balanço, que o DCE tem apoiado e par ticipado das lutas que diferentes setores da sociedade vem travando por melhores condições de vida e trabalm e por Iiberdades Democráticas. Caso" dos funcionários da USP, dos médicos residentes, Além disso, oferecemos "nosso apoio à Chapa 3(oposição metalúrgica) em sua luta contra o peleguismo e por liberdade sindical e nos posicionamos, através de moção, contra a Frente Nacional de redemocraticação. Cabe aqui denunciar a política de boicote da imprensa com relação às diferentes notas e moções que temos lançado, impedindo uma divulga que mos lançado, impedindo uma divulga que maior do posicionamento do DCE frente aos acontecimentos da conjun-

No entanto, com ou sem imprensa, o DCE se encontra funcionando, sinda que com as limitações naturais do período de férias. Convocamos todos os colegas a participar das comissões, oferecendo sua contribuição para o fortalecimento da entidade. O Horário de reunião das comissões se encontra afixado na sede do DCE.

#### UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

-Estrutura de Poder na Universidade

Os sintomas mais notáveis na crise histórica da Universidade, reside na contradição latente entre os anseise dos ingressos e a incapa - cidade da Burguesia em lhes assegurar um futuro material e intelectual.

Essa crise é alimentada pela atual fase do Capitalismo, sua última fase, o Imperialismo, que em seu grau crescente de automação e concentração, não assegura o desenvolvimento das forças produtivas, não resolve os problemas da Humanidade.

Ao Capital interessa subjulgar a seus interesses o componente intelectual da mão de obra, desqualificando-o progressivamente na medida que submete-o a seus interesses.

A Educação expressa os objetivos da ampliação dos lucros de uma minoria em detrimento dos interesses e necessidades da maioria o - primida socialmente, pois sendo a Educação o reflexo histórico das relações de produção dominantes, impõe a égide do Capital emprejuízo dos interesses do proletariado e demais oprimidos.

E não restam muitas ilusões quanto a isso. O futuro social dos estudantes, se devidamente observado, demonstrará que uma parte deles ocupará funções parasitárias na sociedade (advogados, juízes, etc.). Ou tros serão inseridos no processo produtivo como assalariados e de maneira semenhante sofrerão a submissão aos interesses do Capital, serão submetidos ao sobre-trabalho e verão suas atribuições de se tornarem úteis, serem esmagadas pelos interesses do Capital. Boa parte ainda, engrossarão o exército industrial de reserva, como desempregados.

O que foi demonstrado acima possui ainda outros agravantes. Não só observamos a desqualificação progressiva do componente intelectual da mão de obra, freando o desenvolvimento das forças produtivas, como além disso, o Capital alija do desenvolvimento a força produtiva fundamental da sociedade, o proletariado.

Após essa breve caracterização da situação do estudante, para que possamos prosseguir osbre a Universidade, é necessário explicitar mais essa instituição e a Educação.

A Educação é evidentemente o reflexo historicamente preciso da relações de produção dominantes. Os reformistas educacionais pequeno-burgueses não só não compreendem isso, como se apegam à uma discussão bizantina, ora defendendo que a Educaçãod deve adaptar-se à evolução tecnológica, ora defendendo que ela se mantenha à parte, encerrada numa torre de marfim, com uma autonomia não abstrata e não compromissada com a Sociedade.

Para conseguir a transformação da escola de acordo com as trasnformação do Capitalismo, a Burguesia segue o caminho não democrático, isto é, um caminho que não pode contar com a participação política das massas, tanto no plano de gestão e organização da Universidade como sobre o plano das condições de ensino. A autonomia universitária, que historicamente é uma reivindicação burguesa, hoje não passa de uma farsa em mãos da Burguesia, é só vermos os reitores que são nomeados pelo poder executivo eas invasões dos campus universitários ocorridas no ano passado, etc.

Nosso repúdio à atual Universidade não quer dizer que enveredaremos pelo campo das soluções acadêmicas, tão somente. Não pode haver um retorno à Universidade"liberal", desvinculada do processom produtivo.

As lutas estudantis expressam em grande parte nosso combate a atual estrutura coercitiva implantada pela Ditadura na Universidade. Essas lutas sem dúvida, trazem em seu bojo a reivindicação pelo fim imediato da Reforma Universitária.

Combatendo pela mudança da Universidade, levantamos bandeiras justas, que se opõem às medidas que interessam ao Capital e à Ditadura. Essas lutas que se opõem à desqualificação progressiva da mão de obra, à estagnação e regressão da cultura, à diminuição da população universitária, à desubrigação do estado com a educação, resumem-se basicamente na luta por melhores condições de ensino, pelo ensino público e gratuito para todos, mais verbas para a educação, contra o ensino pago e contra a Reforma Universitária.

Mas não iremos transformar a Universidade radicalmente de dentro dela mesma. XXXXXX Essa luta para ser consequente tem que ser colocada dentro do processo da lutas sociais e sob a bandeira do proletariado.

A defesa da autonomia universitária, frontal oposição ao cerceamento das Liberdades democráticas, verificado hoje na Universidade,
não deve ser abstratamente colocada. Devemos deixar claro a propugnação de um governo democrático e autônomo da Burguesia, baseado na organização política dos estudantes, professores e funcionários, que por
sufráfio universal, elejam as autoriadedes administrativas, baseados
em plataformas políticas. Tudo isso buscando-se galgar os caminhos de
uma sociedade realmente democrática, onde a Educação responderá, efetivamente, aos anseiss dos oprimidos.

E como é amplamente colocado, a gestão autônoma da Universidade, concretamente, não pode garantir-se a partir dela própria. Assim devemos irmanarmo-nos à lutar dos oprimidos. A garantia de uma Universidade de democrática só se efetiva numa sociedade também democrática.

Devemos, portanto, em nossas lutas que também expressam o antagonismo à Ditadura, ampliá-las, englobando-as às manifestações da vida social e política. Desta forma estaremos conjugando a lutam por melhores condições de ensino à luta por Liberdades Democráticas.

Situarmo-nos somente no espaço das lutas específicas é jústamente fazer o jogo que a Ditadura pretende ( vide pronunciamento do pró
prio ministro da Educação). A ampliação das lutas significa também elevar o nível de politização do conjunto dos estudantes, colocando-os numa clara perspectiva classista,

Desta forma estaremos combatendo no meio estudantil por uma pol lítica proletária, fundada na luta de classes.

- ABAIXO A REFORMA UNIVERSITÁRIA
- PELO ENSINO PUBLICO E GRATUITO PARA TODOS
- PELO ENSINO VOLTADO AOS INTERESSES DA MAIORIA DA POPULAÇÃO OPRIMIDA
- PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE
- PELAS LIBERDADES DEMOCRATICAS
- ABAIXO A DITADURA

#### -REFORMA UNIVERSITARIA

O conjunto do medidas adotadas a partir de 1968 constituem a chamada Reforma Universitária.

Ela veio acentuar at tendência geral do Capitalismo en "adequar" ocensino en

geral às suas necessidades.

Obviamente que no Brasil isto guarda certa especificidade. A antiga Universi-

dade, acadêmica, igualmente elitista, precisava ser remodelada.

Mas o dado novo na Reforma Universitária é que esta se distingue da antiga Universidade na medida em que visava responder às necessidades geradas pelas transformações por que passou a economia a partir da segunda metade da década de 50.

formações por que passou a economia a partir da segunda metade da década de 50.

O modelo econômico adotado nesta fase (produção de bens dez consumo duráveis e implantação de indústrias de base) para se viabilizar necessitava da mobilização de grandes somas de capital, que só eram disponíveis pelas grandes empregas monopolistas, principalmente as estrangeiras, e pelo Estado, que passa, então, a assumir o papela de concentrador de capital, investindo diretamente na produção.

Para viabilizar este "desenvolvimento" econômico, que leva a uma concentração da renda e se apoia principalmente no arrocho salarial, a ditadura, implantada, golpeia o movimento de massas, assumindo a função de garantir a paz social para o

capital aqui investido.

Além disso, a ampliação das funções do Estado (que levam a um aumento do aparelho burocrático) juntamente com o crescimento e o aumento da complexidade do par que industrial geram a necessidade de formação de uma mão-de-obra especializada para o desempenho do controle administrativo e produtivo e para a criação e manejo de uma tecnologia que permitisse o aumento da "produtividade".

Para atender a estas necessidades econômicas e políticas, a Universidade vem

sofrendo modificações que se dão praticamente em 3 sentidos:

- adequação do conteúdo dos cursos às necessidades do desenvolvimento capita-

lista;
- expansão dom sistema educacional através do mínimo custo possível, uma vez
que o Estado tem como prioritário ox investimento em outros setores;

- centralização do poder na Universidade e criação de medidas repressivas que, se por um lado visavam garantir a implantação e manutenção des tas transformações, por outro refletiam a própria estrutura de poder vigente na sociedade, ou seja, a necessidade de manter a "ordem e a paz social" dentro da Universidade, evitando os ques tionamentos, os debates e a politização.

Estas modificações se dão através dem medidas estabelecidas pela Reforma Uni-

versitária.

Como evidência da economia e contenção dos gastos teremos a "racionalização" da Universidade através da introdução dos cursos básicos, departamentalização, sistemas de créditos, vestibulares unificados por áreas, e, principalmente através do

Ensino Pago.

A implantação gradativa do ensino pago em escolas antes mantidas pelo governo e o aumento de nº de escolas privadas, tornando a Educação um negócio muito rendoso para as empresas particulares, visa aumentar o nº de vagas sem que o Estado precise arear com este custo, objetivando, por um lado, a formação de mão-de-obra especializada e, por outro, a diminuição da pressão social causada pela crescente demanda de vagas no ensino superior, uma vez quez este se mostra como um dos poucos meios de "ascenção social" da pequena burguesia, já que as vias tradicionais como abertura de um pequeno negócio ou exercício de profissões liberais não cumpriam mais este papel devido à incapacidado de concorrência com os grandos monopólios.

Como forma de melhor adequação do ensino aos interesses do desenvolvimento capitalista, temos os empresários que, alóm de investir na oducação, participam diretamente dos órgãos ded decisão das escolas (como o C.O. da USP) influindo na elaboração dos currículos os quais prioritariamente vão estar voltados para a formação de profissionais que atendam às necessidades de ampliação dos lucros das empresas, ficando relegada a um último plano disciplinas que abordam problemas referentes às necessidades enfrentadas pela maioria da população (ex: medicina preventida, sa

nommento básico, construção de casas populares, etc...).

A especialização via departamentos, os acordos de integração escola-empresas,

por exemplo, não visam outros interessos.

O aspecto político das reformas se confundem com as medidas de racionalização em muitos pontos, mas o cerceamento das liberdades domocráticas dentro da Universidade é maisæ evidente. O artigo 228, que suprime as organizações estudantis livres e independentes, o 477, os regimentos internos, colocam uma estrutura de poder respressiva que não só visam garantir a oficácia das medidas econômicas, mas que coloca claramente o impedimento à crítica, à contestação, e destrói ou visa destruir a politização no meio universitário.

Mas é importante reconhecer na Reforma uma medida paliativa. Apeser do aumento de matrículas ocorridas no período 68/73 (300%), o nº de excedentes em 72 (segundo o próprio MIC) situa-se em mais de 45%.

A tendência geral de crise da Universidade não pode ser solucionada por uma medida paliativa. O futuro social dos estudantes é colocar-se sob o jugo do capi

tal desqualificando a sua já parca formação ou se tornarem desempregados.

Essa massa de empregados e desempregados não tem interesses tão diversos assim do proletariado e expressam seu descontentamento com a Burguesian na medida que percebem a incapacidade da mesma em lhes conceder um futuro material e inte-

COMISSÃO DE ENSINO DO D.C.E. LIVRE DA USP- ALEXANDRE VALUCHI LEME - Julho/78

#### CASA DA UNIVERSITÁRIA DE SÃO PAULO

#### CONVOCATORIA

A Casa da Universitária de São Paulo, entidade criada em 1951, que abriga estudantes carentes vindas do interior e de outros estados, está para ser despejada de seu imovei nos fins do mês de agosto.

Assim, faremos segunda Caravana ao Covernador do Estado de São Paulo, uma vez que ele se comprometeu no dia 11/05 a receber-nos no dia 12/07, com propostas e um dossiê, para solucio nar nosso problema.

Este dossiê que teve a colaboração de Maria Nilde Masce llani (educadora), Eduardo Suplicy (economista e professor universitário), prof. Azis (diretor do intituto de Geografia), es critor Inácio de Loyola, teatrologo Plínio Marcos, UEE a Associação de Serviço Social, será lançado publicamente na SBPC.

A CUSP convida portanto, cientistas, professores, profissionais liberais, artistas, jornalistas, estudantes e a população em geral a comparecerem, no lançamento do dossiê, no dia '11/07 às 13:30 hs no prédio da História e Geografia.

A Caravana ao Governador saira da SBPC, as 14:00 hs no dia 12/07.

- FOR UMA SEDE PROPRIA PARA A CUSP
- PELA REABERTURA DO CRUSP
- POR MAIS MORADIA ESTUDANTIL

### contra o racismo

Hoje estamos na rua numa campanha de denúncia!

Campanha contra a discriminação racial, contra a opressão policial, contra o desemprego, o sub-emprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições de vida da Comunidade Negra.

Hoje é um dia histórico. Um novo dia começa a surgir para o ne gro!

Estamos saindo das salas de reuniões, das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado na luta contra o ra-cismo.

Os racistas do Clube de Regats Tietê que se cubram, pois exigiremos justiça. Os assassinos dos negros que se cuidem, pois a eles também exigiremos justiça:

O MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL foi criado para ser um instrumento de luta da Comunidada Negra. Este movimento deve ter como princípio básico o trabalho de denúncia permanente de todo ato de discriminação racial, a constante organização da Comunidade para en frentarmos todo e qualquer tipo de racismo.

Todos nós sabemos o prejuízo social que causa o racismo. Quando uma pessoa não gosta de um negro é lamentável, mas quando toda uma socie dade assume atitudes racistas frente a um povo inteiro, ou se nega a enfrentar, aí então o resultado é trágico para nós negros:

Pais de família desempregados, filhos desamparados, sem assistência médica, sem condições de proteção familiar, sem escolas e sem futuro. E é este racismo coletivo, este racismo institucionalizado que dá origem a todo tipo de violência contra um povo inteiro. É este racismo instituciona lizado que dá segurança para a prática de atos racistas como os que ocor reram no Clube Tietê, como o ato de violência policial que se abateu sobre Robson Silveira da Luz, no 44º Distrito Policial de Guaianazes, on de este negro, trabalhador, pai de família foi torturado até a morte.

No dia 1º de julho, Nilton Lourenço, mais um negro operário, foi assassinado por um policial no hairro da Lapa, revoltando toda a comunidade e o povo em geral.

Casos como estes são rotina em nosso país que se diz demo crático.

E tais acontecimentos deixa mais evidente e reforça a justiça de nossa luta, nossa necessidade de mobilização.

É necessário buscar formas de organização. É preciso ga rantir que este movimento seja um forte instrumento de luta permanente
da comunidade, onde todos participem de verdade, definindo os caminhos
do movimento. Por isto chamamos todos para engressarem o MOVIMENTO UNI
FICADO CONTRA : DISCRIMINAÇÃO RACIAL.

Portanto, propomos a criação de CENTROS DE LUTA DO MOVI MENTO UNIFICADO CONTRA DISCRIMINAÇÃO RACIAL, nos bairros, nas vilas, nas
prasões, nos terzeiros de candomblé, nos terreiros de umbanda, nos locais
de trabalho, nas escolas de samba, nas igrejas, em todo o lugar onde o
negro vive: CENTROS DE LUTAque promovam o debate, a informação, a conscientização e organização da comunidade negra, tornando-nos um movimento '
forte, ativo e combatente, levando o negro a participar em todos os setores
da sociedade brasileira.

Convidamos aos setores democráticos da sociedade que nos apóiem, criando as condições necessárias para criar uma verdadeira demoeracia racial.

- CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL!
- CONTRA A OPRESSÃO POLICIAL!
- PELA AMPLIAÇÃO DO MOVIMENTO:
- POR UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA RAGIAL:

<sup>&</sup>quot;Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial"

035 ANEXO " &" СНАРА З ANULADAS ELEICOES POR FRAUDE AS De acordo com as denúncias que vinhamos fazendo durante a cam panha eleitoral, haveria fraude (roubo) nas eleições. FOLHA DE SPULO São Paulo, dominão, 2 de julho de 1978 de "Lamento po O procurador anula as eleições dos metalúrgicos, por fraude "...h esma, examinando a folha de votação da urna 2, o procurador Osvaldo Preuss viu o nome de Benedito da Conceição, matricula sindical 43.665, que havia votado normalmente, sem ser em separado. No entanto, esse associado estava em outra lista, que havia passado por sua empresa, o que tornou a votação suspeita.Poderia ter sido o caso de aquele trabalhador ter votado duas vezes; isso também foi verificado com o associado Laerte Cranac e com dois outras. Todos esses quatro casos foram apurados pelo próprio procura dor que fez questão de examinar as fichas dos trabalhadores, a firta de votação e tomar outras cautelas, antes de se decidir pelo anulação: "... O fiscal da chapa 3 Victor Bianotti, convocava o procura dor Osvaldo Preuss. O lacre da urna 156 fora violado: o fiscal o remo weu apenas com um sapro... ... A partir dessa urna, as evidências de irregularidades, sempre anotadas pelos oposicionistas, foram-se acumulando. Até o final da apuração, 118 urnas estavam relacionadas como inregulares, algumas com até 3 ou 4 suspeitas de fraude." "... A mim nada mais resta do que declarar anuladas essas ele ições. Lamento pelos meus amigos."

"... Nesse instante, grande número de pessoas se encontravam em frente ao predio e passaram a bater palmas compassadamente gritando: "Abaixo a Pelegada, Abaixo a Pelegada".

FONTES: - Fulha de S. Paulo, Diário da Noite, Jornal da Tarde

Por que Roubar Os Votos Da Chapa 3?

- Enquanto a oposição defendeu a luta por 65% de aumento, a diretoria defendeu a proposta dos patrões de 1% a mais que os 40% do governo.

- Enquanto a oposição defendia 21% de aumento em maio, a diretoria preferiu mandar "cartinhas" aos patrões pedindo antecipação para ser descontada em novembro. Mas os metalúrgicos puseram em prática as propostas da Oposição e estamos conseguindo AUMENTO DE SALÁRIOS, RECONHECIMENTO E ESTABILIDADE DAS COMISSÕES DE FÁBRICAS e a PRÁTICA DO DIREITO DE GREVE.

Todos sentiram que as propostas e atitudes da oposição estavam e estão de acordo com o que os metalúrgicos esperam de um sindicato combativo.

É por temerem um sindicalismo organizado nas empresas, combativo e independente, que se tentou impedir através do roubo, a vitória certa da oposição.

E Agora? COMO É QUE FICA?

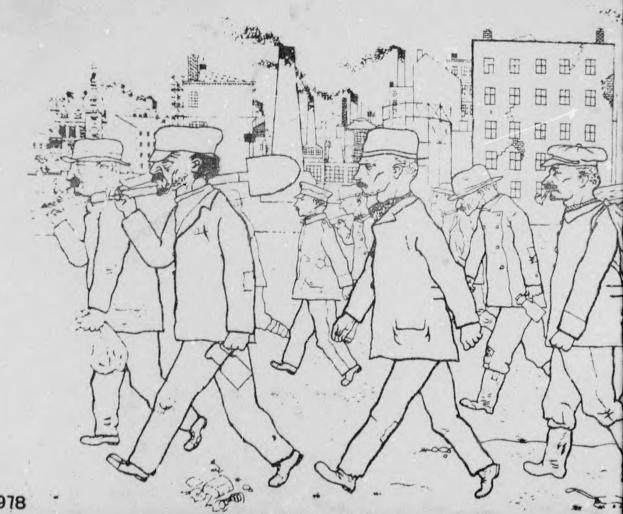
Entendemos que a maneira mais justa de garantir novas elei - ções, sem fraudes, e garantir a participação em igualdade, de todas as chapas concorrentes e cada chapa indicar um mesario para cada urna, a- lem dos fiscais. E também medidas que garantam a inviolabilidade das urnas.

Isto só poderá acontecer com a eleição, em assembleia da categoria, de uma junta governativa - composta de metalúrgicos, para dirigir o processo eleitoral.

Somos contra a qualquer tipo de intervonção externa no Sindicato, bem como a prorrogação do mandato da atual diretoria que se mostrou sem idoneidade para conduzir o próximo pleito.

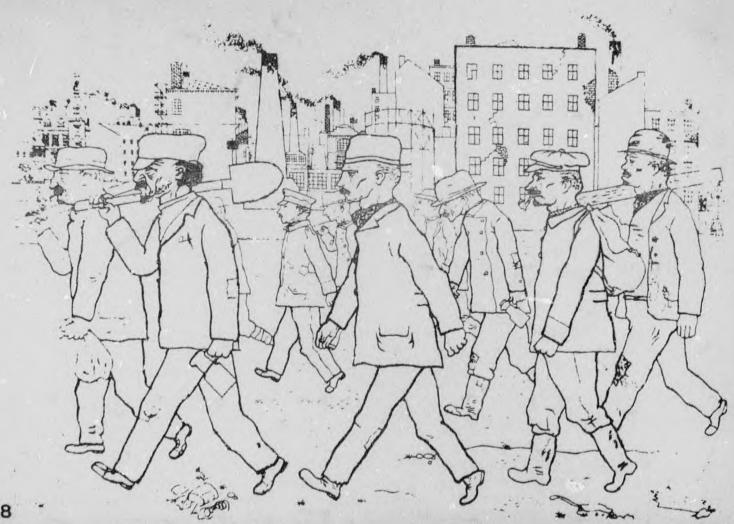
# os sindicatos m





Coleção Estudos \* Julho/1978

## sindicatos mo



O original deste documento (com Z folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

#### es sindicatos no brasil A atualidade desta discussão

O aprofundamento da crise interburguesa e o ascenso de movimento operario no Brasil estão trazendo para o primeiro plano da cena política e debate sobre as perspectivas e as linhas gerais fídese novo momento Hoje, nem mesmo a burguesia tem pudores em dizer que a ditadura militar está vivendo seus ultimos momentos.

A burguesia, ou pelo menos seus estores mais lúcidos, demonstra ter compreendido que a repressão pura e simples será incapas de impedir o aparecimento do movimento de maesas de maneira docisiva. Os policiais e os invertentores que até hoje inundaram os sindicatos já se demonstram incapases de conter o ascenso que se aproxima. Ao mesmo tempo, a classe operária começa a despontar sem que a classe dominante possua on nais capazes de conte-la e dirigi-la. Por ieso, velhas raposas começam a reaparecer e os debates de gabinete tentam montar as bases de novos partidos, de novos mecanismos de relacionamento com o movimento de mas sas.

Dois pontos se colocam no centro das precoupações dessa parcela da burguesia: manter a estrutura sindical existente, atrelada ao Estado, assistencial em súa primeira análise, mas com mobilidade e clasticidade suficientes para enquadrar as tentativas de mobilização que o proletariado vier a fazer e criar as bases para a existência de um partido que, se necessário, aglutine em torno de sí os anseios das massas em movimento.

O proletariado, em seu ascenso embrionário, tem se usado dos pretextos possíveis para se por em movimento. E a cada vez que se mobiliza, choca-se com a ausencia de organismos de combate que centralizem todo seu potencial de luta. Os sindicatos existentes, unicos can; e existentes, ao inves de serem instrumento capaz de impulsionar o avanço da clas se oporaria, cumprem o papel de sew primeiro obstáculo. Ao mesmo tempo, inexiste um partido capaz de assegurar a independência da classe do proletariado e se colocar como a sua direção.

Historicamente, os sindicatos cumprem o papel de instrumentos de combato, organismos de frente-única elementar do proletariado em luta pelos seus interesses; so interior dos sindicatos se expressa de meneira elementar a unidade da classe operária e sua independência frente a classe dominante. O papel cumprido por esses sindicatos esta diretamente de terminado pela correlação de forças entre a burguesia e o proletariado e pela política que as direções operárias desenvolvem no seu interior. Por isso, a luta para que os sindicatos cumpram o papel de organismos de unidade e independencia de classe do proletariado se confundo com a luta pela construção da direção revolucionária do proletariado, ou se da, do seu partido revolucionário.

Hoje, no Bracil, tentar identificar o papel que cumprem os sindicatos existentes, seu relacionamento com a classe operaria e tractir a estratir gia para a intervenção em seu interior é uma das tarefas centrais de todos aqueles que postulam como direção do proletariado. E, para isso, é

necessário que se conheça -- no que há de central ... a história de movimento operário no Brasil e a sua relação com a experiência acumulada de mais de um século de luta de classes do proletariado mundial.

Como reflexo do grau embrionário de construção do proletariado brasia leiro como classe, a experiência histórica assimilada pelo conjunto da classe operária é bastante limitada e sua vanguarda demonstra diariamen te sua pouca experiência. Para a juventude a para o proletariado como um todo, a história do movamento operário no Brasil e a sua ligação com a luta de proletariado internacionalcontra a barbarie imperialista é u ma incógnita. As publicações existentes sobre movimento operário em nog so país são a síntese desas processo ainda mal iniciado. Em geral, são coletêneas de fatos dispersos, compilações sobre concepções burguesas e pequeno-burguesas, distantes do método de analise classista, desenvolvi do pela classe operária internacional, o marxismo.

E não podoria ser diferente. É o processo de construção do proletaria do brasileiro como classe o único motor capas de educar as magas segundo as bases e os princípios assimilados através da luta de classes. E esse processo é ainda inacabado.

#### A Origem do Movimento Sindical no Brasil

O movimento operário no Bresil se confunde com o aparecimento das primeiras fábricas, em meados do século passado. Esse processo foi extrema mente lento, devido à lentidão da implantação do processo industrial, por la existência da escravidão até finnis do séc. e pelo grau de dependencia do país em melação ao capital ingles. Se mostravam já necese momento de características típicas de um país semi-colonial, dependente do capital internacional.

No entanto, o aparecimento do proletariado brasileiro já acontece sob a influência do proletariado mundial. Em 1872, alguns operários brasileiros chegam a entrer em contato com a I Internacional; em 1890 é crigido o primeiro Partido Socialistas e em 1892 já existem nucleos socialistas em vários pontos do pasi. Ao lado dos socialistas, os anar quistas também atuavam no movimento operário brasileiro, expressando as tendências que se desenvolviam no interior do movimento do proletariado mundial.

Os primeiros indicatos foram criados pela classe operária no início deste século. E. 1906 foi realizado o primeiro Congresso operário, pro novido por esses sindicatos e que deu origem à primeira contral sindical brasileira, a Confederação Operária Brasileira, que começou a funcionar en 1908. No entanto, sua duração foi curta. Novos congressos, en tes reolizados em 1913 e 1920, tentaram resnimá-la, mas não tiveram resultados mais duradouros. A vida sindical sinda era localizada a nível de regiões, demonstrando o grau incipiente de organização do proletariado.

combatividade do prolecciado brasileiro era demonstrada nas mobilizações desencadeadas de prairia greve foi realizada pelos graficos do Rio de Janeiro em 1858: em 1891 acontece a grando greve dos operários

de Sartoe e em 1/1907 sucederam-se uma série de greves gerais em 500 Paulo: A repr 1/20 aponaveis em grande parte pelo desenvolvimento do movimento ol 1/20 aponaveis em grande parte pelo desenvolvimento do movimento ol 1/20 aropa, eram deportados; outros militantes eram enviados parta a Amaz 1/20. Ress violôncia, porém, não foi capaz de conter o creecimento do movimento operário. No quadro do ascenso mundial de clesse eperparia, de revolução proletária na Russia, o movimento operário se lançava à frente, como na greve geral de 1917 e no ascenso dos anos de 1918,19

e 20. Naquele momento ja so demonstrava a necessidade vital da classe o perária de construir uma direção revolucionária. Nem socialistas, dada a degeneração da II Internacional e sua crise no Brasil, nem os anarquistas, pelo seu método diametralmente oposto à organização do proletariado, ocupavam esse papel.

Ao lado da falta de direção, de preparo político, de unidade a nível macional para levar adiante a tarefa de dirigir a classe o perária, anarquistas e socilaistas mostraram-se incapazes de forgular uma política correta para um país atmasado como o Brasil. Seu grau insignificante de elaboração política os impedia de oferecer perspectivas ao ascenso revolucionário. Com isso, essas direções deixaram um enorme terremo vazio, por onde pode mpenetrar o nacionalismo burgues post terforments.

Impossibilitada de seguir adiante por falta de uma direção, acla see operária brasileira começa a entrar en refluxo após os anos 20, a-companhando também a tendência do movimento operário internacional.

Em março de 1922, foi criado o PCB. Sua fraqueza desde o momento de fundação foi bastante grande. Ele teve a sua origen na fusão de vários grupos de ex-anarço-sindicalistas que haviam aderido às teses do Parti do Bolchevkque apos a Revolução de Outubro, e não da cisão de PS's legados à II Internacional como ocorreu em diversos países do mundo,dada a inexistência de um PS a nível nacional e a crise que praticamente di simou os grupos social-democratas em 1914 e 1918. Além madesas dificul dades iniciais há o fato de que do grande ascenso do período 1917-1920 nenhum saldo organizativo hevia restado.

Para se ter uma ideia precisa do grau de desortanização do proletaria do brasileiro naquele momento, basta que se observe o seguinte quadro: passaram-se 12 anos desde a criação do primeiro partido operário no Brasil: em 1896, o.PS de São Paulo já editava um jornal semanal: na eleição de sua primeira direção o PS já contava com 450 operários; o PCB m nasce em 1922, após o ascenso da classe operária, com 72 militantes!Es te foi o saldo deixado na organização do proletariado brasileiro pela social-democracia e pelo anarquismo no início do seculo. Apesar desse fato, a criação de uma corrente ligada à experiência acumulada pela Ravolução de Outubro, sintetizada pela II Internacional de Lenin e Trota Ly; a estruturação do PCB nacionalmente significavam um avanço importan te para a classe operária.

No entanto, a fraqueza numérica do PCB se completou com a fraqueza po lítica de seus militantes, que sinda lutavam para romper com seus laços anteriores e assimilar as experiências do marxismo concentradas na III

Internacional. A burocratização da III Internacional teve peso decisivo para a completa degeneração do PCB. Em 1924, no V Congressoda Internacional Comunista, o PCB solicitava formalmente a sua adesão; é dentro da Înternacional ja stalinizada que o PCB passará a ter contato com a luta do proletariado mundial.

A partir de 1920, muitos dos antigos sindicatos, ligas e uniões operá ringüesapareceram e o movimento sindical conheceu um período de esvazia mento. A repressão ao movimento operário se intensificou, principalsente dapois das revoltas militares de 1922 e 1924, que iriam das origem aos movimentos tenentistas. Apesar dieso, os comunistas lutavam pela con quista da direção dos sindicatos operários, tentando organiza-los por ramos industriais e não mais por categorias profissionais. Sua influência estava limitada ao Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco. Em 1924, os comunistas já dirigiam maior número de sindicatos que os anarquistas, pordendo apenas para os sindicatos chamados "autónomos". A influência da revolução russa havia conforido autoridade e prestígio para que o PCS se

construíshe rapidamento. Forém, a classe operávia, nem mesmo uma parcela significativa de sua vanguarda sindicalizada, havia chegado ainda a se construir como classe no interior do PCB no período anterior a sua total burcoretização.

No Rio de Janeiro, existiam duas pequenas federações operárias: a "?e deração Operária" controlada pelos anarquistas e a "Pederação dos Traba lhabres", dirigida pelos comunistas. A nível nacional existia a Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira, onde participavam os sim disates "autônomos", cooperativistas e mutualistas, que em seus estatutos pregava a colaboração entre o trabalho e o capital. Desde 1925, mui tos sindicatos foram conquistados pelos comunistas, Já se demonstrava então a influência do stalinismo sobre o PCB. Sua política seguia as di retrizes traçadas pelo Kremlim de apoio às burguesias"progressistas". Via Bloco Operário, e após 1928, via Bloco Operário e Camponês, O PCB rompia com o princípio de independencia de classe do proletariado.

caracterizando os movimentos militares tenentistas de 1922/24 como fazendo parte da Z "revolução democrática, agraria e anti-imperia lista". Era a mesma política que levou o PC chinês a se dissolver no interior do Kuomitang, provocando o massacre de 1927.

A partir de 1928, a política de colaboração com a burgeusia sofre uma inesperada guinada à esquerda, inaugurando a política conhecida como de "3º período", marcada pelo sectarismo e pela atuação esquerdista do stalinismos nível mundial. Tambem o PCB pasa a viver o "3º período". Apos a "revolação de 30", Vargas sobe ao poder iniciando a implantação do um estado bonapartista. Nesse período, era a seguinte a situação do sindicatos: te da influência nos sindicatos devido a sua política eleitoralista no interior do BOt. Existia uma federação intersindical no Rio de Janeiro, criada em 1927, cuja vida política, de fato, era mínima. Em 1929, inicianes um ascenso da classe operaria, com greves em São Paulo, Rio, Porto Alegre, Fortaleza, Elavador, etc., porem disperso, sem centralização.

En abril de 1929, o 203 conseguiu organizar un congresso em que participaran cerca de 50 entidades sindicais, que acaba por criar a COTB. A influência do PCB se concentrava no Rio de Janeiro; muitos dos sindica-

tos que participa am deuse congresse minda defendim como pçom mutualistas e anarco-sindicalistas e a grande maioria dessas envidades não era de operários industriais, mas de trabahadores não-industriais. O que se reflet) a nessa fraqueza da CGTB era o baixo grau de desenvolvimento do movimento operário no Brasil, que não era, porém, um entrave insolucionável.

No segundo semestre de 1929, o governo de Washington Luis doscadacou uma grando repressão sobre o PCB e os sindicatos. O PCB passa então a criar sindicatos "vermelhos", clandestinos, que acabavam por se desligar do movimento real da classe operaria, tornando\_se pequenos núcleos isola dos e com condições de interferir diretumente na luta do proletariado. Os demais sindicatos existentes eram, na sua majoria, dirigido poloe a-marquistas, passaram a ser considerados"faciatas!

Esse quadro de completa desorganização, de ausencia de um partido operário revolucionário, de inexistência do uma central sindical atuanta, a de divisão da classe operária, foi uma parte do pano de fundo da vitória da rebelião da "aliança liberal" Liderada por Vargas.

#### A Revolução de 1930

Pensa-se, en goral, que apenas a partir do governo Varaes, a burguesia tentou cooptar politicamente a classe operaria. Em geral, se diz que antes de 1930 as revoltas operarias eram encaradas apenas como "ca

aos de pelicia". Na verdade, esse concepção tenta dar no macionalismo buyques desencadesais a partir de 1930, um caráter até certo ponto progressista. Ao contrario do que se afirma, ou primeiras leis trubalhastas surgiram em 1925, taia como a lei de férias, o codigo do trabalho do menor, a lei das enimas de seguro contre doença, arrancadas contra a vontade da burguesia pelo movimento reivindicativo do proletariado e da pequena-buguesia. Em 1906, contra a vontade da burguesia industrial, o governo Afonco Penus foi obrigado a conceder o direito de livre associação, reordecendo a existência dos sindicatos construídos pela clas se operária e sem poder interferir sobre o seu funcionamento pera con-

En 1912, durante o governo de Hermes da Fonsecam o governo petrocinou um congreseo operário, en que participavam varios sindicatos "ama
reles" e pequenas associações autônomas. A tentativa do governo era a
de criar sindicatos ligados en governo e políticamente neutros, em tro
ca de um direito de proteção ao trabalho. A resção da classe operaria
e a dificuldade de se lever adiante esca política no interior de um es
tado onte as crises entre as eligarquias e a incapacidade do governo
de traçar uma política de ampla mobilização das massas trabalhadoras,
fez com que essa tentativa fracas;asse.

Pera levar adjunte os seus planos. Vargas foi obrigado a transformar e renganizar o aparelho de estado, para lograr os mesmos objetivos por metodos bonspartistas.

O movimento tenentista pequeno-burguês se incorporou à sevolução de 1930 ao lado das forças burguesas e oligarquias controledas por Vargas,

jogando un papel de destaque no controle ao movimento da classe operaria. O tenentismo não foi somente uma expressão de revolta e descontentamento da baixa oficialidade do exercito. No momento em que se agravou a crise entre as oligarquias dominantes, ele assumiu preponderantemente, a forme de revoltas militares nos quarteis e marchas armadas pelo interior do país. Porem, sua base social era mais ampla, abrangendo militares e civie, traduzindo as aspirações das "classes medias urbanas". Uma parte dessa pequena burguesia tinha sido mobilizada durante as "campanhas civilistas" de Rui Barbosa, principalmente na de 1910, quando o tema geral era a propaganda do "perigo militarieta", o combate as oligarquias, as medidas em beneficio a educação, a reforma eleitoral e o voto secreto. Na mesma decada, Hermes da Fonseca havia desehcadeado sua campanha populista sobre a classe operaria e os seus sindicatos. Quando em 1921, ambos se aliam, esta dada a unidade ampla de um govimento burguês "democratizante", que já havia acalentado durante anos as ilusoces da pequena-burguesia e o seu descontentamento.

A prisão de Hormes da Ponesca em 1922, desencadeia um processo de rebeliões que vai desenvolver quase que ininterruptamente até 1927. As co
lumas armadas atravessavam milhares de quifometros em todo o país, combetendo as tropas governamentais. Daí surgiria o mito dos "tenentes revoluciomárioa", "inimigos da oligarquia" etc.. E o PCB, com sua polítida de apoio as camadas progressistas da burguesta e da pequena-burguesia, atria espaço no interior do movimento operaio para que estas ilusões crescassem e se cristalizassem de manaira difusa. O resultado dessa política foi desastrosom. No interior do próprio partido começavam a
se esboçar tendências de apoio ao tenentismo revolucionario.

Os tenentes de unen a Vargas para levar adiante o golpe de estado. As tropas "revolucionárias" entram nos cidades sob os aplausos apotecticos da norulação,

As ilusões das nassas que receberam entusiasticamente os "revoluciona rios", tambén so podem ser entendidas nesse quadro geral de susência quane total de direção e de organização operária revolucionaria. Lembreso minda, para finalizar, que o país atravessava uma situação de crise aguda, social e política, caracterizada por uma ruptura entre diferentes setores das clasces dominantes, que se enfrentavem de armes na mac, e por una situação de niseria entre as maseas que havia se agrabado enormemente desde o deslocamento Co mercado mundial, com a crise econômica de 1929. Centonas de fabrican funcionavam so um dia por semana. Havis dezenas de milhatos de operario: desempregados. Esse quadro configurava aquilo que Lenin denominava "situação revolucionaria". Isso também não é mencionado nunca. A ausência de um partido revolucionário não modifica essa caracterização. Segundo Lenin ("A traição da social-denocracia e a falencia de II Internacional"), essas situações são objetivamente revolucionarias, quando "os de cima" não podem mais governar como antes, 2 "os de baixo". apos um agravamento rapido do sofrimento e da miseria, não suportam mais continuar vivendo assim.

A ausencia de un partido operário, porém, fez com que a situação revo lucionária surgida não desembocases numa crise revolucionária. Encontran do o terieno quase vazio, Vargas acenou com inúmeras promesas e começou

a decretar as leis trabalhimstas. Durante sus carpanha eleitoral as ilu sões das massas ja tinham sido grandes. No comicio monstro de acclumida do Castelo, em janeiro de 1930, Vargas fisera a empando de mustin ceral a todos os preses políticos, tocando aindo mas velhas reivindicações de mocraticas de voto secreto, referma eleitoral e liberdade de expresaño, mencionando ainda a "questão accial". Foz conícios achelhantes em várias capitais do Nordeste e Norte do pris, e também en São Paulo. Esta dado ai um quadro que configura plenamente o surgimenta de um movimento de ti po nacionalista burguês, apesar da questão da independência ancaunci es tar ausente, no momento. Mais tarde, ela seria desenvolvida dengosicamente por Vargas. No dia do eus posse no Governo Provisorio, Getulio fez um resumo de seu "Programa de Reconstrução Nacional": 1- Anistia; 2-Saneamento moral e físico, extirpando-se os agontes da corrupção; 3-hefor ma eleitoral e voto secreto: 4- Criação do Ministério do Trabalho pera superintender a questão social, o amparo e defesa do operariado urbano e rural; 5- Promover, sem violencia, " extirpação progressiva do latifundio.

O Estado burguês sofreu sérios minima mas não chegou a se decrantelar. A maior parte dos governadores do dordeste fugira sen oferecer resistên cia. A presença de sectores el comicos ultra reacionários no Altença getulista (Borges de Mederica, o Rio Grande de Sul; Antonio Carlos, em Minas) era uma garantia para a Junta que depõe Washington Luis, que acabe bou dando posse a Varro.

As tropas revoltome detavam, também, sob firme controle burguês, tendo sido recrutades or grande parte, por métodos coronelisticios. Porca as massas, ne des, viam de outro prisma a queda do odioso governo corrupto, e de movimento espontâncimente. Multidões delirentes suem as rie após o 3 de outubro, ocupando edifícios públicos, sequendo e de adando fornais conservadores que tinhem aposado a candida tura de Julio Prestes. Isas aconteceu en sentenas de cidades, no país inteiro, mas principalmente no Recife, en Selvador, Porto Alegre, Belo Harizonte, São Paulo e Rio. Em Recife, onde os tenentes e Juarez havian frecassado em seu primeiro intento de sublevar os quartéis, foi a propria massa que tomou de assalto um depósito de armas, organizando a revolta.

A resposta de Vargas não se fez caparar. Era ele, agora, o novo representante das classes dominantes, defensor, portanto, da ordem capitalis ta e da propriedade privada. Manifestantes foram preses em todo o país. Alguns dias depois, a anistia que fora prometida durante a campanha ele toral foi, efetivamente, decretada, para os revoltosos dos diferentes levantes e quarteladas ocorridos a partir de 1922. Comunistas, poren, continuavam e ser presos. Saem das prisões os militares rebeldos e entram os operarios e sindicalistas, em quantidadem lotando algumas. O anti-comunismo dos tenentes era notário. O de largas, era natural e decorrida de sua condição de latifundiário gaucho, ex-governador do Rio Grande do Sul, ex-Ministro da Fazenda do governo oligarquico de Washington Luis. Nacionalismo e Socialismo eram coisas muito diferentes, diametralmente opostas. Mas as massas não sabiam disso, na teoria. Na pratica logo iam perceber a diferença.

O entusiasmo dos primeiro dias duraria pouco. O desenpi go na indústria têxtil principalmente, era impressionante. Havia trabalho, quando havia, una vem por semana. O que significa que o operário devia viver com o dinheiro mensal de 4 diarias! Alguns patrões "paternalistas" permitiam que os tectlões plantassem verdura no quintal da fábrica para so breviver...

O operariado, imediatamente após a posse de Getúlio, mostrou, na pratica efetiva da greve, que seus interesses eram antagônicos aos da burguesia e da nova oedem crdem reclamada por Vargas. No mes de novembro de 1930, quando Vargas mal acabara de se instalar no Catete, e ainda escolhia seu Ministerio, coméçou a grande greve dos tecelões de S.Paulo, categoria de grande tradição no movimento operario brasileiro. A greve começou numa fábrica de Santana, e na Essunção, logo se estendendo para todo o rano: Jaffet, Labor e tantas outras. Também ocorreram, ainda em novembro, greve dos operários do Gasômetro, dos ferroviários; na Clark e na netalurgica Weneck, e em todas as indústrias do Matarazzo da Água Pranca, Brás, Belém e Tatuapé. Nesse mammana mesmo mes ocorreu uma greve de ferroviários na Eahia. Em desembro, ocorreram ainda outras em São Pgule e Santos, estendendo-se o movimento grevista pelos primeiros meses de 1931, declinando logo a seguir.

Porem em 1932, ocorreria un ascenso de proporções ainda maiores, de envergadura quase nacional, com greves em Portaleze, Recife, Rio e com a grave geral do maio de 1932 em S.Paulo, que envolveu todas as categorias e que darou 30 dias. O tenente "revolucionario" João Alberto, chefe de polícia na época, prendeu trabalhadores, grevistas e autorizou a polícia a atirar sobre os operários, fechando sindicatos violentamente. Houve inuneros mortos. Eis aí no oue da um movimento pequeno-bugguês quando não dirigido pelo proletariado, en alianca com este. Torna-se ali ado da burguesia e, portanto, inimigo dos trabalhadores. O tenente João Alberto, "heroi" das campanhas armadas dos anos vinte, membro da Coluna Prestes, era agora chefe de polícia e assassino de operarios. Um ano s meio apos a chegada de Vargas no poder .... O mesmo aconteceria con Cordeiro de Farias, (que hoje é membro da camarilha Geisel), Juarez Tavora, Eduardo Comes, Miguel Costa, Felinto Kuller. Todos eles foram mambros da Coluna Prestes. Todos eles teriam uma trajetoria política ultra-reacioneria.

Ho Brasil da época, a imensa maioria da paquena-burguesia descontente simplesmente não podis altar-se ap proletariado. Este ainda não se organ nisara como classe independente, istoé, em partido palítico. O FCB ainda era um partido em construção, semi-destruído. altas, entre 1930 e 31. E sua política, na época, ora sectaria, "de 3ê período", não levando em conta, en absoluto, as tarsfas democráticas. Com isso, Vargas, tinha sinal verde pela frente. A Oposição de Esquerda, recem fundada, pelo contrario, levantave ruestão agraria e as liberdades democráticas, pre

gando a necessidade da luta por uma Assembleia Constituinte. Mas eram minoritários. Os estalinistas, em 1932, ainda esperavam a "terceira explosão revolucionaria" que daria "continuidade a 1922 e 1924", (isto é, ao tenentismo pequeno-burguês). Com isso, Vargas ganhou base social jun to a pequena-burguesia.

O tenentismo foi utilizado como ponta de lança do nucionalismo burgues junto ao movimento operajo e sindical, no duplo jogo utilizado por Verg gas que incluia algumas concessões e demagogia, e muita repressão. Getu lio ia montado, pouco a pouco, um estado bugues de novo tipo, um estado bonapartista. Seu primeiro ato foi dissolver o Congresso Nacional e nomear interventores para assumir o governo dos estados. Sua politica era uma garantia para as classes dominantes como um todo, incapazte que estavam de manter dua dominação da mesma forma com que a exerceram durant te a primeira Republica. Mesmo assim ainda havia setores burgueses e oligarquicos dissidentes, o que explica a "Revolução Constitucionalista" de 1932, em 51 Paulo. A burguesia minda não entendera que a nova forma de dominação implicava que ele cadesse uma parte do poder de decisão para o governo, para o bonaparte, que se encarregaria de manter a ordes. De 1933 em diante, porem, tanto a burguesia industrial como o conjunto das classes dominantes ja se encontravam encaixadas na nova orden, satisfeitas pela garantia de "paz social" que so o bonapartamo poderia conseguir. Isso torn-se mais claro ainda, depois de 1935. Vargas pairava, aparentemente, acima dos classes sociais. Na verdade, representava os diferentes grupos oligarquicos e burgueses cuja unidade em torno do goberno so fora logrado graças, justamente, a mediação exercida, desde o Olimpo, pelo-todo-poderoso Br. Getulio Vargos.

Essas características bonapartistas do novo governo estão presentes desde o início, porém as instituições que comportam o novo estado, de tipo bonapartista, foram sendo instaladas e aprimoredas ao longo de um processo que duraria anos. É interessante notar que o novo regime não era fascista, como dizem alguns, apesar das instituições corporativas que criou. Também não era um Fatado parlamentar democrático. Era, justamente, um Estado bonapartista, cuja naturaza de classe e burguesa (co mo o estado fascista e o parlamentar democratico) e cuja especificidade reside no fato de manter certas instituições demicr cicas ao lado de in instituições corporativas de tipo fascista. É uma forma transitoria, nos países capitalistas avançados, entre a democracia burguesa e o fascismo. Nos países atrasados onde a questão agrária é explosica, na era do impe rialismo, quase todas as formas burguesas de dominação são bonapartistas ou semi-bonapartistas, o que se explica pela fraqueza da burguesia nacional, incapaz de manter a ordem desde que haja o minimo de liberdades democráticas para os explorados. É claro que o bonapartismo não resolve nada, sem para as massas, nem para os interesendos na "orden". Eis porque, em geral, descamba para a ditadura aberta (mesmo sacas ditaduras como e comum na America Latina, dado o requitismo de burguesia, ten cer Aas traços e rasgos bonapartistas. É o que Trotsky chamava de "bonapartismo sui-generis").

Mas o papel do Bonaparte não era apenas o de manter unida as diferentes facções das classes dominantes. Isso era apenas una parte de seu serviço, o que é logrado por Vargas por volta de 1933. A outra parte, mais difícil, consistia em obter um equilibrio social entre proletariado e burguesia, através de um sistema de concessões a abbos os ledos,

aparentemente tirando de um para dar ao outro e Vice-versa, mas, na verdade defendendo a fundo os interesses dos exploradores.Nesse difícil jogo, como dissemos, Vargas utilizou, no início, a pequena burguesia como ponta de lança, tanto na repress? como na criação de no-

vos sindicatos ligados ao Estado.

Tanto os tenentes como as lideranças civis da pequena burguesia foram usados nesse servico. Objetivos criar sindisatos que pudessem servir à política ponapartista, sindicatos varguistas, orgãos do aparelho de Eutado. Esse intento sota terra exito quando os outros sindicatos, aqueles que o proprio proletariado tinha criado ao longo de sua historia tivesse sido destruidos. Para fazer esse trabalho "delidado" junto a massa esfoneada e rancorosa daqueles anos de pries aguda do capitalismo mundial, Vargas, é claro, não podia aparecer com care de latifundiário e ex-Ministro da Fo enda, chefe de banqueiros. Basa cara ele usava quando se dirigia à burguesta. Quando se dirigia nos trabalhadores, a cara tinhà que ser outra e nisso concisto, justamente, a habilidade que se requer no difícil ofício de bonaparte. A propaganda oficial iria se encar regar, atraves dos anos, de criar a imagem "populista" com que Vargas seria conhecido, a de "pai dos pobres". Mas essa propaganda so foi maior no Estado Novo, a partir de 1940, principalmente. E, 1931-32 foram os tenentes e a pequena burguesda que se encarregeram de falar em nome de Vargas Junto ace operarios.

A possibilidade de oue cases tivessem êxito em parte já estavam assegurada relo próprio PC, não apenas porque o terreno estava vasio, mas porque haviansido os próprios estalinistas que ajudaram a oriar a fema e o mito em torno desses homens. Naurício de Lacerda não tinha sido, ma durante anos, exaltado come "defensor dos operarios"? Pois bem, passou a ser un grande defensos e articulador da Aliança Liberal. Com Evaristo de Moraes passava-se o mesmo, e ele agora fasia parte do Ministerio do Trabalho ao lado de outros figurões "populares" como Joaquím Pimente, Agripino. Nezaré. Etilisando Homens desse tipo o nacionalismo burguês conseguiu, em pouco tempo, fincar pé no seio do proletariado.

Rojo en dia é difícil imaginar como isso foi possível em tão puco tem po, Na época, porém, dada a desogarnização provocada pelo estalinismo no PCB desde 1925, homens do tipo Mammicio Lacerda (pai de Carlos Lacerda) tinham sou publico assegurado nos estores menos experientes do proletariado. Maurício Lacerda, para darmos apenas um exemplo, tornara-es figura de projeção nacional desde 1915 quando solidarizara-as com os expentos revolrosos, tendo sido sempre advogado de presos políticos, ele próprio permonecendo en prisão durante três anos no ditadura de Artur Bernardes. Sua autoridade palítica de pequeno-burguês democrata era canalizada, deste meneira, para Vargas. O processo foi o mesmo em relacião às outras lideranças pequeno-burguêsas. Inclusive os tenentes.

Era o Estado burgues penetrando diretamente no movimento operario. È por isso que se pode diger que as organizações sindicais criadas pelo Estado, pelo Ministério do Trabalho não eram organizações operarias, ig to é, cuja natureza de classe fõese proletaria, pos mais trabalhadores que tivessem no seu interior. Varges lograva exito lá ande o Marechal Hermes, vinte unos entes, tinha fracaseado. A burguesia industrial estal va exultanta. Até 1933 os paurões e empresarios das fabricas sinda permaneciam reticentes quanto à política sindical de Vargas. A partir desda data, entram em massa para os sindicatos "de empregadores" que a safurbura corporativista havia previsto para eles, so lado dos "sindica-tos de empregadoa", jogando e fundo o jogo de Estado burguês comandado.

#### A Destruição dos Sindicatos Operarios 1935

O período 1930-35 caracteriza-se como período de transição entre uma época em que o sindicalismo bracileiro foi autonomo em relação ao Estado (das origens até 1930) e outra época bem diferente em que todos os sindicatos passaram a ser controlados pelo aparelho de satado. Essa nova época se inaugura em 1935 e dura até os nossos dias. É a época que ainda estamos vivendo em nossos sindicatos de hoje. Essa mudança qualitativa, essa ruppura, ocorreu, definitivamente em 1935 (novembro/1935).

Entre 1930 e 1935 o ranorama sindical era o seguinte: havia logo ne início, sa 1931, sindic tos operários criados pelos próprios trabalhado res ao longo de todo o processo de formação do proletariado como classes. Alguns eram dirigidos pelo PCB, outros pelos anarquistas, outros ainda pelos trotaquistas. A maioria, porem, sram sindicatos "autônomos" dirigidos por trabalhadores das mais diferentes origens, muitos deles dispos tos à colaboração de classe, outros simplesmente refletando a confunça a inexperiência de um proletariado que nunca es organizara en partido, Todos eles eram organizações operárias, evidentemente, de diferentes tendências. Mosmo os colaboração onistas.

Estes, ne verdado, prestavam-se para a colaboração com o patronato graças ao trabulho desempenhado por seus dirigentes. Oportunistas, cerreiristas e aprovoitadores, existes em todas as classes sociais, inclusive no proletaricho, que não está imune a henhum dos victos da socieda de burguesa na qual els foi gerado. Buscando o beneficio preprio, tais individuos estavas dispustos a tudo. Purem eram obrigados a agir no intorior de associações oriadas velos proprios trabalhadores, e que e bem diferente. Sua margem de manobra, por isso mesmo, era mais limitada. Una simples expulsão desnes traidores acarretava a mudança de caráter do sindicato, que deixava de cer considerado "vandido". Nos casos expremen, em que o suborno e a corrupção já tivessen criado solidos vinculos eptre i sindicato e ou patroes (ou os governos anteriores a 1930), " mawimo que se pode diger e que jogavan un papel de agentes da burgu sia 40 seio do movimento operario. Alias, os socialdemocratas, de cuja origem operaria ninguem duvida (a II Internacional), ja tinham se prestado a collaborações desavergonhadas com patrões e autoridades. O oportunismo continuava a exixtir e se manifestava no interior dos sindicatos "autonomos". Porom esten, eram bem diferentes dos "sindicatos de empregados" que e Ministerió do Trabelho passou a criar.

Os "eindicatos de empregados", criados pelo próprio Ministerio de Trabalho, 1eto é, pelo Estado burguês, não eram e não são até hoje sindica tos operários. Eram e são organizações diretamente integradas ao Estado burguên, parte integrante do mistema de dominação estabelocido pela burguenta. Verence, logo a neguir, que eles não porderum essas caracteristicas em 1944, nem en 1954, npesar de certas alterações ligoiras.

Nedae curto p fodo de transição 1930-35, coemistiras, pertanto, cindicatos criados polo Retado.

O proleta anda lutou como pode para manter a sua independência organi estiva. 1931, as vésperas das eleições estaduais, os sindicatos operarios tovas estabelecer um divisor de águas. O programa apresentado lim de reivindicações econômicas e trabalhistass palavras de ordem de nacionalização das empreses de serviços publices, das terras to. « a completa autonomia sindical.

Vargas, no entento, evençava e sua política de controle da classe opar raria. Um dos sous mais efecientes instrumentos foi o Ministério do Tra balho.

<sup>-</sup>por Vargas. E, nesse ponto, patrão não es engama! O patronato sempre se recusou a discutir com os sindicatos operários, mesmo quando estes forma reconhecidos pela lei de 1907. Já agora, pelo contrário, tornavom-se adem tos do sindicalisma e dispostos a discutir com os "sindicatos de empre-gados". E, não era para monos. Heviam percebido a manobra de Vargas. Mo tidos em sindicatos desses tipo es trabalhadores estariam metidos em mil camisas de força. E o patronato passou a apoiar o Ministro dom Trabalho.

O Ministério do Trabalho foi criado logo após a poses de Vargas, em novembro de 1930, estando o proletariado em greve em diferentes pontos do país. O princiro ministro foi Lindolfo Collor, palítico gaucho ligado de cligarquias de seu estado que acabaria rompendo com Getúlio e se retirando do Ministério em abril de 1932. Nesse ano e meio de gretão, seu trabalho, orientado por Fargas, combinar ia concessõe.

limitadas aos trabalhadores com represeão brutal. As concesões, por outro lodo, sempre eram feites de maneira a reforçar a estrutura sindical que o Estado estava disposto a manter. As primeiras leis traba histas atendian parcialmente reivindicações antigas do prolesariado, que desta maneira, arrancava da burquesia direitos slomentares que ainda não dispunha: regulamentação do trabalho feminino, do trabalho do me nor, jernada de 8 horas e Previdência Social. Ao mesmo tempo, porem, a "lei sindical" (Deoreto nº 19.770, de março de 1931) estabelecia o regim me de sindicate único, definindo o sindicate como "orgão de colaboração com o poder público".

Joaquin Pimenta, que colaborava na redação do texto da lei .afirmava que ela expressava "un compromisso por parte do Estado de reconhecer no sindicato, mais que una simples sociedade civil, um orgão necessario ao equilibrio da orden jurídica na economia nacional" (in Segadas Viana -"A Organização Sindical Brasileira", Rio, 1943). Entre outras coisas a lei estabelecia que o numero de associados brasileiros, natos ou natura lizados, deveria atingir 2/3 do total dos filiados. Para os cargos de chefia, os naturalizados deveriam contar 10 anos de residencia no país. Con isso, golpeava-se politicamente uma parcela enorme da vanguarda sin dical, constituída por estrangeiros. Não so na vanguarda havia estrangeiros, o proprio proletarisdo tinhe, em boa parte, essa origem imigran te. En São Pauno, por exemplo, em 1936, 60% dos trabalhadores da metalur gia e 45% dos da construção divil eran estrangeiros. É so a partir dessa epoca que começaram a sumentar as migrações internas dirigiras para as areas industriais. Eusa enorme proporção de estrangeiros mostra bem o alcance da lei eindical decretada por Vargas, em esu intuito de decapitar a vanguarda combativa da classe.

Com as leis trabalhistas em uma mão o a lei do sindicato corporativo na outra, Vargao e Lindolfo Collor começaram a se aproximar dos trabalha dores. Os primeiros a serem contactados foram, evidentemente, os eternos

oportunistas dispostos a qualcuer negócio: os "amarelos" ou "crumiros", somo eram chamados na época, o primeiro a procurar o ministro fei a União dos empregados do Comercio do Rio de Janeiro. Pouco a pouco, outros forem se aproximando e aliliendo-se ao Ministério, o que signifia, va, como veremos, a perda completa de sua autonomia, sua auto-dissolução como sindicato é inediata constituição em associação vinculada ao Estado, para integrante de um mecanismo gigantesco criado pola burguesia para assocar, em grande escala, o movimento independento dos trabalhadores.

Vargas apenas disfarçava essas intenções, envolvendo-as em um palavre ado adequado. Collor, falando para industriais no Rotary Club do Rio, de clara que a intenção do governo é a de "garantir o regular exercício de trabalho dentre das nessas fronteiras. É tempo já de substituírace ac velho e negativo conocito de luta de classes, o conocito novo, construtor e orgânico de colaboração de classes" (cf. O Estado de S.Faubo

27/12/30). Na posse da diretoria do Centro de Operarios e Empregados da Light, que aderira no Ministério, volta a discursar disendo que "as organizações sindicais estão hoje no limiar de sua vitoria integral, que é a colaboração das classes e dos grupos sociais no governo dos Estados modernos (...) O sistema representativo puro e simples é uma fioção malograda. Ao lado do sufrágio universal que considera os i divíduos pela numero e não pela sua função social, deve erigir-se outro processo de participação no governo attavea do quel os grupos e os sin-

dioatos intervenham diretamente nas responsabilidades da direção do Estado" (Jornal do Comercio, 24/04/1931). Algum tempo depois, em discurso dirigido a operariou, no Teatro Oberden, em 3.Paulo, ao lado do Conde Matarazzo (notem bem a natureda de classe dos sindicatos que estavam sendo oriados; um industrial miliomário porticipava de campanha de sindicalisação...), Lindolfo Collor discursaváa disendo que a lei de sindicalisação mostrava que "hoje o operariado brasileiro não vals spenas co mo homem isolado. Vals, como classe (sio) solidaria(...). A Revolução Brasileira, pela sindicaçosação das classes, fas o possível para trafér os trabalhadores à colaboração direta com o Estado" (A Platea, 18/05/31).

Nosea sua viagem a São Paule. Collor tinna sido recepcionado por una comitiva da qual fazian tenentes (Isidoro Dias Lopes, da Revolta de 1924 e da Coluna Paulista) que, assim, emprestavam seu prestigio e colaboravam na tarefa de facilitar a cooptação do operario. Da mesma comitiva participavam dirigentes da FIESP, Julio Mesquita Filho e alguns membros do Centro Operario Católico Metropolitano, mantido pela Igreja.

Os sindicatos que não se submetessem ao Ministério e insistiesem em conservar sua autonomia não conquistavam certas vantagers que es leis trabalhistas reservaram apenas para os associados dos "sindicatos de empregados", como por exemplo, o direito de férias! Apesar de facultati va pola lei, a sindicalização nas corporações ministeriais adquiria, ag sim, um caráter compulsorio.

Nem esmpre era através de pressões e chantagens que o Estado lograva a dissolução das autigas auscolações nos sindicatos ministerialistas. Isso variou muito de um Estado para outro, dependendo do interventor. Quando se tratava de um tenente com bastante popularidade, esse pequeno burguêr prestava serviços inestimáveis ao Estado, logrando, pelo apadri nhamento e pelo paternalismo, acuilo que a força mão conseguia. Em outros

casog ainda de de tenente criava diretamente o sindicato atrelado de uma categoria de, por uma razão qualquor, setivesse haquele momento desor canizada. Isso acontecce inúmeras vezes.

Vejamos apenas um exemplo, o do Sindicato das Estivadores de Santos o maior porto do Brasil. Era uma categoria que tinha longa tradição de luto, que vinha de sua participação na primeira greve generalizada que ocorreu no Brasil, a de Santos em 1891. Em 1904, os estivadores participaram da fundação da Sociedade Internacional União dos Operários, sindicato dos trabalhadores das docas que organizou as grandes greves de 1908. Para encurtar a história, em 1919, os estivadores criaram uma entidade própria - separando-se dos condutores de veículos-, e socieda de dos Estivadores de Santos, sindicato classista independente do Esta do, das autoridades e da Igreja. Pote bem, esse sindicato foi destruido pela repressão durante a ditadura de Artur Bernardes, em que o país viveu anos em estado de sitio. Ovelhe sindicato foi liquidade em 1926.

Muitos anos depois, em 1932, o general Miguel Costa, comandenta da Força Pública, eriou o atual sindicato dos Estivadores, ja nos moldes que Vargas havia elaborado a partir do modele fassista. Usou, para tem to, do paternalismo, do apadrinhamento e do seu prestigio de ex-tenente e comendante da Coluna Prestes. Valeu-se, principalmente, do vasto político deixado pelo FCB. Esse eindicato, e hoje uma perfeita corporação, fas parte diretamente do aparelho de Estado.

#### OS SINDICATOS CORPORATIVOS: SUA IMPLANTAÇÃO NO BRASIL

O corporativiemo como ideologia, surgiu nos fins do séc. XIX na Eg ropa, como dupla reação ao socialismo operário e ao liberalismo bur gues, apresentando concepções autoritárias do Estado e da sociedade, ao lado de um saudosismo reacionário expresso nua ideal nostálgico de uma sociedade interramente harmônica e integrada, "orgânica", da qual a lu ta de classes fosse abclida e substituida, não pela sociedade sem clas ses, como pretendian os socialistas, has por uma sociedade onde reinas se a coluboração entre o Capital e o trabalho, a cooperação entre o explorado e o explorador. Essa ideologia exerceu grande influência no Brasil junto as classes dominantes nos anos 30, estando muito bem ex presa, na obra de Oliveira Viana, Plinio Salgado, Segadas Viana e do priprio Getulio, entre outros. O ideal do consenso numa sociedade divi dida por interesses antagónicos, levou os corporativistas a promover "une associatividade limitada, voltada para os interesses e formas de vida mais imediatos, em particular aqueles que resultan do fato de car tas pessoas terem a mesma ocupação ou oficio". O objetivo era organizar a classe trabalhadora em base fragmentada a sob controle, dando-sa ênfase as princípio de organização vertical - ou profissional - o rejettando-se a teoria horizontal - por industria, sendo os sindicatos dese de tipo integrados ao Estado.

Essa era a ideologia corporativista existente no início do século. Poi posta em pratica pelos fascistas, inicialmente na Italia por Musso limi, en seguida aplicada em Fortugal por Salazar e na Espanha, por Franco. Nos países imperialistas, o corporativismo estava a serviço das truats e dos grandes carteis. No Brasil, país atresdo, não houve fascismo. Porém, o istado bomapartista, como ja vimos, tem no mesmo tempo, características fascistas a parlamentar-democraticas. No Brasil, no pe

ríodo 1930/35, ao lado dos sindicatos corporativos copiados por Vargus, da lei fasòista italiana, houve eleições para a Assembleia Constituinte em 1938 (é claro que esses traços democraticos presentes no bona partismo brasileiro são típicos de un país que nunca contrecu plena de mocracia burgussa, ode partidos operarios quase nunca viveram na legalidade e onde o direito de voto sempre foi negado à maioria da população adulta, amalfabeta.).

O que nos interessa analisar agora e justamente esse lado fascista presente no Estado brasileiro bonapartista que Vargas foi montando no

longo dos anos 30/35.

Vejamus inicialmente como Trotaky analisa as características essen ciais da atuação do bonapartismo junto aos tratalhadores: "Apoiando-se na luta dos duas classes, o bonapartismo 'salva a nação', através de uma ditadura burocrático-militar. Mas não conseque se manter a não ser com a ajuda das burocracias operarias, as quais, por sua vew, so podem jogar esse papel graças a confiança parcial de una parcela do proletariado tem nelas." Poi exatamente o que fez Vargas. A "ei de Sindicalizacão de 1931 continha o exsencial do corporativismo existente na Ita Lia. Não continha apenas certas semelhanças, era uma adaptação inte gral. A "Carta del Lavoro" que regulementava os sindientos fascistas de Mussolini foi tradusida em parte para o portugues pelos assessores de Lindolfo Collor no ministério de Trabelno: Evaristo de Morais, Josquim Pimenta, Jorge Street - grande industrial "paternalista", apresen tado como exemplo típico da burguesia nacional "progressista". Essa es trutura corporativista foi sendo aceita pouco a pouco pelo prolatariado gracas ao trabalho dos burocratas sindicais.

Os setores mais combativos e experientes do proletariado recusivam -se a entrar para o corporativismo, mantendo-se uma pluralidade sindical de fato entre 1930 s 1915. Os sindicatos mais importantes de São Paulo e do Bio foram os últimos a se subordinar so Estado. A estrutura corporativa iniciot o seu cerce aos trabalhadores partindo da perife - ria para o centro des zonas industrializadas. Entre 1930 e 1934, a mai or porcentagem de sindicatos filiados no Fatado era de estados onde a concentração industrial era mínima ou quase nula: Para, Santa Catarina, Sergipe, Amasacas, Maranhão, Alegous. Picuí, estado do Rip juntos tota travam 50% dos sindicatos "recombecidos" pelo Ministério do Trabalho, isto é, ja corporativizados no mo de 1934. Os sindicatos de São Foulo

e Distrito Federal contribuiam apenas com 25% desse total. Ou seja, mas regiões do país onde a urbanização e a industriclização eran mais antigas, os trabalhadores, mesmo sem partido, mão se dobravam diante do Eg tado e dos patrões. Por cutro lado, se analizarmos as categorias que primeiro iam se submetendo, veremos também um dado esclarecedor, pois em geral eran setores numericamente inexpressivos, com raras excessões.

Não se pode concluir que, pelo fato de sua implantação ter sido len ta e gradual, os sindicatos conporativos no Brazil, sejam diferentes dos da Itália, nosse sentido. Ao contrário do que se poderia imaginar, na Itália de Mussolini, os sindicatos corporativos tambés foram sendo implantados aos poucos, tendo havido um período de transição en que eles coexistiram, na década de 20, com os sindicatos socialistas independentes. Na Alemanha nazista, a vanguarda operaria e sindical foi de capitada quase que de um so golpe, em 1933. Já na Itália, o ferrolho burcerático do estado foi asfixiando pouco a pouco a vida sindical enquanto no descrivalvia o sindicalismo corporativo com o muxílio de burgeratos operarios (en particular, de Rossini, anarquista seido da União Italiana do Trabalho em 1922).

Isso não quer dizer que os sindicatos corporativos implantados por Mussolini eran identicos aos sindicatos montados por Vargas. Apesar da Carta del Lavoro ser quase identica à lei Sindical, o sindicato Italia no foi estado e montado por um Estado fascista, sequanto que o sindica to prosileiro foi montado o criado por um Estado benapartista. Porém, a natureza de classe de antos é a mesma. Um sindicato, criado pelo Esto, numa sociedade capitalista, é sempre um sindicato burgues, seja lá qual for a forma de dominação que o tenha gerado: fascista ou bonapartista. Os métodos utilizados pela burguesia nos dois casos podem variar mas o resultado é o mesmo: a castração do proletariado, que vê a sua autonomia amputada pela integração ao aparelho do Estado.

O essencial da antiga Lei de Sindicalização brasileira, Decreto 1970 de 19 de março de 1931, foi incorporado na Consolidação das Leis do Trabalho - CDT - que está em vigor até hoje. É com base nela que os sindicatos atunis estão estruturados e organizados. Naquele decreto inicial, que sofreu poucas modificações, o sindicato era definido como "órgão de colaboração com o poder público". Seu papol passou a ser o de "disciplinar o trabalho como fator de produção". A política é banida do sindicato, cabendo a ele "vedar a emergência de conflitos classistas, canalizando as re/vindicações dos grupos sociais envolvidos para den - tro do aparelho estatal".

O reconhecimento pelo Ministério pre la o preenchimento de uma série de exigências, o que acarretava uma serie de expurgos dos sindicalistas classistas. Os sindicatos e associações anteriores à Lei eram, até então, sociedades civis tão autônomas como qualquer outra sociedade civil que se propunha fins distintos dos do sindicalismo. A nova Lei provocava ima mudança qualitativa na associação que aderisse ao Estado. Seus associação deverian promover assembléins para tomar tal decisão e enviar ata dos trabalhos ao Ministério do Trabalho junto com os nomes dos socios e a copia dos estatutos. Picava a critério do Ministério conceder ou não o reconhecimento. Se aceito, ficava o sindicato sujeito daí por diante, a vigilância permanente do Estado. Representantes do Ministério tinham o direito de assitur as assembléias e poder de fiscalizar gobre a sua contabilidade.

Ora, nenhuma sociedade civil o Estado tem esse direito. Os associa dos le uma sociedade qualquer são livres para decidir sobelanamente em Assembléia o que quiseram, sem prestor contas ao Estado pelos ser entos. Se a lei for transgredida, o poder público intervem judicialmente, mas isso ja é uma outra história. No caso dos sindicatos Varguistas, não era o poder judiciario, mas o executivo que criava um direito de intervenção permanente, um poder de vigiar e policiar a vida dos tra-

balhadores.

C sindicato deixava, assis, de ser um verdadeiro órgão do defessa dos interesses materiais e morais dos trabalhadores, ficando reduzido ao papel de cooperação tecnico com o Estado, servindo de órgão de consulta sobre os problemse relacionados com a categoria. Ficaram proibidas todas a quaisquer atividades político-partidurias (art. 521 da CLT) nos sindicatos, estando estes sujeitos a sanções penais por parte do

Ministério do Trabalho. Dependendo do arbítrio de ministro, e Estado po dia e pode multar o sindicato, suspander suas atividades, destituir a sua diretoria nomecado interventores de confinença de ministro e, até dissolver a entidade. Enfim, o Estado podo fazer o que quier. Num sin dicalismo desse tipo, o Estado mande e desmanda, faz e desfaz, "como se estivesse em pasa!" álins, aí está a diferença. Não é como se estivesse em casa.

Um sindicato desse tipo não é um sindicato operário. Não acde se pensar que "dá no mesmo, e tudo a mesma coisa", ergumentando que, no final dás tontas, o Estado serpre interveu e dissolveu anteriorpente os sindicetos operários, cuando eram sociedados civia. É muito diferen "te. Para o proletariado ama é indiferente a forme de dominação a que ele está submetido: fascismo, bonapartismo, ou república democrática. A luta por liberdades democráticas para ele é fundamental. So conquieradado o direito de livre organização, ele poderá construir os seus "mu cleos de democracia operária", bases de apoio indispensáveis para que ele se lance no assalto do poder. No Brasil, a luta por liberdades democráticas tem que passar pela ruptura total com o ministerio e o Esta de Dargués. O sindicalismo "CLT" tem que aer triturado pelo proletaria de fe seu próximo ascenso pera que a classe construa seus núcleos de democracia operário, isto e, seus sindicatos operários.

#### O SIGNIFICADO DA DERROTA DE 1935

A parvir de 1934, os sindicatos operários que sinde mentinham inde pendentes começaram a jugar um papel cada ver mois ativo. Em 1933, o voga gravista do ano enterior havia rofluido um pouco, mos em 34, nos dose moses do ano, ocorreram graves de grande envergadura, em quane todos os estados do país, num movimento que se estenderia pele ano de 1935, só terminando diante da brutal repressão desenoadeada por Vargas em Novembro. Alem das graves, houve grandes cokícios como o do estação pedro II, em que os operários enfrentaram a polícia varguista nas funa, com saldo de varios mortos de mabos os lados, assim como o fanoso de setembro na Praça da Sé (1934), quando, pela primeira vez em São Pau lo, graças aos esforços da oposição de esquenda, a classe operaria eru unida es ruas, numa frente única operária contra os Integralistas — fascistas dirigidos por Plínio Salgado—, varrendo a pau e pedra os "ca misas verdes" das ruas.

Todos esses fatos indicavam que a obra de Vargas estava longe de estar concluida. Os sindicatos operários ainda resistiam, quatro anos depois de iniciada a corporativização, oferecesdo uma alternativa polática independente. Mão sendo suficiente a manobra, a corrupção, o porternalismo, a demagogia e a repressão, Vargas, a partir do início do 1935, planeja uma investida mais brutal e de maior envergadura. Deede 1930, as prisões endavam cheias de sindicalistas e comunistas. Agora, porém, era preciso acabar de uma vez con todos. O primeiro lance ven no inicio do ano, com a apresentação de um projeto do governo na Câmara Pederal, que é aprovado em abril: a Lei de Segurança Nacional. - Obser ve-se que Vargas ainda não tinha as mãos completamente livres, neces situado fazer aprovar seus intentos no parlamento.) Com esca lei, em nome dos "anseios legítimos da nação", tado passou a ser considerado orime contra a "ordem política", a "ordem social", a "imprensa" etc.

Por essa época, os stalinistas, que desde o final do revolta de S. Paulo en 1932 haviar começado a se reorganizar, criaram um movimento intitulado Aliance Nacional Renovadora, que durante tres ou quatro messas guitou enormemente as massas trabalhadoras, com grande repercuesto nacional. O Komintern, uma vez pesenda a finae esquerdista de 3º período, nos seus eternos zig-zags, dava agora uma guinade direitista inaugurando a época das Frontes Populares. No Brasil, a ANL era a Fren te Popular que não se realizara. Vargas a dissolveu depois de um comicio no Rio, no dia 5 de julho, em que Carlos Locarda (sim, o próprio) lera um manifesto de Prestes, que já havia ingressado no POB.

Fariam parte da ANL, além do PCB, inúmeras figuras da burguesia de expressão: João e Francisco Kangabeira, elementos do Partido Liberal do Rio Grande do Sul, Pedro Ernesto — prefeito do Rio de Janeiro, alem de uma massa de tenentes e pequenceburgueses. A burguesia, porém, como classe, não aderiu, apesar dos convites enamorados do PCF. A burguesia só adere à Frente Popular en ultimo caso, em desespero de asusa. É a última cartida, a único chance que lhe resta de manter o regime de propriedade privada. Mas, governar ao lado de um partido operario implica sempre em um risco muito grande, por mais traidora que seja a direção desse partido. No Brasil da epoca, porem, a burguesia ja havia aderido em massa dos planos bonopartistas de Vargas, que não a expunha a ne—nhum risco. É a ANL sorou.

Os planes repressivos de Vargas estavam em marcha. Faltava-lhe aperado un bom preterto. Com a lei de Segurança Nacional aprovada, a ANI fechada, os sindicatos autônemes começaram a ser varejados desde o dis 5 de julho, havendo prisões e fechamento de entidades no país inteiro,

nlem de fechamento de pormais.

¿ conjuntir política era das mais difíceis para o proletariado. Os sindicatos autônomos havier resistido durente anos, mas agora, com a bei de Segurança, com as prisões o deportações, a tarefa central era lutur pelas liberdades democráticas, tentando preservar o pouco que restava de liberdade e abrilidade para o classe. A própria burguesia sicha não estava totalmente coesa em torno de Vargas na questão da repressão. Na Câmara, deputados da min ria parlementar criticavam os excessos do chefe de polícia Filinto Muller. É nessa hora delicada que surge, como uma bombo, a notícia do levante militar organizado pela direção do PCB numquartel de Natel, no Rio Grando do Norte, a 3000 km dos centros industrinis de São Paulo e Rio de Janeiro.

Como na tases do partido não estavam informadas de mada, muitos militantes pensaram que era uma provocação do governo para justificar o curento da repressão. Na verdada, era o próprio Prestes, auxiliado por elementos do Komintera stalinista o autor de semelhante aventura. O novimento foi sufocado, mas a ele se sucoderam duas outras quarteladas poucos dias depois, uma no Recife (com Gregorio Bezerra à frente) e a outra no Rio, con o tenente Agildo Barata. Nessa última, os revol-

todos não conseguiram sequer sair do quartel.

O número de mortos e feridos, apesar de não ser grande, estava na medida exata que Vargas precisava. Melhor pretexto, ele não poderia conseguir pera lançar uma repressão ampla, profunda, como nunca em sua história, os trabalhadores brasileiros conhecerum. Essa repressão assá nala o fim de todo um período de história do movamento operario e sindical no Brasil. Uma derrota de grande envergadura, de ambito nacional, que levaria milhares e milhares de operários, sindicalistas e militan-

ten para a endere per muitos anos. Una derrota que maren uma raptura

na vida dos sindientos operários. Para eles, e o fiz.

Os trabalhadores já haviam sofrido inúmeras derrotas, parciais, lo calizadas nesta ou naquela categoria, por consião desta ou daquela greve. Já haviam recebido auita paulada e muita repressão. Seu movimento, como é antural, passara por altos e baixos. Mas aunos como agora, como

cm novembro de 1935 e nos mesos que se seguiram, tinham recebido un esta pe tão duro. Uma derrota desse tipo não é apanas uma derrota a mais na vida dos explorados. Ela assinala o fin de um período. A partir dessa data, já não há mais sindicatos operários e autônomos no Brasil. Todo o sindicalismo brasileiro passou a ser uma imensa rede de repartições publicas trabalhando com o governo na sua obra magnânime de Procidência Social e assitencialismo. A derrota de 1935 assinala uma mudança qualitativa na vida sindical brasileira.

#### O MOV DMENTO OPERARIO E OS SINDICATOS ATUAIS

A derrota do movimento operario brasileiro frente ao Estado bonapar tista de Vargas, consumada em 1935, inaugurou um período novo na história da luta do classes no Brasil, um período que tem características bem definidas. Esse período é o período que ainda estamos vivendo, 42 anos depois. Poderíamos dictinguir, ao longo desses anos, varios subperíodos. Porém, em todos eles, a característica básica se mantem, qual seja, a inexistência de similicatos eperários autônomos e a completa su bordinação dos sindicatos ao Estado. Essa situação não foi modificada em 1945/47, nem quando do golpe de 1964, apesar das pequenas alterações verificadas nosais bouniões.

Derca de 16 mil possoas foram encarcerchas pela policia varguista nas primeiras semanas que se seguiram as quarteladas de novembro. A van guarda sindical autórona foi desbarateda. Qualquer operário ou trabalha dor mais combativo, cuniquer individuo, fosse cle jornalista, professor ou soldado, que fosse combacido por suas ideias contrárias ao governo burgues, era jorado ne prisão. Muitos ai permaneceram durante anos. A tortura, hoje tao empregada pela camarilha militar de Geisel, foi institucionalizado por Getúlio a partir de 1935. Ocorreram sequestros de militares e jornalistas no Rio, cujos corpos eram encontrados baleados alguns dias depois. Vários jornaio foram fechadon. O numero de exila dos era enorme. O estado de sítio decretado pelo governo foi, pouco tem po depcie, transformado em "estado de guerra". o Exercito e o conjunto Cas Forças Armadas, dessa maneira, passaram a reprimir ao lado da polí cia. Qualquer atrocidade, qualquer violência,"tinha amparo da lei, pois o país estava em guerra". A "Intentona Comunista" era um ótimo espantalho para o governo, que o utilizava para justificar a repressão.

O refluxo do proletariado trasileiro coincidiu com as derrotas seguidas do proletariado mundial, graças à política do stalimismo. China, Espanna, alemanha e Portugal eran o fruto direto da política traidora o stalinismo internacionalmente e a impossibilidade do proletariado avançar a sua luta contra a burguesia. No Grasil, esse recuo do movimento operário internacional acentuava ainda mais as consequencias que, internamente se estendeu por vários anos: 1936,37,35,39,40,41. Durante

esse longo período, a vide política no selo do proletariado foi quase nula. Esteve proxima do zero absoluto. A ditadura de Vargas pasou a ser completa com o "Estado Novo", que trouxe o fechamento do congresso, o cancelamento das eleições presidencias, a nomeação de interventores para tidos os estados e a outorga de uma Constituição elaborada por meia duria de homens inspirada no corporativismo. Depois de prender as lideranças operárias, Vargas começara a alimentar uma burocracia sindical de sun confinna, os pelegos.

As prisões de 1939 e 40 fizeram com que o PCE praticamente deixasm se de existir. Entre 1939 s 1941, o PCE estava esfacelado. Segundo cal culos de militantes da época, o partido "não tinha mais de 100 militan tes na ativa" naquele período, sendo que os comitôs regionais não funcionavam e não havia menhum organismo centralizador do vida política a nivel nacional. Uma nova direção só seria eleito em 1943.

Resumindo, podemos diser que durante os longos anos de refluxo, o proletarindo brasileiro praticamente não tevé direção política operária, seja stalinista, trotskista, anarquista ou social-democrata. Esse vazio pulítico quase total nos dá a medián do grau de penetração do Estado varguista no movimento operário. O proletarisdo não deixara de existir, evidentemente, enquanto classe en sí. Mas a destruição de todos os seus vindicatos autonomos, assim como de todos os partidos operários, isto é, as organizações através das quais ele vinha se construindo como classe para sí, parmitiu seu enquadrimento completo pelo estado burgues.

#### O PAPOSAD SINDICAL E & SURVISSAR DOS SINDICATOS

O controle dos sindicatos, órgãos públicos dependentes do Estado, não dva ainda ao Ministério o controle da massa dos assalariados. Entre 1936 e 1941, verificou-se um esvazimento dos sindicatos corporativos, assimalando uma tendência cue condunia à ruina o projeto varguista. Segundo deacedo próprio ministério, em 1936 havin 185 mil trabalhadores sindicalizados no Río de Jineiro, número que cai para 127 mil, cinco anos depois. En São Paulo, os sindicalizados em 1939 representavam uma parcela irriséria (4) mil em 165 sindicatos). A verticalização acentua da da estrutura sindical, bem como a sua ineficácia como órgão de defesa dos trabalhadores, levava-os a se afastar dos sindicatos de Vargas A questão salarial se convertera numa questão técnica a ser tratada por especialistas dos sindicatos e da dustiça do Trabalho. Esse afasta mento graduol da massa operário criava uma disponibilidade que era periçosa para a burguesia.

Os sindicatos operários autônomos haviam sido destruidos, mas o projeto de Vargas tainda não tinha se concretizado. O bonapartismo refor que seus traços novamente a partir de 1940/41, precurando dar nova vida aos sindicatos a fim de melhor controlar os trabalhadores. A obre de Vargas só estaria acabada caso ele consegüisse tornar os sindicatos atrelados atraentes, por pouco que foses, aos olnos dos trabalhadores. Só apsim eles jogariam o papel de elo de ligação entre o aparelho de Estado e a massa operária. Caso contrário, se esvaziariam lantamente.

A forma encontrada por Getúlio foi inspirada, mais uma vez, no modolo fascista ivaliano. O decreto-loi 2377, de 8 de julho de 1940, apresentou a solução do criar o Imposto Sindical.

A partir dessa data, todo trobalhador, sindicalizado ou não, passou a ser obrigado a pagar um imposto anual ao sindicato de sua categoria, no valor de um dia de trabalho. Era um imposto, isto é, uma contribuição em pulsória, descontada na folha de pagamento do operario pelo próprio patrão, que a asguir a depositora numa agôncia do Panco do Brasil para su a distribuição as respectivas entidades sindicais. Con exceção dos países facistas, em nemhum outro lugar do mundo o dinheiro de um sindicato provem de um imposto decretado pelo Estado e arrecadado "na marra" pelo parmonato.

Vargas não escondia esse carater de agência estatal que o sindicato pos mi. No nº 82 do Boletia do Ministério do Trabalho (julho de 1941), em artigo intitulado "Tropoições Fundamentais do Direito Sindical Bra "Aleiro", lê-se o seguinte a respeito do imposto sindical: "o poder tri butario dos sindicales so relação ao imposto sindical é uma função dele gada do poder tallico uma vez que, ultrapassando a órbita da associação para incidir de todos os membros da categoria, não encentra fundamen to no consens la adesão associativa e sim na autoridade do Estado". Ou seja, quem garente a verbi, o financiamento do sindicato corporativo é o Estado; mas o dinheiro vem do trabalhador, que é forçado, assim, a pagar pelo funcionamento do corporativismo, que impede seu direito de livre organização. Nesse ponto, não há diferença alguna do imposto sin dical previsto na Carta del Lavoro facisto.

Com esse dinheirno assim arrecadado o Estado passou a utilitar os sindicatos para desenvolver o sistema previdenciario e educacional, ten tando, dessa maneira, tornar suas agencias mais atraentes, impedindo seu esvaziamento. O Doreto-lei 4298 (14/05/1942) criou a Comissão do Imposto sindical, que passaria a regulamentar e fiscalizar o uso das recur sos dirigidos para os sindicatos, orientando-os para as seguintes ativi dades: "a) agências de colocação instruídar pelo Ministério; b) sesisten cia o maternidade: c) assistência medico e dentiria; d) assistência juri dica; e) escolas de alfabetização e pre-vocacionais; f) cooperativas de crédito e consumo; g) colônia de féries; h) bibliotecas; i)finalidades esportivas. Ou sejn, o assistebcialismo massou a compensar a perde do co rater reivindicativa dos sindicatos, Aspedindo que seu esvasiamento fog se total. Não que estas otividades não fosem de interesse das assulario dos. Mas, a majorio delas compete ao Estado organiza-las através do Ministerio da Previdencia Social e scus orgãos (hoje IMPS). Os sindicatos operarios em menhum outro lugar do mundo, assurem as deficiências, co rencias e necessidades de suplencia do Estado burgues.

. A partir da crimção do imposto sindical, mesmo aquelos pessoas que ineistissem em afirmar o carater "operario deformado" dos sindical/scor porativos, seriam obrigados a reconhecer que eles se tornaram sucrissão do poder publico, orgãos paralelos do si tema previdenciário e educacio nal, isto é, orgãos que são porte integrante do aparelho de Estado bur

FUES.

No decorrer da longa história dos sindicatos operários autônomos, no período de 1889 a 1935, quantas e quantas vezes os sindicatos cricdos pe los trabalhadores desapareciam, seja porque a repressão us desbaratava, prendendo as licerançae, seja porque o refluxo era grande e o sindicato peráis muitos associados, ja não tendo finançae para sobreviver. Algum tempo depois eram reconstruídos pelos próprios trabalhadores. Essa vida efemera de grande parte das associações anteriores a 1935 revela a fracuest é prolotariado sem direção, num país pouco industrializado. Porez, esse associações e cerrer constante na história sindical brasileira até 1935 revela também e natureza operária dessas associações. Quando a bur guesia jodia, destruia esses sindicatos.

Q que ditel, por outro lado, de associações que o próprio Estado bur guês cria, financia, empara e até fortaleceu, em plena ditadura? Na ditadura Bernardes grande musero de sindicatos desaparece, durante os a-

nos de estado de sítio. Já ne ditadura Vargas, durante o "estado de guerra" e o Estado Novo, os sindicatos corporativos não desaparecem. Pe lo contrario, recoben apoio legal e financeiro do governo burguês. Have a entre os dois tipos de sindicato alguma identidade quanto a natureca de classe? Ou terá hevido uma ruptura, uma mudança qualitativa em 1935? A respota nos parece óbvia.

Para levar adiante a estruturação do Estado bonapartista, Vargas pre

cisou organizer também o patronato.

A sindicalização patronal for difícil entre 1930 e 32. En seguida , aumentou vertiginosamente, tenão os patrões percebido as veutagens de corporativismo como forma de domesticação proletária. Porém sempre se recusaram e accitar a contropartida da domesticação operária, que era a aceltação patronal em discutir salário, de sindicato para sindicato , sob a tutela do Estado. A soceidade "organica" que os corporativistas i destinaram não se realizara plenamente porque os sindicatos patronais, em seu "egoismo", recusavam-se a aceitar a realização de convenções co letivas de trabelho. Tudo era transformado em dissidio que a Justiça do Trabelho, de cumho corporativo, tinha que resolver.

É por isso, en parte, que os sindicatos de esveziaram entre 1936 e 1940, obrigando Vargas a incutirêlhes un poderoso atrativo assistencialista. O patronato estava muito interessado na operação castração do operariado, porén nada interessados na criação da "nova ordum" que os bu rocratas do Estado Novo apreçorvam. Diversos autores já demonstraram, a nalisando os trabalhos de Constituinte de 1933, como o aparente recuo

nels verificado en relação do atrelamento dos sindicatos (ao contrário da lei sindical de 1931, a Constituição de 1934 assegurava o pluralismo e a autonomia sindicais) era devido a intervenção de forças oligárqui - cas tradicionais, que cinda viam o bonapartismo com maus olhos.

Porér, esse dispositivo constitucional nunca chegou a tel vigência. Poucos dias antes da promulgação de 1934, o governo, através do decreto a 24694, reafirmou o carater atrelado da estrutura sindical. É esse de creto que vigorerá, apesar de inconstitucional, até a promulgação da nova lei sindical, elanorade pelo Estado Novo, em 1910 o que nos interessa assimilar é que, primeiro, o recau de 1934 a a sparsate liberali asção nunca sairam é papel, sempre foram letra morta. E, segundo, que as manificações no papel foram devidas a pressão do oligarquia e não do proletariado. Este resistiu de outras formas, como já vimos, ate ser derotado em 1935. E quando veio a derrota, o atrelamento foi total nos sindicatos de empregados.

¿ Constituição de 1937, em seu art140, diz que os sindicatos, "entidades representativas das forças de trabalho nacional, colocadas sob a assistência e a proteção do Estado, <u>em órgãos deste</u> (o grifo é nosso)e

exercen funções delegadas do poder publico".

Já a lei sindical de 1939, que foi incorporada à CLT em 1943 e que esta em vigor até os sins de hoje, dis que os sindicatos, como órgãos de Estado, "tóm que sofror, an aua vida interna, como na sua vida de re leção, as limitações o as intervenções que o Estado julgar mais convenientes para o plemo funcionamento da super-estrutura corporativa". Baseado misso, a lei de 1939 empliou as omusas de inelegibilidade, a fa cuidade da presidência das mesas eleitorais sindicais serem confiadas a delegados de Ministerio do Trabalho, a a exigência de pesterior aprova ção das eleições por parte de autoridadas do Estado (cf. Boletim do Ministerio do Trabalho nº 53, janoiro/1935).

O mesmo texto afirma que a representação legal dos sindicatos decor re de uma outerga política do Estado, podendo esta, portanto, agir no sentido de nelecionar os cirigentes sindicais, visando a "formação de uma verândeira elito profissional", devendo minda controlar a gestão fi

nanceira dos sindicatos o neles intervir quando fosse o caso.

Essas citações de texto legais não constituem apenas uma prova jurídina. Elas refletom a realidade da completa omissão dos sindicatos

brasileiros.

#### O PAPEL DOS SINDICAPOS NO "QUEREMISMO" E NA PUNDAÇÃO DO PIB

O refluzo do movimento operário não durou apenas 6 anos (1936-41), estendendo-se também pelos anos de 1942 e 1943. En 1944 apareceram sintomas de fim do refluxo, surgindo novamente os operários en cena, com todo o vigor, em março de 1945, quase des anos depois da grande derrota. Acontece que os anos de 1942-44 apresentam algumas questões novas, que precisam ser estudadas a parte.

A primeire é a questão da maior penetração do varguismo no mivimento operario. A segunda, diretamente relacionada a ela, é a da política do FCB. Com a incleuração do Estado Novo, a propaganda do regime aumentara. O DIP, órgão de propaganda de governo, procurava transmitir uma imagem de Vargas pai dos pobres", patornelista e autoritária, que fica ria por muito tempo como parte invigrante das ilusões das massas. A "hora do Brasil" no radio era utilizada diariamente nesse sentido. Todos os recursos audio-visuais modernos eram empregados maciçamente pelo DIP, du rama anos, num pois onde só a propaganda do governo não era censurada.

O DIP fazin alarde em torno de "homenagene" a Vargar, montadas pelo próprio MTb. Assim é que a cafa Ano Novo, em caña eniversário do Estado Novo ou do próprio Setúlio, "delegações de operários", isto é, de pelegos funcionários des sindicatos, embarcavam para o Rio para homenagear Vargas. O mesmo ritual era repetido em relação aos ministros do traba - lho e aos interventores, em particular a Ademar de Barros em SP.

Alguns congressos sindicais foram reclicados no periodo, a eles com parecena, as vezes, o ministro do trabalho e o próprio Vargas, criando um habito que se repetiria por cerca de 20 anos, até as vesperas do gol pe de 1964, quando Goulart aunda encenaria o gesto gonapartista compare cendo a congressos sindicais. Osda nova medida trabalheita decretada por Vargas era acompunhada de intenas propaganda. Assim foi quando do decreto que instituit o selumo mínimo, em 1940, e a CUT, em 1943.

Accepanhando essa propagneda de um linguajar nacionalista, Getúlio conseguiu mobilizar de maneira controlada uma parcela da massa trabalha dora, graças se magnifico instrumento que dispunha: os sindicatos atraladas. A chantasem nacionalista visava pressionar o imperialismo durante e guerra afía de of er congições mais vantajosas para a concretimação do certas metas do governo: plano ferroviario, plano siderúrgico, esc.

Quando, en março de 1945, o movimento de maseas forçou a ditadura a conceder liberandes democraticas, ocorraram alguns choques entre estudantes e "panelas vazias", isto é, grupos de operarios mobilizados por Vargas, sob controle dos sindicitos corporativos. Esses últimos, defendendo a ditadura, dispolveram comício estudantil na praça da Sé, em SP, en março de 1945. Ca "panela" vazias" dariam prigem ao "queremismo" (mo vinento que pregava a convocação de uma Constituinte Jom a manutenção, poren, de Vargas no poder). Us queremistas percorriam as musa das cidades enquadrados pelos sindicatos gritando: "Queremos Getulio". Seriam a base do FTE, criado em Setembro de 1945 pelo próprio Getulio Vargas, con toda a infraestrutura fornecáda pelo Estado. Foi através do FTE qua o vargaismo se manifestou no Frasil em 1945 e 1964.

A entre penetração lograda pelo PTF has massas só foi possível gra cas ao acrio dado a Vargas pelo PCF durante a guerra. Resa é a verdadeira casas, não o suposto carisma de Vargas. Seus discursos eram demagógicos mas suas medidas macionalistas não tinham, efetivamente, nada ou quase mada de anti-imperialista. Já não era mais aponas indiretamente que o stalinisto ajudava o varguismo, deixando-lhe um terreno vazio decorrente de sua cariulação. A ajuda passou a sor direta.

à partir de 1942 de stalimistas começaram a se reorganizar. O parti de huvis sido praticament, esfacelado pela polícia de Getúlio. A reorga nização se deu, por incrível que pareça, tendo por eixo a política "de spoio incondicional a Getúlio Vargas", isto é, ao bonaparte que derrota ra a classe operaria.

A política de apoio a Vargas tinha sido decidida em Moscou e era a mesma "união nacional" que estava sendo pregada por todos os PC's de paí ses que haviam entrado na guerra ao lado dos alipdos. Segundo so stalimistas, "a contradição fundamental do momento era a que opunha a demo - croia ao facismo, cabendo portanto, ao proletariado apoiar sem restrições a político de guerra do governo, que a realizasse ao lado dos alia

Essa política de PCB de colaboração com a ditadura deu margem a que a propaganoi do DIP penetrasse mais facilmente no massa. Os stalinistas participaram de movimento queremista quando a ditadura começou a ruir, dando chance a Vargos de camalizar uma parcela enorme da massa para o Fartido Trabelhista. Quando, finalmente, Vargos foi derrubado e elições para a assembléia consituinte foram convocadas, o PC obteve menos votos que o PTB construído pelo próprio ditador antes de cair (o PCB obteve 9% dos votos e o PTB 10%).

É através do PTB que Vargas ser la reeleito presidente da República ez 1950. A direção do PTP sempre esteve, desde sua criação, estreitamente ligada à burocracia dos sindicatos. Esse partido burguês e a estrutura sindical, mantida nesmo coós a queda de Vargas, foram os primei ros pilares do nacionalismo no Brasil, que permitiriam à burguesia exercer o controle sobre os trabalhadores até 1964.

A divisão entre as classes dominantes se acentuou rapidamente desde

os fins de 1844. No inicio de 1949, sob pressão das massas, Cetúlio foi obrigado a recuar e conceder anistia para os presos políticos e liber-dade de organização para os pattidos, inclusive para o PCB. A guerra tar minara, os pracinhas estavas de volta, o facismo estava derrotado e não havia menauma possibilidade de seu retorno.

Porém, os stalismistas continuavam a apolar Vargas, o que prova que a tal da "contradição principal" entre democració e facismo era apenas uma baltla para justificar sua velha política de colaboração de classes.

En outubro de 45, poucos cias antes da quede de Getúlio, Prestes de clarava à imprensa que "o PC estava realmente decidido a defender o go-verno contra qualequer perturbações e insistivamos ma campanha rela Constituinto esperando que, dentro de pouco, o Sr. Getúlio Vargas satisfaça a vontade do povo".

Era o queremismo, isto é, Constituinte mais Getúlio, ao qual o PCB aderira. Mas Getúlio cairia seis dias (epcis, pondo fim a um dos perío dos mais difíceis da história da classe operaria.

A quede de Cetúlio aumentaria inda mais o poderoso ascenso de Lassas iniciado algums moses anjes. Desde abril de 45, as greves se repetiam e eron code ver mais amplas. Codas as possibilidades existiam para que o proletariado, messe seu ascenso, arrebentasse a camisa de forva que o mantinha preso ao Fstado, e conquistasse plema liberdade de organização. Era p que as classas dominantes mais temiam. O PCB, único partido operá rio existente, recebia uma quantidade de adesdes impressionante, e que demonstra o peso cuo tem a tradição que ume os PC's a Revolução de Outu por moda que eler tenhan traido inúmeras veres seus principios. As ilusões dos trabalhadores einda eram grandes.

2. 1947, com a porto da legallóado, a imensa maioria dosses traba - lhadores abundonos o pertido, que murcharia com a mesma velocidado com que inchara. De 47 até hoje o POB viveu na ilegalidade. Nesses trinta a nos os sindicato: continuaram tão atrelados como no tempo do Estado No-ve, sondo sinda a cópie da Carta del Lavoro a lei que continua em vigor. A grando charae de 45-47 fora perdida. Os sindicatos varguistas não foram destruídos pelas massas em ascenso. O stalinismo preservou-os ciente de que tais estruturas jogam um papel muito importante na manutenção da ordem burguesa. Sem esses sindicatos, todo o sistema de dominação la poriosomente montado pelas classes dominantes, desde a rev. del930, so-freria um grande abalo.

O grande acconso de massas colocova na ordem do dia a criação de au tênticos sindicatos operários, plenamente autônomos e independentes em relação do MTD, nenhum vinculo com o Estado ou com a burguesia, nem timanetiro, nem político. Os sindicatos tipo Mussolini deviam ter sido jo gados para o lixo da história e, em seu lugar, um Congresso Operário to ria tido forças para criar novas e autênticas organizações classistas, operárias. No peis, a conjuntura era e mais favoravel, com a burguesia ainda preocupada em estabelecer uma forma estável de dominaçãos e os trabalhadores gozando, pela primeira vez em muito tempo, de liberdade de imprensa e partidária.

Por que não foi realizado um Congresso Operário desse tipo? Porque o proletariado não tinha um Partido Operário que representasse seus interesses de classe país elementares.

#### AT GREVES DE 1946

Vejaros, inicialmente, como se deram as greves realizadas imediatamente após a queda de Vargas, o corrida em 29.10.45. As primeiras semam nas registraram um aumento impressionante do número de greves (o movimen to se iniciara em março, muito antes da queda). A repressão estava deso rientada com os abalos sofridos pelo aparelho de Estado, de alto a bai; no. Preparavan-se eleições para a Assentitéia Constituinte, procurando a burguesia uma nova forma de dominação. Intre só seras emposado dois de ses depois. Durante esse interregno governou provisoriamente José Linhares. Ministro do STF.

Nas princiras semanas de 1946 ocorreram 28 greves na cidade de SP. Na naioria dos casos, os sindicatos se mantiveram susentes ou opostos a clas. Das 25 greves, 15 foram articuladas independentemente dos sindicatos do contegoria, tendo surgido, en 13 delas, comités de greve formados nas fábricos. Foram esses organismos de base singidos espontamenmente que dirigiram as greves, posto que o PC, através do MUT, estave contra, como já vimos, mandando a classe "aperiar on cintos". As greves foram eg pontameas, contro o PC e o PTB, muitas delas feitas por fora dos sindicatos. (MUT: Novimento de União dos Trabelhadores).

Fassarab-se semanas preciosas após a queda de Vargas, beses e meses sem que o tal congresso se realizasse. O PCE era a unica organitação operaria com forças para convoca-lo e garantir sua realização. Os comicips de Prestes em 45, no Rio, em SP (no Pacasembú) timham reunido quase cem mil pessoas em cada um deles. O Congresso estava garantido, bastava Prestes e Grabois (secretário sindical do PCE) quererem. Ma aí e que esta a questão. É aí que se vé o carater profundamente contra-revoluciona

rio do stalismismo.

Prestes o Grabois não lançaram o peso do partido na preparação desse Congresso. Quando, peses depois da queda de Vargas, o Congresso final mente se realizou, tratava-se nada mais nada menos de um Congresso convocado pelo MTb, pelo Estado! O PCH, com o peso que lhe conferium seus 150.000 mil membros, tinha orndições ainda de boicotar esse congresso pelego-corporativo e convocar um novo, pela criação de sindicatos livres e independentes.

En vez de assumir a frente da luta pela destruição das estruturas comporativas que foriam dos sindicatos merca órgãos do aparelho de Esta do, exclaite a convocação de um Congresso Operario, o POB manteve nos trabalhadores a ilusão de que a assembléia constituinte resolveria esse problema. Nos eleições para a constituinte o PSD elegera 151 deputados, a UDN 77; o PTB 22 e o PC 9 apenas. A burguesia e a oligarquia matinham

o contrôle absoluto de asseroleia.

É claro que os revolucionários devem participar de elições desse tipo (agitando a necessidade de que anlfabetos e soldados tenham direito de voto). À luma pela constituinte, que enfeixa o conjunto das revvindicações democráticas, pode deelocar o regime e enfraquecer a burguesia e sua formas de dominação. Essa luta serve, também, para acelerar o processo de desencantamento das massas rurais em relação ao movimento demo crático burgues. Aproximação ao des pertidos excritiron. Totas más se po de munca espalhar a ilusão de que a constituinte, isto é, um érgão legislativo burguês, por mais democrático que seja, vonha a resolver as tarefas democráticas que so serão resolvidas com a proletariado no poder. Isso não himinui a importância da luta pela Constituinte como um mommunto transitorio do processo de construção do proletariado como clas se. So não se pode fetichiza—la.

Ora, Grabois e Prestes alimentaram essas ilusõen durante meses. Nada de greves, diziam eles, apertar os cintos e ... esperar que a constituin te resolva. Ora, quem estava decidindo essas coisas na Constituinte? Na quekas alturas, o assunto era estudado por uma comissão da assembleia, presidida por Nereu Remos, do PSD. Era assim composta: 17 deputados do PSD, 10 da UDN, 2 do PTP, 1 do PC e 5 dos poquenos partidos burqueses (PTC, PRD, PPS, PL, PR). O comunista era João Imazonas. Como podia o proletariado esperar alguma coisa dissa assembleia? Está certo que inter visse nela, mas sem nunca abndonar os metodos que lhe são próprios e que são os metodos da luta de classes: a greve, a greve com ocupação de fa-

brica, os comitês de fábrica, as manifestações de rua. Tudo isso desembocando na realização de um Congresso Operario que desemboraçasse o proletariado das todas que lhe impunhao sindicato varguista. Um Congresso operario, enfim, que criasse novamente, sobre as cinzas dos sindicatos atrelados, verdadeiros sindicatos operarios livres e independentes, "nu cloos de democracia proleteria".

Isso poderia ter sido encaminhado pelo PCB paralelamente à Constituinte. Mas mado foi feito, e o proletariado maia conseguiu, mem ma Constituinte, mem por seus proprios metodos de classe. Falettva-lhe um partido operario, um partido no inserior do qual ele nudesse se apresentar como classe frente a burguesia, a oligarquia e ao Estado. Um partido que reagrupasse o conjunto dos explorados dispostos a lutar por seus direj tos de mantiro potalmente intependante do FTB. do MTD e da Igreja.

Na Constituinte haviam 3 tendencias em relação à questão sindical:

1) a corporativa, que queria pura e simpleamente preservar a estrutura
estabelecida na CLT; 2) a doc liberais e católicos, que pregavam o pluraliamo sindical e a autonomía; 3) a do PTS e do PC, que se dizia parti

deria de autonomia sindical o contraria ao pluralismo.

On deputados do PC en Constituinte fochavam com os deputados de PTI, que orar todos ou volhos peligos corporativistas ou mesmo, as proprias sutoridades do MTO do tempo in que Vargas destruiu os sindicatos operarios, como Sogadas Viana, pot exemplo, ideologo do corporativismo. Ora, a roposta do TTB, apesar de falar em autonomia sindical, defendia 4 principios básicos, entre os quais "o direito de arrecadação e aplica - ção do imposto sinhical", nende os sindicatos ainda definidos como ór gãos para o "exercício de funções delegadas do poder publico". É claro que essa orientação, pesmo que aprovada, não teria libertedo os traba - lhadores das amarras que o prondem ao Estado através do corporativismo. Jos sutores, os homens do PTB, eram os país e criadores do sindicatos corporativos. Eso seriam eles que irlam fazer, para o proletariodo, o fa vor de jogá-los gore. Queriam apenas modifica-lo, tornando-os menos parecidos com os de Mussolini, pois essa semelhança caia mal na época.

Mas, nen nequer essa proposta do PTB do corporativismo disfarçado de autonomia foi aprovada. A proposta aprovada nega constitucionalmente a

autonomia sindical.

Enquanto toda essa discussão vinha sendo feita na assembléia, para dar em nade, o governo, por sua conta (durante os 9 meses em que funcio nou a Constitutinte, ficou em vigor a contituição varguista de 37, a do Estado Novo), começou a legislar por decreto em matéria sindical. Assim é que, antes do encerramento dos trabelhos contituintes, Dutra, através do derreto-lei 9070, a pretexto de regulamentar o direito de greve, pme servom definitivamente a estrutura corporativa da CLA. Como à constituição seria imprecisa a respeito, é esse decreto que permaneceu regulamen tando o sindicalismo. O país se "democratizava", mas a vida sindical permaneceria estagnada, parada no tempo, permanecendo até hoje como fora no Estado Novo: corporativo.

Un pouco antes do encerramento da constituinte, o Mtb convocou o "Congresso Sindical dos Trabalhadorea". O Mnistro Negrão de Lima patrocinava-o. Queria obter caução para o sistema tutelar e corporativo da COIT que a constituinte acabava de aprovar. Não havendo nenhum partido operario que tomasse antes essa iniciativa, o proletariado brasileiro foi para o congresso do Ministro disposto a brigar pela autonomia sindical. Havia 2400 delegados, uma boaparte cuidadosamente selecio nada pelo MTD - os "ministerialistas". Estes sentindo-se minoritarios em dado momento, retiraram-se em bloco do Congresso, que foi em seguida fechado pelo MTD. Com o decreto 9070 do Gal. Dutra ja promulgado, fica va encerrada L questão e implantado o regime da CLT, que esta em vigor

até hoje.

Aqueles que não se retiraram do Congresso optaram por continué-lo na sede de um sindicato, a que, efetivamente, foi feito no dos Trabalha dores en Hoteis a Similares, havendo sido decidida a criação da Confederação das Trabalhadores.do prasil, criada portanto sob impulso do PTB e do FC. Nem vole a peno discutir qual a antureza de tal Confederação, criada com o appio de Vargas, "patrono de honra" do PTB, posto que ela seria dissolvida pouco tempo depois quando o PC foi posto hovamente na Megalidade.

#### CARACTERÍSTICAS DO PROLETARIADO BRASILEIRO

E o PC foi posto na ilegalidade sem nenhuma resistência. Sendo acu sado na Câmara Federal, no início de 47, de receber dinheiro de Moscou, o PC apila so STF oue endosas a nausação, dizendo ser o PC partido 'es trangeiro", pola chemava-se Partido Comunista de Brasil e não Brasilei ro... Wenhuma manifestação foi convocada, apenas alguma dicursos forem pronunciados por deputados na Câmara. A sede do Partido foi fechada pe la Justiça sea atropelos e disautores.

Como explicar que um Partido do porte do PC, que contava com 150 mil membros e editava 5 jornais diarios, tivesse o direito de livre organing cão negoto quando a propria Cobstituição de 46 assegurava isso a todos os cidadãos? A aventura de 1935 e a capitulação de 47 são extremos o-

postos da política anti-operaria do stalinismo.

Colocado o PC na ilegalidade, os stalinistas, deram, mais uma ves, uma guinada de 180 graus, passando a criar sindicatos paralelos, quando até então eram sustentáculos dos sindicatos CLT. En agosto de 1950 Pres tes lançon um Manifesto que, na forma, era esquerdista (o conteúdo era contra-revolucionario, para variar), incitando o proletariado a se orga nizar en "Conatês de PLLS" (Frente democrático de libertação nacional) ya ra temar o poder! Pena cue, s esmas "incuras,o Partido já tivesse pordido país de 50% de seus militantes. Elias, telves justamente por isso o Manifesto fosse radical, huma tentativa de estambar a hemorragia e a per de ininterrupta de militantes. Nas o fato é que o PCB estava fora da es trutura sindical. Estava se distratindo, momentancamente, com a criação dos sindicatos vermelhos, paralelos à actrutura logal.

Nesse ano de 1950, Vargas se reeleges Presidente da República nuna campanha encabe, ada pelo PTB e pelos sindicatos, Os trabalhadores da época foram arrastados pela maquina corporativista, iludindo-se con Vargas e seu nacionalismo (que no evoluín mito sesde 45, quando o "pai dos pobres" lançara com muito alordo, sua famosa lei esti-truste, conhe cida como lei Maleia). Os sindicatos, na sua quese totalidade dirigidos pelo PTB, fireram intensamente a campanho de 1950. Us trabalhadores, i-ludidos e sem menhuma alternativo classista, votaram em massa em Getú-

lio, o homem que havia destruído seus sindicatos em 1935.

Com a volta de Vargat ao poder e dianto do ascenso de massas que se reiniciava, o Estado voltou a atuar como nos velhos tempos bonapartis - tas, sondo climinado o atestado ideológico imposto por Ditra no momento da cobsação do PC. Vargas passou a incentivar a sindicalização, promoven

do, através de PTB, campanhar de sindicalização.

Apesar disso, Igumas grives surgiram, principalmente a partir de 1952, num movimento que colodiria em 1953 com a paralização do trabalho em 276 fábricas do 550 Faulo, envolvendo 300000 operários num movimento que se estendeu par 20 dius, numa luta por 60% de aumenço. Ela foi renlizada em grande parte, apesar dos sindicatos, isto é, contra eles ou pelo menos contra a sua inér is.

Savia, em immeras fábricas, grupos de cerários organizado sponta neamente en tormo do reivindicações impélatas. Eram grupos pequenos, de 20 ou 30 operarios, que tinher iniciativo e que reclamavam, em nomo dos demaid, junto ace chefes, gerenter, patrocs. Zose foldment ampliara-se em 52-53. O POB, que desde a volta de Vergas abandonara os sindicatos paralelos e voltar a amesentar o corporativirao, procura ganhar os militrantes desses grupos, infiltrando-se nesses coniscos espontâneas. Foi o POB que se manteve à cabeca dos acontecimentos daquele mes de março.

Foi a partir desces grupes de fabrica que foren organizadas Comissues de Salurios que mansares a pressioner a directo das sindicatos, for cando-os. finalmente, a convener assombleias da categoria. Nessas assom bleiso, a categoria decidiu a greva, tornando-se ar Comiscões de Salário verdadeiras Comissões de Grove. Ora, esco estrutura jú não era mais a do sindicato, apaser deste continuar impondo, do elto, os limites da mobilização. Essas essembleias cre, combatives, havendo, em algumas, de 7 a 8000 operários participando a greve, uma vez decretada, se estendeu por toles as fabricas metalurgicas e texteis, dela participando ainda os marcenciros, vidreiros e graficos. Ura Comissão Intersindical de Greve foi crieda e as assembleias de faziam conjuntamento para todas as categorias. Muitas fábricas paralizavam espontán amente e vinham a procura da Corissão Intersindical do Greve, que havia sido eleita pela Assemble la Beral de Trabalhadoras. Pascetas comecerar a ser realizadas pelos gre vistes, canifestando-se a direção dos sindicatos contra a sua realização. Os pperários serviram-se dos sindicatos atrelados, na ausência total de gunlquer sutro canal de oxpressão. Mas também, que essa entrada to massa de trabalhadores no sindicato, reivindicando, tendo ( desestru! tura-los por completo, destrumnão-os como orgãos do aparelho de Estado que são. As Comissões Salarisis e de Greve passaram por cima das dire ções pelegas e de estrutura assistenciulista. A intervenção operaria mas siva is no sentido da pulverização dos estreitos limites corporativistas Isto so não foi feito porque não havia un partido operário que soubesse interpretar de maneira correta o sentido profundo desse movimento e ori enta-lo en direção ao acerto de contas definitivo com o governo.

O PCE manobrou, enrolou, as ĉiregões pelegas jogaram todo seu peso, Vargas demitin o Ministro do Trabalho, Begadas Viama (colocando Jango en seu lugar) e a greve terminou com um aumento de apenas 32%, o que não deixa de ser uro conquieta, mas com os sindicatos ainda no lugar. Alias, fortalecidos, posto que os stalinistas haviam decidido "organiza-los pe-

la base", "democratiza-los",

Fazendo da "organização pela base" a fórmula mágica, o remedio para todos os males, o POB passou a organizar comissões sindicais de empresa, tendo aido organizadas cerca de 500, segundo o artigo de João Amazonas, datado de 1953. Mão se tratava de um movimento classista, organizado nas fábricas com o objetivo de intervir nos sindicatos atrelados, visando a criação dos sindicatos independentes. Mão, tratava-se, na versão stalinista, de criar as bases de um sindicalismo que sempre foi de cúpula, que munos teve pés nas Kábricas. Tratava-se, para o POB, de reforçar a estru tura cooperativa, únios empura de contrôle que o Estado e as classes dominantes tên pobre as missas, cada vez mais numerosas e concentradas.

Com esse perspetatva "de democratização" o sindicatos tormar-se-iam cais atraentes ace obnos dos trabalhadores, apusar de ser difícil, como tarefa, vestir "loto com pele de cordeiro. Fica sempre o rabo de fora. Es mansa proi "in resiste, não adere nos sindicatos, não acredita neles, não de la para essas coisas, enfim, sente, con sua intuição de classe, es es sindicatos não lhe pertencem. Essas é a grande verdade. A"van," "até hoje, reluta em dizer as coisas como elas são, isto é, que te la sindicatos, ligados ao Estado, são orgaões burgueses que precisas ser destruídos para que verdadeiros sindicatos operarios surjam. Estes, sim, recebrão a nássão entusiática e o ajoio militante de uma par cela grande dos trabalhadores. A vanguarda roluta em dizor aquilo que o instinto de classe dos trabalhadores percebe. E a desculpa que é dada é

sempre a mesma: as massas, no Brasil, são"atrasadas"...

A quietto da indiferença e da apatia de maior parte dos trabalhadores en relação a seus sindicatos é um tema constante nos meios sindicais brasileiros. Longe de demonstrar "atraso" político esse fato indica que a masa ussiariada repudia inconscientemente esses sindicatos "que estão por aí". Jabs ao Partido Operárip tornar consciente esse repudio, explícando o que é o sindicato CLT e qual o verdadeiro papal reservado aos eindicatos operários.

No final de greve de 1953 os sindicatos nela envolvidos fizeram um pacto, e a Comissão Intersindical de Greves transformou-se mum organisno permanente, o Pacto de Unidade Intersindical, que, para sobreviver, passou a refletir fortemente as tendencias e as limitações de estrutura dos sindicatos, apesar de ser, em carsa medida, paralelo a ela. Muitos anos mais tarde o PUI formaria, junto com os sindicatos do RIC, o Pacto

de Unidade e Ação, base da CGI proplamada no governo dango.

No início, a PUI nimas refletia de mameira deformada o combatividade operaria de 1953, mas pouco a pouco, por estar dependente da estrutura atreiada dos sindicatos, foi se afastando das bases e se burcoratizando. Em mesdos de 1957 a insatisfação operária era granda dianto do qui mento do custo de vida. Várias assembleias, convocadas pelo PUI sob pres são das bases foram reslizadas no Bras, em SP, uma delas com a parti sipação de 10.000 operarios. Em outubro, osrasmos de dialogar com o patronato na Justiça do Trabalho, trabalhadores de 7 categorias deflagraram uma greve que envolveria 400.000 operarios metalurgioos, texteia, vidreiros, graficos, papel e papelão e curtous. Exigiam 45% de musento.

A expansad quase incontrolável do movimento grevista precoupou os dirigenteo do PUI, que lançaram manifesto chamando a atoncão para o perigo do Comitê Intersindical de Greve (criado no momento de sva deflagração) perdera o controle sobre os grevistas. Os pelegos estavam assustados com os piquetes "iantasmas" organizados pelas proprias bases operarias por fora dos sinúlcatos. No dia 18 de outubro, os dirigentes sin dicals de Comitê Intersináical de Greva se reuniram com o delegido do DOPS responsavel pelo esquena de segurança da capital e decidiram:

a) dali 1 m diante os chefes de piquetes "oficiais" portariam documentos expedidos pelas sináicatos; b) seriam formados piquetes dos sindicatos para reportar aos sindicatos para receber documentos que atestassem essa situação.

O interessante é que os piquetes fantasmas não se dissolviam, aumen tando em número e en ousadia. Fudera, não oram fantasmas que entavam or tras deles, era o operario brasileiro "atrasado","inmaro"...

#### O PERCURSO DO MOVIMENTO OPERÁRIO E 5 COMPREMADOR R DE 1964

O período que decorre sté 1966 é marcado por um grande ascenso do movimento operário, que ganha no emente as ruas e se coloca em constan te agitação por todo o país. No entanto, os sindicatos continuavam sen do uma padra no caminho das robilizações que se sucediam e eran obriga das a transbordá-los. Mais uma vez se mostrava em todo o seu sentido o falta de uma direção revolucionaria. Espainte de apoles parted continuava, necesa como parted considera a desguiera. Por parte do movemento a direção stalinista procura va orientar omovimento do proletariado no sentido da ruptura das amarras que o ligava ao Estado burguês. Pelo contrario, sua política era a de se constituir como o flanco esquerdo do FTB e da burguês a nacionalia to, abrindo mão 6/ organizar a classe no interior do de surguês a nacionalia to, abrindo mão 6/ organizar a classe no interior do

No entanto, a todo o momento o movimento do proletariado ameaçava

sair do contrôle da burguesia, mesmo sem uma direção. Os conflitos de terras evolutam e as greves e manifestações de rua se tornavam uma rotina nas principais capitais do país. Apoiados na desorganização do proletariado, lideres burgueses como Miguel Arraes, Leonel Brizola, Juliao, etc., procurs em sustentar melhores posições no interior da crise de interesses que dian a burguesia de cima a baixo. Apoiados sobre a estratura sindical atrelada e sobre o peleguismo reinante no interior dos sindicatos, figuras como Janio Quadros arrastavam multidões para as pra cas o os comicios.

Toda essa ngitoção conflui para a tentativa da burguesia de novamen te assegurar seu contrôle político de maneira estável. Não era mais pos sivel continuar permitindo que o proletariado avançusse sobre o naciona que coneçava a demonstrar sinais de incapacidade para manter a mobilização da classe operária dentro de limites edeitaveis. Começa a se organizar o golpe militar de 64. Ante a investida das massas, a burgutsia, è mesmo nacionalistas radicais preferem deixar para depois as suss briggs de interesses. D golpe de 64 vem com o nacionalismo batendo em retirada e deixando un espaço aberto pela desorganização das massas. A classe operaria brasileira assiste ac golps militar sem ter condições de esboçar uma resção organizada. Ela é derrotada sen ter nesmo entrado en combate. Esse fato vai fazor com que os conflitos e manifestações operarias continuem, mesmo sem direção e de maneira dispersa e localizada durante os anos seguintes. A dificuldade que encontrou a camarilha militar para se fixar e centralizar em si todas as correntes de burguesia eram denorrentes dessa situação anterior. Prente a traição stalinista, o proletariado brasileiro não tinha outra alternativa que provirar solu cionar sua crise de direção pelas suas próprias forças.

Para submeter a classe perária e para poder levar adiante a sua política de super-cuploração do proletariado e de associação estreita ao imperieliano, o camarilha militar se viu obrigada a ançar sobre as par celas de propria burquesta; centralizar seu poder político e impedir todo e cualquer forma de revolta que pudesse continuar dando folego ao MO. A extinção dos partidos políticos em 1966 e a série de Als e complementares que culminaram com o Al-5 em 68, vinham exatamente nesse sentido. Os sindicatos apesar de todas as limitações já herdadas to varguismo, forma colocados sob um controle férreo. As direções sindicais pelegas forma graditivamente substituídas por policiais interventores e o pocesso de esvariamento dos sindicatos se acentuou gradativamente. Somente em guas núcleos, onde a tradição de organização e combatividade do proletariado era um pouno maior, alguns pelegos e grupos de oposições sindicais

lograran sobreviver a duras penas. Ao mesmo tempo em que a discolura estadar procurava estender suas amar ras sobre o proletariado, este ainda procurava resistir e reconquistar parte do terreno perdido. O ascenso do proletariado sundial que resultou na grande greve geral de maio/junho na França e os adontecimentos da Pri mavere de Fraga de repúdio ao stalinismo, aconteciam num momento em que no Brasil, o ME e núcleos isolados do proletarisão como em Osasco e Conteren no languam andudamentem andusedure, and percumputation describe bornous de classes deservolvias pelo FOZ no periodo anterior fazia com uge algu as direções isoladas, de base puramente sindical, tentassem rom per com au tradições do movimento sindical brasileiro. Particularmente em Osasco, a oposição sindical liderada por José Ibrahim tentava desenvolver o "sindicalismo de base", appiado em comissões de fábrica que tem tassem romper com o carater atrelado dos sindicatos. As mobilizações de Osasco e, de mesma maneira. es greves de Contagem, tentavam, pelo seu exemplo de combatividade, a castar para o movimento toda a classe opera -

sempre a mesma: as massas, no Brasil, sao"atrasadas"...

A quistão da indiferença e da apatia da maior parte dos trabolhadores er relação a seus sindicatos é un tema constante nos meios sindicais brasileiros. Longe de demonstrar "atraso" político esse fato indica que s cases asslariade regudir inconscientemente esses sindicatos "que estad por ai". Cabe ao Partido Operarip tornar consciente esse repudio, expli cando o que é o sindicato CLT e qual o verdadeiro papel reservado aos sindicatos operários.

No final de preve de 1953 os sindicatos nela envolvidos fineram um pecto, e a Comissão Intersindical de Greves transformou-se num organis-10 permanente, o Facto de Unidade Intersindical, que, para sobreviver, nassou a refletir foitemente as tendencias e as limitações da estrutura dos sindicatos, opesar de ser, em certa medida, paralelo a ela. Muitos ands mais tarde o PUI formaria, junto com os sindicatos do Rio, o Pacto

de Unidade e Ação, base da CGT proclamada no governo Jungo.

No inicio, a PUI sinàs refletis de maneira delormada a combatividade operaria de 1953, mas pouco a pouco, por estar dependente da estrutu ra atrelada dos sindicatos, foi se afastando das bases e se burcareti zando. En meados de 1957 a insatiufação operária era grande dianto do gu mento do custo de viña. Varias assemblejas, convocadas pelo PUI sob pres são das bases foram realizadas no Bras, em SP, uma delos com a parti dipação de 10,000 operarios. Em outubro, cansados de diplogar com o patronato na Justica do Trabalho, trabalhadores de 7 categorias deflagraron uma greve que envolveria 400.000 operarios metalurgious, texteis, vidreiros, graficos papel e papelão e curtume. Exigiam 45% de numento.

A expansed quase incontrolavel do novizento grevista prescujou os dirigentes do PUL, que lamearar manifesto charando a atenção para o perigo do Comité Intersindical de Greve (crisdo no momento de sua deflagração) perdera o contrôle sobre os grevistes. Os pelegos estavaz assus tados com os piquetes "fantaspas" organizados pelas proprias bases operarias por fora dus sindicatos. No dis 18 de outubro, os dirigentes sin dicais do Comitê Intersinaical de Greve se reuniram com o delegado do DOPS responsavel pelo esquena de segurança de capital e decidiran: a) dali por diante os chefes de piquetes "oficiais" portariam documentos expedidos pelas sindicatos; b) seriam formados piquetes dos sindicatos para reprimir os "desordeiros"; c) as empresas alheias a greve de veriam recorrer ace sindicatos para receber documentos que atestassem essa situação.

O interessante é que de piquetes fantasmas não se dissolviam, numen tando em número e en ousadia. Pudera, não eram fantasmas que estavam por

trás deles, ora o operário brasileiro "atrasado", "ignaro" ...

#### D PERCURSO DO MOVIMENTO OPERÁRIO E O COMPREMINIO R DE 1964

O período que decorre até 1964 é marcado por um grande ascenso do movimento operario, que ganha novamente as ruas e se coloca em constan te agitação por todo o país. No entanto, os sindicatos continu vat son do uma pedra no caminho das mobilizações que se sucediam e era obriga dis a transborda-los. Mais uma vez se mostrava em todo o seu sentido u falta de uma direção revolucionária. A amirtida de apois e en esta en la falta de como "procure anta", por parte de BCP, continueva, nesmo com o partido Pormodmente na inegalizada. En nenhum momento a direção stalinista procura va orientar omovimento do proletariado no sentido da ruptura das amarras que o ligava ao Estado burgues, Felo contrério, sua política era a de se constituir como o flanco esquerdo do FTB e da burguesia nacionalis ta, abrindo mão de organizar a classe no interior do A.

No entanto, a todo o momento o movimento do proletariado amesçava - 1 = Golpe militar

2 = A política de apoio à burguesia "progres27 sista".por parte do PCB, continuava, mesmo com o partido formalmente na ilegalidade.

mair do contrôle da burguesia, mesmo sem uma direção. Os conflitos de terras evoluiam e as greves e manifestações de rua de tornavam uma rotina nas principais capitais do país. Apoiados na desorganização do pro leteriado, lideres burgueses como Miguel Arraes, Leonel Brizola, Julião, eto., procuravam sustentar melhores posições no interior da crise de interesses que dividian a burguesia de cima a baixo. Apolados sobre a estrutura sindical atrelada e sobre o peleguismo reinante no interior dos simbleatos, figuras como Janio Quadros arrastavam multidões para as pra cas c os comicios.

Toda essa nattação conflui para e tentativa da burguesia do novamen to assegurer seu contrôle político de maneira estável. Não era mais pos sivel continuar permitindo que o proletariado evançasse sobre o naciona que consçava e demonstrar sinais de incatacidade para manter a mobilização da classe operária dentro de limites aceitáveis. Começa a se organizar o colpe militar de 64. Ante a investida das massas, a burguesia, e mesmo nacionalistas radicais preferem delxar para depois as suas brigas de interesses. O golpe de 6a vem com o nacionalismo batendo em retirada e deixando um espaço aberto pela desorganização das massas. A classe operaria brasileira assiste ao golpe militar sem ter condições de ostocar uma reação organizada. Ela é derrotada sem ter masmo entrado en perbete. Esse fato val fager com que os conflitos e manifestações operarias continuen, basic sen direcho e de maneira dispersa e localizada durante os anos seguiries. A dificuldade que encontrou a camarilha militar para se fixar e centralizar en si todas as correntes de burguesia eran deserrantes desse situação enterior. Prente a traição etalimieta, o proletariado prasileiro não tinha outra alternativa que provúrar solu cionar sua crise de direção pelas suas proprias forças.

Para subneter a classe operaria e para poder levar adiante a sua política de super-exploração do proletariado e de associação estreita au importalizaç, a samerilka rilitar se viu obrigada s evançar sobre as par celas de proprie burguesia; contralizar seu poder político e impedir tode « ouniquer forme de revolts que pudenes continuer dande felego so MC. A extinção dos partidos políticos em 1966 e a série de Als e complementeres que cultinares com o AI-5 en 68, vinham exatamento nesse sentido. Os sindicatos apesar de todas as limitações já herdadas do varguismo, fo rum colocados sob um controlo ferreo. As direções sindicais pelegas foran grad tivamenta substituídas por policiais interventores e o poceseo. de esymplamento dos sindicator se acentuou gracativamente. Somente es al guns nucleos, unde a tradição de organização e combatividade do proletariado era un pouso maior, alguns pelegos e grupos de oposições sindicais

lograram sobreviver a duras penas. Ao mesmo tempo em que a coma minimor procureva estender suas amar rec sobre o proletariado, este ainda procurava resistir e reconquistar parte do terreno perdido. O ascenso do proletariado mundial que resultou n. grande greve geral de maio/junho na França e os adontecimentos da Pri navera de Traga de repudio do stalinismo, aconteciam num momento em que no Brasil, o MB e núcleon icolados do proletariado como em Osasco e Contage free stone was a dura contra a desaine. A enferce in politica de conhore, sea de plantes desenvolvada pelo PCS no periodo anterior facia com uge algumas direções isoladas, de base puramente sindical, tentassem rom per cor as tradições do movimento sindical brasileiro. Farticularmente em Csasco, a oposição sindicel liderada por Jose Ibrahim tentava desenvolver o "sindicalismo de base", apoiado em comissões de fabrica que ten tassem romper com o carater atrelado dos sindicatos. An motilizações de Osasco e, de mesma maneira, as greves de Contagem, teutavam, telo seu exemplo de combatividade, arrestar para o movimento toda a classe opera -I=ditadura militar 2= se lançavam à luta cos

tra a ditaduta. A crítica à política de colaboração de classes desenvolvida pelo PCB.

ria.

Sucride-ne gravos com a compação de Tábricam, piquetra de grave a grandes manifestações, reprimidas à força pela ditadura militar. En 68 en Praça da Sé a governador Sodré foi obrigado a fugir do palançue oficial sob chura de paus e pedras lengadas pelos trabalisadores. Mais uma vez não era a combatividade que faliava à classe operaria. Apesar da sun disposição de luta, essas direções operarias vivias en profundo isolador to que se completava com uma visão sindicalista, que não comprendia profundamente a importância da luta da classe operaria na perspectiva da sua comsciência de classe, ou seja, o seu partido. Some-se a isso a politica devastadora levada a cabo pelas organizações gaerrilhistas como a ALN, VAR-Palmares, etc. O guerrilhismo, repudiado pelo proletariado que não consegui vê-lo como uma alternativa de classe, criava os pretexios mecessários para que a camarilho militar perseguises as direções operarias, invadiese os dunicatos e matasse centença de operarios classistas.

#### CONCLUSÃO

As derrotas do proletariado em 68, critama as condições necessárias para que a cumarilha militar levasse as últimas consequencias a sua política de exploração das massas trabachadores. Desenondeiam-se então os anos do milagre bracileiro" que se confundem com o auge do repressão ao movimento de plasas. Nunca antes em nossa história, as massas trabalhadoras da cijade e do cumpo hoviam passado por um período de v nta exploração e miseria. A cumarilha militar logrou retirar do proletoriado mui tas das conquistas que o seu movimento havia sol dificado a duras penas.

A crise intermacional que se aprofundou a partir de 7%, tem se encar regado de par um fin ao clima de sonsego e estabilidade que o ditadura militar comquietou em nosso país. A classe operaria submetida a longos anos de repressac, ten demonstrado nesses últimos anos a sun disposição de novamente restarecer no cenário político. As eleições de 74, nesse sentido, foram um morro que representou o profundo ódio que sentem as massas por esse regime.

O ncompanamento de todo o deserrolar do processo político que vivemes durante estes último anos, particularmente a partir de 77, só pode
nos levar a uma conclusão: as bases meteriais para a quedo da ditadura
militar estão dadas. Besta que a burguesia encontre um plano alternativo a camarilha militar, ou que a classe operária, es um ascenso, mesmo
som direção, obrigue a que um setor da classe dominante se appesse en
organisar uma nova forma de domina ão. No entanto, devido ao grau
de divisão em que se encontra a burguesia neste mom to, podemos afirmar que essa passagem para uma nova forma de dominação não será possível
sem a irrupção das massas, mesmo que limitadamente, no cenário político,

Trata-se portanto de preparar desde já as bases por onde a classe operória despontara novamente con sun força no quadro de luta de classes.

O único instrumento que possue hoje o proletariado é a estrigtura sindich
herdada do bomapartismo. Espontaneamente, a classe operaria se lança a
construção de grupos de fábrica e outros órgãos de combate capaçes de su
tiefator as suas necessidados momentâneas. Pode-se prever, porem, que o
afluxo do p oletariado ao cenário político se dará através dos sindicatos
existentes, chocando-se contra a sua estrutura atrelada e as direções
pelegan. É dentro destes sindicatos existentes que a parcela mais combativa do proletariado se langará a via da mobilização.

A tarefa de todos os militantes que se proponham a ser a direção classista do proleturiado brasileiro é dirigir esse movimento de classes operária para a runtura de todos os laços que prenden os atuais sindiratos à burguesia e seu Estado. Trata-se de dirigir a classe oper

rária à construir sobre os escontros dos atuais sindicatos, novas estruturas sindicais que preservem sua unidade e independência política.

O proletariado só tem condições de romper com sua tradiçaõde depandencia e intensão à turquesta se estiver unido e mobilisado nacionalmenta. Construir uma Central Unida dos Tradelhodores e lançar as bases para a construir dos sindicatos independentes significa lutar, com a desarrolar de luta de classes no Erisil, por um Congresso Operario, capat de unir os trabelhadores nacionalmente e centraliza-los na luta pela sua construção enquento classe para si. A construção do partido operario é a outra face desta mesma moeda, completando um todo político indivisiva!

A perspectiva estratégica do partido operário é o instrumento que os marxistas tem nas mãos neste momento para avançar a luta da classa operária. Esta palevra de ordem, que assume neste momento un caráter projegandistico tenderá a evoluir com o próprio orescimento do movimen to de massas no Brasil, oclocando-se como mais uma das palavras de ordems certrais da classe oporaria.

000000000

PENEREIRO/22

Fevereiro/78

Sucedina-ac grevos com a compuesto de l'abrican, piqueten de greve e grandis munifertações, reprimidio à força pele ditadura militar. En 68 ha Praça da Sé o grevandor Bodré foi obrigado a fueja do palamene oficial sob tamva de paus e pedras lançadas relos trabalhadores. Mino una vem no era a combatividade que foltava a classe operaria. Apesar da sua disposição de luta, escas directes operarias viviam en profundo isolaten to que se completava com una vasão sindicalista, que não comprendia profundamente a importancia da luta da classe operaria na perspectiva da sua consciência de classe, ou seja, o seu partido. Some-se a isao a política devantadora levada a cabo pelas organizações gaerrilhistas como a ALN, VAR-Palhares, eta. O guerrilhismo, repudiado pelo proletariado que não consegui vê-lo camo una olternativa de classe, criava os pratextos mecessarios para que a camarilha militar perseguisse as direções operarias, invadisse os dimicatos e matasse centenas de operarios classistas.

#### CONCLUSÃO

As derrotas do proletariado em 68, criaram as condições necessárias para que a camaralha militar levasse as últimas consequencias o sua política de exploração das massas trabaçhadores. Desencadeism-se então os anos do"milagre brasileiro" que se confundem com o auge da rapressão ao movimento de massas. Numea antes em nosea história, as massas trabalhadoras da cidade e do campo heviam passado por um período de tanta explo ração e miséria. A camarilho militar logrou retirar do proletariado muj tas das conquistas que o seu movimento havia solidificado a duras penes.

A crise intermacional que se aprofundou e partir de 73, tem se encar regado de par um fin ao clima de escapego e establidade que o ditudara militar conquistou em nosso paío. A classe operaria submetida a longos anos do represent, ten demonstrado nesses últimos anos a sun disposição de novamente resparacer no cenário político. An eleições de 74, nesse sentido, foram um marco que representou o profundo ódio que sentem as massas por esse regime.

C acompanamento de todo o desenvolar do processo político que viveLes durante ester último enos, particularmente a partir de 77, só pode
nos levar a uma conclusão: as bases noteriais para a queda da diradura
militar estão dadas. Basta que a burguesia encontre um plano alternativo a camarilha militar, ou que a classe operária, em um ascenso, mesmo
sem direção, obrigue a que um setor da classe dominante se aprese em
organizar uma nova forma de dominação. No entanto, devido ao grau
de divisão em que se encontra a burguesia neste momento, podemos míirmar que essa passagem para uma nova forma de dominação não sevá possível
sem a irrupção das massas, mesmo que limitadamente, no cenário político,

Trata-se portento de preparar desde ja as bases por onde a classe operoria despontará novamente com sun força no quadro da luta de classes.
O único instrumento que possue boje o proletariado é a estrutura sindich
herdada do bonapartismo. Espontaneamente, a classe operária se lança a
construção de grupos de fábrica e-cutros órgãos de combate carazes de ses
tisfazer as suas necessidades momentáneas. Pode-se prever, porem, que o
afluxo do proletariado ao cenário político se dará através dos sindicatos
existentes, chocando-se contra a sua estrutura atrelada e os direções
pelegar. É dentro destes sindicatos existentes que a parcela mais combativo do proletariado se langará a via da mobilização.

A tarefa de todos os militantes que se proponham a ser a direção classista do proletariado brasileiro é dirigir esse movimento de classe oporária para a runtura de todos os laços que prendem os atuais mindicatos à burguesia e seu Estado. Trata-se de dirigir a classe ope-

ritia a construir sobre os vecontros dos atuais sindicatos, novas estru turas sindicais que preservem sus unidade e independência política.

O proleterano so tem condições de ramper com sua tradiçõede dependencia e subrissão à ourquesta se estiver unido e mobilizado macionalmento. Construir que Central Unico dos Irabalhadores e langar ne bases para a observação dos sindicatos independentes eignifica lutar, com a desenvolar de buta de cisases no Sousil, por um Congresso Operário, capara de unir os trabalhadores applicamiente é centralizó-los na luta pela sua construção enquanto cisase para sí. A construção do partido operação é o vara face deste mesmo modas, completando um todo político indivisiva.

A perspectiva estratégica do partido operário ó o insitumento que os corxistas tem mas mões neste momento para avençar a luta da classa operária. Este polavre de order, que assume neste momento um caráter projegandatico tenderá a evaluir com o próprio orescimento do movimen to de messes no Brasil, colocando-se como mais uma las palavras de ordens centrais da classe operário.

000000000

dauenosro/78

Fevereiro/78

Há muito uma discussão mais aprofun dada sobre o estalinismo se faz necessária. Anteriormente tivemos que recorrer apenas aos "clássicos" (e ainda temos ) deixando exposta uma enorme lacuna: a 8tuação dos estalinistas no Brasil. Evidentemente tal empreitada não pode ser concretizada se analisarmos somente trajetória do PCB. Seu movimento somente pode ser compreendido se examinado em conjunto com o aparelho estalinista inte rnacional, o Komintern, dissolvido por Stelin. às vésperas da II guerra mundial (1). justamente quando a unidade mundial da classe operária se fazia mais premente. O período que se seguiu à dissolução da Internacional Comunista . foi de profunda desorganização da classe operária, engajada em exércitos imperialistas seus partidos destruidos pelo nazismo, pelo fascismo; a tanguarda operária assassina da tanto nos países imperialistas quanto na propria URSS, vitima dos fraudulentos julgamentos efetivados pela burocracia soviética, encabecada por Stalin; des crente de suas direções pelo malogro da política de frente popular, ameacada pel la fome, pelo desemprego e pela polícia. A tudo isso o estalinismo pode sobreviver. porém não sem os percalços da sua posi ção de "agente da burguesia" no seio da classe operária. Não foi por outra ra zao que, uma vez terminada a guerra, a burocracia foi obrigada a encampar, para em seguida burocratizar, o ascenso revollucionário do proletariado no leste da Europa. Na Europa ocidental sua politica de se aliar até mesmo com fascistas. na Italia, com a burguesia francesa que sustentava Pétain durante a ocupação Nazista, foi igualmente refasta para o pro letariado e suficiente para permitir ao imperialismo recompor seus Estados semidestruídos e mais uma vez se erguer sobre a classe operária européria.

Contudo, é preciso frisar que a apa rente estabilidade da burocracia se as -

senta única e exclusivamente no refluxo. nos momentos de passividade das massas . A qualquer momento, na medida em que as massas se poem em movimento esta"estabilidade" revela sua fragilidade e poe à nu a "fossa" da burocracia. Estes ele mentos, apontados por Trotaky em 1935 (in Por que Stalin venceu a Oposição se confirmaram plenamente com a invasao de Hungria em 1957 que marcaram a um só tempo o ascenso das massas oprimidas no Leste europeu e... a crise do aparelho estalinista, do qual a última excressão é o Eurocomunismo, o abandono descarado e aberto da política de Lenin. da ditadu ra do proletariado, etc.; um rol de esto rias que já nos são familiares.

No caso do proletariado brasileiro. cuja experiência de organização em parti do operário além de ter sido extremamente incipiente, se deu com o PCB. E isto é fundamental. A discussão sobre os rumos que tomará a luta de classes no Brasil, em particular a classe operária,nes te período que prenuncia a queda da dita dura militar, não pode ser levada a rom termo sem levarmos em conta a experiên cia adquirida pela classe em seu proces-

so de formação enquanto classo.

Evidentemente este texto, que cobre apenas o período de formação do PCB. em 1922, até sex "ressurgimento"em 1943 não pode dar conta de toda esta discussão. Aqui nos propusemos apenas a recuperar e lementos deste processo, assinalar a política do estalinismo nos momentos decisivos da luta de classes no Brasil , em partidos durante a Constituinte em 1945 devido ao fato de agitarmos hoje consigna.

Por fim, é relevante ressaltar que, mais do que qualquer outra coisa, tornase absolutamente clara a demontração da necessidade de contrução de um partido operário que conduza o proletariado em s seu processo de formação emquanto classe "para si" que dirija o proletariado

direção ao socialismo.

I-2 : A FUNDAÇÃO DO PCB :-

O FCB foi fundado em marco de 1922. num momento de refluxo do proletariado tanto a nível nacional como internacio nal como veremos mais adiente. Sua fraqueza, desde o memento de sua fundação, é muito grande se comparada por exemplo, com os PCs do Chile e da Argentina (como aliás ocorreu na major parte do mundo ) os partidos comunistas eram formados por cisces verificadas nos partidos ligados. à II Internacional, no Brasil a ausência do PS fez com que o PC fosse fundado a pertir de unificação de vários grupos de ex-anarco-sindicalistas que haviam aderi do ao bolchevismo após a Revolução de ou tubro de 17. No Chile, a quase totalida de do antigo Partido Socialista aderiu a III Internacional, o que trouxe um impul so muito grande para a formação do prole tariado chileno como classe, ampliando uma experiência organizativa anterior ad quirida por quadros operários no interi-

or de um partido operário.

No Brasil nada disso ocorrera. Em primeiro lugar nunca houve um Partido So cialista a nível necional que realmente funcionasse. Em segundo lugar quase todos os PSs estaduais desapareceram duran te a guerra de 1914/18. Quanto aos anar quistas, apenas uma pequena parcela havia aderido ao bolchevismo, mantendo-se a maioria ainda no controle dos sindicatos. o que seria um entrave suplementar para os comunistas na sua aruação sindical. Apesar de toda a força revelada pe lo proletariado brasileiro no decorrer do ascenso de 1917-1920(50000 operários em greve em São Paulo, em julho de 1917; 60.000 operários na passeata do 1º de ma io de 1919 no Rio; dezenas de greves manifestações em todo o país) o anarco sindicalismo permitiu que todo este movi mento retrocedesse sem que nada restasse do ponto de vista organizativo. A partir de 1920 as massas dao sinais evidentes de cansaço. Milnares de trabalhadores. refluem junto com o movimento e PCB é formado com um número irrisório de 72 mi litantes em março al 1922, num momento

em que se inicia an refluxo que iria du-

rar vários anos.

E clare que o aspecto quantitativo to é o único determinanta. Porém não demos deixar de constatar esta fraque-; inicial pois isso repercutirá no futu

, come veremes adiaute.

Não pería demais lembrar, sinda, que ES de São Paulo (Partido Democrata Solalista) já editava um jornal operário emanal em 1896: O mínimo que se pode izer é que a traição da social democrala e as concepções erradas dos anarquis frustavam e tornaram quase inócuos esforços de várias garações de militan su desse período inicial com prejuízos sormes para o futuro da classe operária rasileira.

Porém o fundamental era a qualidade nao a quantidade de militantes. Ora, isse sentido podemos assinalar dois ase ectos capitais: o primeiro é a influênis e a permanência no interior do PCB, certas concepções anarco-sindicalis s, apesar da aceitação formal das "21 ndicoes" da III Internacional. militantes do primeiro Comitê Contral am antigos dirigentes anarquistas, com ceção de um. O primeiro Secretário+Ge l foi Astrogildo Pereira, um dos ideazadores da tentativa de insurreicao arquista de novembro de 1918. O livro Otávio Brandao "Algarismo e Industria smo" é uma das poucas produções teóris de brasileiros da época, escrito em 25. Apesar de se auto intitular "ensa marxista-leninista lobre a revolta de Paulo e a guarra de classe no Brasil; ata-se na verdede, de trabalho de um letiamo fora do comun, no qual certas acepções libertárias e a sociologia bur

Tudo isso, porém, não era decisivo, essas fraquezas iniciais poderiam muibem ter sido superadas no interior da ternacional dirigida por Lênin. O que d determinante, em última instância, ra a degenerescência posterior do PCB, o foi inclusive, o refluxo que se iniou no movimento operário brasileiro a rtir de 1920, mas sim o refluxo que se iciou em escala internacional após. o

esa estão misturadas a uma fraseologia

final da grande vaga revolucionária de 1917-1923. As sucessivas derrotas do proletariado na Europa (Alemanha, 1918; Hungria, 1919; Bulgária, 1923). devido de tradeces da social-democracia, acentu tram o isolamento da revolução vitoriosa na URSS. Desde 1923, Trotaky domunciava em "Curso Novo", o aparecimento de uma burocracia parasitária no interior do Estado operário, que encontraria representantes de seus interesses no interior do PCUS.

Fundado em março de 1922, o PCB man dou um delegado para o IV Congresso I.C., realizado em Moscou em novembro da quele mesmo ano. Esse delegado, Bernardo Canelas, ainda fortemente influenciado pelo anarquismo, criou um incidente no Congresso intervindo no debate entre Stalin e Trotsky. Dois anos depois ahandonaria o partido. Porém a adasao do PCB à III Internacional só se deu oficialmente no V Congresso da IC, em Julho ' de 1924. Nesse Congresso, a burocracia dirigida por Stalin já travava uma campa uha sórdida contra a Oposição de Esquerda. A segunda derrota do proletariado a lemao, em outubro de 1923, reforçara a troika Stalin-Zinoviev-Kamenev. nal de 1924 surgiria a famigerada do "socialismo num só país", com todas suas consequências, conduzindo a III Internacional por um caminho oposto aquele traçado pelos bolcheviques nos seus quatro primeiros Congressos.

E nessa Internacional já burocratizada, portanto, que os comunistas brasileiros começam a dar seus primeiros passos na vida internacionalista organizada Nesse V Congresso da IC foi criado um Se cretariado para a América Latina que pas sou a ser dirigido por Vitório Codovilla em Buenos Aires, militante do PC argenti no e estalinista de primeira hora(respon savel muitos anos depois pelo assassinato de militantes revolucionários na Espa nha, durante a Guerra Civil; membro GPU, polícia estalinista). Nesse Congre sso (V), Astrogildo Pereira, delegado do PCB. declarou que o partido contava, no Brasil, com 300 militantes. Isso foi em Julho de 1924. O PCB era um pequeno, um minúsculo partido (aliás, partido em con strução, e construção em fase embrioná - ria, diga-se de passagem). O aparalho estalinista internacional, por outro lado, já era uma peseda máquina burocrática contra a qual era dificil lutar.

Essas difucildades iniciais e essat fraquezas intermas do PCB não devem ocultar o fato de que sua fundação tinha representado um passo adiante no processo de construção do proletariado brasileiro como classe. Ou, pelo menos, abria uma possibilidade real de que esse processo avançasse. Pela primeira vez o proletariado criava uma estrutura político-organizativa duradoura a nível nacional.

Muitos dos antigos sindicatos, ligas e uniões operárias tinham desapareci do com o refluxo iniciado em 1920. Os anos de 1921-1922, no Brasil, foram anos de depressão e de desencorajamento. Dos sindicatos mais poderosos só restaram al guns núcleos sem coesão. Quanto aos mais fracos, desapareceram completamente. Esse período se caracterizou por um aban dono dos sindicatos pelos operários.

A repressao que havia sido constante nas duas primeiras décadas do século. tornou-se implacável nos governos de Epi tácio Pessos e ARtur Bernardes, princi palmente depois das revoltas militares de 1922 e 1924. O Brasil viveu durante anos em estado de sítio. Apesar disso os comunistas tentaram organizar sindica tos por ramos industriais e não mais por categorias profissionais. Sua influên cia limitava-se ao Rio de Janeiro, Paulo e Pernambuco. Em 1924, os sindica tos controlados por comunistas já eram em maior número que aqueles controlados pelos anarquistas. Porém a maioria dos sindicatos eram "autônomos", nos quais os comunistas se infiltravam. No Rio de Janeiro, maior cidade do país na época, havia 35.000 trabalhadores sindicaliza dos. Destes, 20.000 pertenciam a sindicatos "autonomos", 3500 a sindicatos con trolados pelo PC e 1500 pelos anarquis tas. Enquanto que os estivadores, marinheiros, gréficos, texteis, carregadores de café e outros sindicatos importantes

eram "autônomos", o PC controlava apenas os sindicatos dos padeiros, alfaiates , marmoristas e marceneiros.

Na cidade de São Paulo, também em 1924, o PC controlava os gráficos e os sindicatos de garçons e cozinheiros, segundo Astrogildo. Tudo isso é muito pou co, como se percebe. A influência da re volução Russa fora grande, criando uma autoridade e uma tradição para os comunistas brasileiros. Porém o proletariado (nem sequer uma parcela significativa de sua vanguarda sindicalizada) não chegaram a se constituir como classe no interior do PCB no período anterior à sua degenerescência e total burocratização.

No Rio havia duas pequenas federacoes, uma anarquista, "a Federação Operá ria)e outra controlada pelos comunistas (a Federação dos Tratalhadores). A nível nacional só havia uma confederação : a CSCB - Confederação Sindicalista Coope rativista Brasileira, que reagrupava cer ca de .100.000 trabalhadores pertencentes tanto a sindicatos operários autônomos ( sindicatos "amarelos", segundo o PCB) co mo a cooperativas e mutualistas. C PCB fazia um trabalho de infiltração no inte rior dessa Confederação (o que era corre to), cujos estatutos afirmavam o princípio da colaboração entre o trabalho e o capital. Eta tolerado pelo governo.

Essa era a situação dos sindicatos e do movimento operário no país em Julho de 1924, quando o PCB aderiu formalmente a Internacional Comunista. Nesse mesmo mes de Julho de 1924 estourou a segunda revolta tenentista, desta vez em Sao Paulo, dando origem à Coluna Paulista, mais tarde Coluna Prestes-Miguel Costa. O mo vimento tenentista pequeno-burguês seria uma das componentes do nacionalismo e do Estado bonapartista criado por Vargas a partir de 1930, pelo menos num primeiro momento. Esse movimento teria consequên cias fatais para a independência do proletariado, em 1935. Porém só pode ser entendido se antes entendermos as transformações no interior do PCB, do II Congresso até sua completa estalinização.

Porém, antes, uma úlcima observação

quanto a este período inicial, em termos comperativos. O PC chileno, por exemplo, > fora fundado em 1918, isto e, no início de um grande ascenso mundial do proletariado: já o PCB, no início de um grande refluxo. O PC chileno incorporou em suas fileiras operários do PS fundado por Recabarren, partido marxista que já acumulara experiência considerável; já : o PCB foi formado por anarco-sindicalistas cuja prática enterior é estranha ao marxismo. O PC chileno contou com 3500 militantes no momento de sua fundação : o PCP só dispunha de 72 pessoas (militan tes), quatro anos depois daquela data. 'num país cuja população era dez vezes ma ior. Nao deixa de ser interessante obser var. só a título de ilustração, que o PC francês contava com 72000 militantes em 1922, e c PC italiano 25000. Ou seja.en quanto o proletariado chileno já estava formado como classe, isto é, organizado em partido, o proletariado brasileiro nao havia concluido esse processo. Aliás. como veremos adiante, esse processo nunca iria se concluir, até a destruição comple ta dos sindicatos operários pelo Estado bonapartista. O que não isenta de res ponsabilidades os estalinistas, evidente mente.

#### I.3 : BUROCRATIZAÇÃO DO PCB

Em maio de 1925 realizaou-se o II Congresso do PCB, que reuniu um pequeno grupo de nove militantes durante três di as. As cificuldades impostas pela clandestinidade, eram enormes. A partir des sa data, porém, as publicações e a propaganda do partido começaram a crescer. De pois da eleição de Washington Luís, o es tado de sítio foi suspenso e o PCB saiu da ilegalidade durante alguns meses, no ano de 1927. Mas sua política já não era revolucionária. Seguindo a orienta -ção que vinha de Moscou, via Codovilla, o PCB, em 1927 tentou fazer uma frente d do tipo "Kucmintang", isto é, nacionalis

ta, que acabou por não se realizar porque não havia nenhum setor da burguesia disposto a isso. O PC apresentou 2 candidatos a Deputado Federal através do Bloco Operário, nas eleições de fevereiro de 1927. Um dêles era o gráfico João da Costa Pimenta, que recebeu 3000 votos e o outro, eleito com 4000 votos, era o parlamentar burguês liberal Azevedo Lima que em 1929 passaria a apoiar o governo.

O erro não estava em ter concorrido do as eleições, o que um partido operário pode e deve fazer em determinadas circunstâncias (desde que as eleições se jam livres e o partido se apresente com seus próprios candidatos, defendendo seu próprio programa, livremente). O oportunismo da direção Astrogildo Pereira - Otávio Brandão ficou, porém patente em toda a propaganda difundida na época, um trabalho de um confusionismo tremendo. Azevedo Lima, era apresentado como um lemento progressista que asseguraria a defesa dos interesses da classe operária.

Em 1928 o Bloco Operário se trans formou em Bloco Operário e Camponês (BOC). Apesar do nome pomposo, o partido não ti nha nenhum trabalho no campo nem nuncu se preocupara em elaborar teses e políti ca a respeito da questão agrária. O BOC servia apenas para fins eleitorais... 0 e leitoralismo tomou conta da direção do partido. Dessa vez foram dois candida tos operários. Otávio Brandao e Minervino de Oliveira, que se apresentaram como candidatos pelo BOC e foram eleitos vere adores pelo Distrito Federal. A ocasiao era propicia para se fazer agitação e propaganda do Partido, porém o PC deu ao BOC um caráter exclusivamente eleitoreiro, o que prejudicou as demais frentes de trabalho, principalmente o trabalho sindical.

Desde 1925 certos sindicatos vinham passando das mãos dos anarquistas para os comunistas. O exclusivismo eleitoral do BOC, prejudicava esse trabalho, como afirmavam certos militantes que se opu - nham à direção do PC na época. Além dos êrros apontados, as ilusões difundidas pelo PC em torno dos movimentos milita - res de 1922 e 1924, caracterizados como

tzendo parte da "revolução democrática, prária e anti-imperialista", "etapa da volução", constituiam um abandono comteto das teses da revolução proletária laborados por Lenin e pela IC nos qua primeiros Congressos.

Era a mesma política que, na China, Ivara o PC a se dissolver no Partido Na

lonalista (Kuomintang), provocando errota da revolução chinesa de 1927. No lano internacional, essa capitulação fo violentamente criticada por Trotaky e la Oposicao Unificada que existia no iterior do PCUS. Stalin, porém, diante I insurreição operária de Shangai irco de 1927, ordenara aos operários ie depusessem suas armas. No mês se linte, Chang-Kai Chek massacrou dezenas milhares de trabalhadores indefesos Shangai. Nota importante: Chang-Kaiek era membro honorário do Burô Execuvo da III Internacional estalinista ! rgida com a derrota do proletariado, a racracia soviética comandada por Stalin ssara a ser, ela, a grande organizado-. daí por diante das novas derrotas s massas trabalhadoras no mundo intei-Trotaky, Zinoviev e todos coutros ositores foram expuisos do PCUS am1927.

Em mesdos de 1928, o delegado doPCB nto so Congresso (VI) da IC, Fernando cerda, reconhecia que seu partido tenra organizar, sem sucesso um Kuomintang Brasil. O VI Congresso, diante da rrota da China, iria proceder a uma inada para a esquerda, inaugurando ailo que os estalinistas passaram a deminar de política do "3º período". Ortunismo e esquerdismo eram duas faces mesma moeda. A política de "frente ú ca operária" foi substituída pela de rente única na base", visando dissocios operários pertencentes a sindicas e partidos reformistas dos dirigens desses movimentos. Na prática, sesa lítica dividiu a classe operária e imdiu que ela se apresentasse como clasfrente à burguesia, em plena crise enômica mundial de 1929. Aos partidos tialistas foi negada a qualidade de rtidos operários, recebendo todos o no

me de "social-fascistas" que na Alemanha conduziria à derrota do proletariado em 1933 e consequente vitória do nazismo.

Essa política esquerdista de "3º período" fez com que o PCB também desse uma guinada à esquerda, passando do eleitoralismo do BOC a uma política definida como "período de preparação revolucioná. "ria", segundo os termos usados na resolução adotada no III Congresso do PCB, realizado em fins de 1928 e janeiro de 1929.

Decidiu-se intensificar a lutar contra os socialistas no Brasil ! (o PS da época era um pequeno partido formado pela pequena burguesia liberal em Maio de 1925, expressão política da revolta militar de Isidoro, em São Paulo, em 1924).

No plano sindical, o eiro da luta dos estalinistas passou a ser o combate aos socialistas, anarquistas e trotsquistas, o que dividiu e enfranqueceu os sin dicatos num momento em que grandes acontecimentos estavam em gestação na sociedade brasileira. O nacionalismo burguês nasceria com toda força em 1930 e iria encontrar o terreno sindical desestruturado, o que facilitou o trabalho de Vargas e do bonapartismo.

Apesar do sectarismo dos estalinistos, desde 1929, o movimento operário ganhara novo ânimo e fora possível criar a sar de todas as dificuldades, una confederação sindical reagrupando associações de vários estados: a CGT (ou CGTB, como diziam, às vêzes) de vida igualmente efâmera.

#### T.4 : ESTALINISTAS e TROTSQUISTAS NOS SINDICATOS :-

A medida que a política do PCB tornava-se mais oportunista, afastando-se
dos princípios básicos do leninismo em
torno dos quais o partido fora fundado,
a democracia no interior da organização
ia desaparecendo. O centralismo democrá
tico se transformou em ultra-centralismo

burocrático e autoritário. As criticas feitas pela Oposição de Esquerda à burocracia soviética em formação não conhecidas no Brasil até 1929. Muitos militantes sentiam intuitivamente que o partido e a Internacional se afastavam da orientação que inicialmente Lênin havia dado, nos 4 primeiros congressos da IC, porem não se tinha informação nenhuma, a não ser as informações trazidas por Astrogildo Pereira, Brandao e outros membros da direção que viajavam a Moscou ou a Buenos Aires. Os informes que chegavam a respeito de Trotsky eram a versão injuriosa e falsa que os estalinistas propagandeavam. No secretariado Latino-Americano consta ter um zinovievista e nada maia.

No ano de 1928 uam série de militan tes se revoltou contre o eleitoralismo de Brandao-Astrogildo, pois ele provocava um "esfacelamento do trabalho sindical" A direção não permitia a livre discussão interna, rompendo, portento, as regras da democracia operária que devem existir no interior des partidos de tipo belchevique. Inúmeros militantes se demitiram do partido num gesto de protesto contra o regime burocrático instaurado no Seu interior (gesto que revela imaturidade política, sem dúvida; os trotsquistas lu tariam dentro do partido até o fim, isto é, até, 1933, para tentar regenerá-lo ). Eram cerca de 50 militantes, liderados p por dois membros do CC: o jornalista professor Rodolfo Coutinho, (era um dos poucos militantes de origem socialista e nao anarquista; havia feito uma viagem a Moscou), e o operário Joaquim Barbosa. A crise já estava em gestacao desde 1927. quando Astrogildo propusera que o Partido fosse à procura de Prestes e dos rema nescentes da Coluna, que se haviam exila do na Bolívia.

Da maneira como Astrogildo propunha, o partido teria que capitular diante da pequena burguesia tenentista. Sua pro - posta não ia no sentido de concretizar a aliança-operário-camponesa, ou do proletariado com a pequena burguesia tenentis ta, pois essa aliança, para os leninis -

taz. conduz, a un regime de ditadura do proletariado (Obs.: em suas teses de A bril de 1917, Lenin abandonara sua formu la anterior de "ditadura democrática de operários e camponeses"). Ora, o PCB já nao caracterizava mais a revolução Brasil como revolução proletária, sim como "revolução agrária e anti-imperialista". Tanto é assim que, anos depois. Otávio Brandao diria que era sectá ria a política do Partido entre 1922 e 1924 por preconizar a "luta pela ditadura do proletariado num país semi-colonial e semi-feudal" - (cf. Revista Brasili ense, marco-abril de 1963). A aliança com Prestes, portanto, seria feira na ba se do abandono da perspectiva da luta pe la ditadura do proletariado. Ora. o comico da história toda é que Prestes nac aceitou as propostas do PC. e Astrogildo voltou da Bolívia de maos abanando. Mas o Partido sofrera seu primeiro "racha".

Porém Rodolfo Coutinho nao tinha ti do contato com as obras de Trotsky nem com a oposição na URSS. Quanto a Joaquim Barbosa, abandonaria a militancia pouco

tempo depois.

No começo de 1929 Trotsky foi expul so da URSS. Sua primeira tarefa em Prinkipo (Turquia) foi a de começar a consta truir a Oposição em escala internacional. Até entao, a Oposição se definia principalmente em relação ao partido russo, sen do seus laços internacionais muito fracos. Trotsky publica seu livro - "A Internacional Comunista depois de Lênin" . e. em julho de 1929 sai o Nº 1 do "Boletim de Oposição", definindo o papel dos bolcheviques leministas como sendo o de continuar lutando no interior dos PCs pa ra impedir a política de Stalin conduzis se Internacional à suu completa destruicao.

Nesse mesmo ano de 1929, um militan te do PC brasileiro, Mário Pedrosa, en trou em contato com a Oposição, na Alema nha. Pedrosa fora enviado pelo PCB para participar de uma escola de quadros Moscou, porém adoecera na Alemanha. Esse acaso fez com que os brasileiros, desde a primeira hora, entrassem em contato

com a Oposicao internacional que Trotsky comecava a organizar. A polêmica anteri or dirigida contra a burocracia passou, assim, a ser conhecida de alguns militan tes. no Brasil.

Pedrosa voltou da Alemanha e organi sou um grupo oposicionista, de tendência internacionalista, fundado nos fins de 1929. O grupo tentara levar a discussão no interior do partido, mas, a essas alturas, democracia interna era coisa passado. Um grupo de operários gráficos inteiro foi expulso do Partido, alegando "questoes de disciplina". Esses militan tes formaram, entao, junto com Pedrosa. o Grupo Bolchevique Lenin, passando a e-

ditar "A Luta de Classe".

Em ahril de 1930, uma Conferência preparatória da Oposição de Esquerda Internacional reuniu-se, na Europa, elegefi do uma direção provisória (Leon Sedov. Alfred Rosmer, Kurt Landau, Markine) encarregado de editar um boletim de liga ção, de convocar e preparar uma Conferên cia e assegurar a coordenação administra tica da luta internacional dos bolcheviques leninistas (como se autodetermina vam os trotsquistas). O editorial do Bo letim nºl definia o trabalho e a Oposi ção como "fração do comunismo internacio nal" que tem por objetivo "o renascimento da Internacional Comunista sobre ba ses leninistas". O grupo de Mario Pedro sa estava ligado a essa secretariado pro visório, recebendo material diretamente de Leon Sedov e discutindo intensamente com operários e militantes do PCB. apesar das manobras e calúnias da direcao burocrática. Esse trabalho deu ótimos resultados, num primeiro momento, aproxi mando dos trotsquistas vários dirigentes sindicais e velhos militantes do PCB.

Em 21 de Janeiro de 1931 foi fundade a Liga Comunista Internacionalista que unificou os militantes do Grupo Bolchevique Lênin, de Mário Pedrosa, com di versos militantes, saídos em geral do PCB: Rodolfo Coutinho (da dissidência de 1926) entre outros. Muitos eram quadros dirigentes do PC, com longa experiência sindical, como é o caso do gráfico Joso

da Costa Fimenta, candidato do BOC 1928, um dos fundadores do Partido 1922. Entre outros, pode-se citar sinda Aristices Lobo. Livio Xavier, José Neves. Jenjamin Peret e Salvador Pintaude.

O PCB, já burocratizado há alguna anoa, entrou, nesse período, numa crise sem precedentes. E nesse romento exato 1929 - 1932 - que o partido se estalinizou definitivamente. Apesar da docilida de e da submissão de Astrogilão e Bran dao às teses de Moscou, eles já nac serviam mais para o aparelho estalinista que, naqueles anos, arrebentou as anti gas direções de todos os PCs, na sua luta de morte "contra o trotsquismo", isto. é, qualquer vestígio do partido de Lênin. Logo após o III Congresso do PCB, seu se cretário geral, Astrogildo, foi chamado A Moscou para discutir o "problema brasi leiro" com o Komintern. Nao voltou durante um ano: pouco depois retirar-se-ia do partido, do qual ficou afantado duran te 15 anos.

Otávio B. andao, por sua vez, chamado ao Secretariado Latino-americano. Fora reeleito para direção do III Congresso mas foi afastado do Burê Político. Logo após a vitória de Vargas foi para a URSS, onde permaneceu cerca de 15 anos, tendo tido tempo, inclusive, para lançar acusações infames contra os trots quistas através das páginas de "La Cor respondence Internationale", orgao do Ko mintern, durante os processos de Moscou forjados por Stalin para fuzilar, em 1936 e 1938, todos os velhos bolcheviques que fizeram a revolução de 1917 ao lado de Lenin: Radek, Rykov, Khodjaev, Pakovoki, Rosengoltz, Boukharin, Iagoda, Zinoviev, Smirnov, Sokolnikov, Kamenev e outros. Todos eles veteranos da luta contra o Tzarismo, fundadores do Partido Bolchevi que, vilmente assassinados por ordem de burocratas, cujos nomes eram desconhecidos antes de Outubro de 1917 (Molotov Vorochilov), sob acusações de "traicao" "espionagem em favor da Gestapo", "trots quismo", etc. (cabe aqui uma observação: o falso testemunho de Otávio Brandao nes se ato criminoso, nac impediu que ele

continuasse na direção do PCB mesmo após famose relatório Krushev de 1956, onde burocracia soviética fora obrigada a econhecer que os processos de 1936-38, inham sido forjados, comprometendo-se a eabilitar a memória dos condenados, o ue nunca cumpriu, aliás. Otávio Branão permaneceu impunemente na direção do CB durante toda a década de 1950 a 600 endo até hoje membro da direção. Duran e todo esse tempo o PCB continuou caluiando os trotsquistas com histórias inerossimeis).

Terminado o III Congrasso em Janeia o de 1929, o PCB possuia cerca de 1.000 ilitantes. O processo de estalinização orem. provocaria uma crise tao violenta se o número de militantes reduziu enoremente nos dois anos seguintes. Cerca e 50% dos militartes abandonou o parti-), que ficou reduzido a pequenos núleos sem contato, muitas vezes, entre L. O partido se fragmentou em 1930-31. b a dupla pressao da polícia a do apa-:lho estalinista. Os acontecimentos se esenrolam de seguinte maneira: entre 129 e 1930, enquanto Astrogildo levava 13 "bronca" no Kremlin, o PCB, conheceu i período de grande fraqueza e instabiidade, no qual os secretários gerais mu wam constantemente, alguns não permane :ndo na direção mais que alguns meses : istiano Cordeiro, Paulo Lacerda, :roika" Basbaum-PauloLacerda - Pimenta,

A partir de 1930 aumentou a pressão Moscou, através da tristemente célebre lítica de "proletarização". De Buenos res, Codowilla pressionava constante inte.

Não se tratava de em desviu obrei sta comum. Muito menos de uma políticorreta visando aumentar as bases ope
rias do partido e a formação de quaos operários. Tratava-se, na verdade,
uma manobra decidida na URSS. Para
rum contrôle sobre o movimento operáo e comunista internacional, subordi ndo-o à sua política de coexistência
cífica, a burocracia soviética precisa
eliminar os últimos vestígios revoluonários ainda existentes nas direções

los PCs. O centralismo vacilante do tino de Astrogildo não era suficientemente eguro para garantir a aplicação de uma inha contra-revolucionária. Começou ntao, a campanha da "proletarização" té hoje no Brasil, bassados no livro que Astrogildo escreveu trinta enos depois ("A Formação do PCB"), muitos militantes continuam repetindo ca argumentos da burocracia segundo os quais havis mui tos intelectuais no PCB e que era necessário afastá-los para eviter a influên cia nociva da pequena burguesia. nao somente o PCB era um partido formado, desde o início, por uma maioria de operá rios, como essa política, se esse fosse o verdadeiro motivo, não teria razão de ser ablicada, por exemplo, no Chile, na França, na Italia, etc. onde ela igual -

mente foz grandes estragos.

O contrôle exercido pela burocracia soviética sobre os PCs comecou a aumentar. Em junho de 1923 já havia sido realizada a la. Conferência Latinoamericana dos Partidos Comunistas, convocada pelo Seicratariado Latinoamericano do Komintern para discutir as resoluções do VI Con gresso da I.C. (nesse Congresso fôra aprovado o Programa da III Internacional. elaborado por Boukarin-Stalin, que uma negação das resoluções dos quatro primeiros Congressos dos quais Lênin par ticipara). Em fins de 1930, o PCB convo cou uma Conferência Nacional. Todos os intelectuais foram entra destituidos da direção: Astrogildo, Basbaum, Paulo La cerda. Nesse momento, a major parte dos velhos militantes operários também, nao mais estavam ra direção: Pimente, Grazini, Casini, Molares, todos estavam fora do CC. por razoes diversas. A Conferência destituiu Astrogildo do cargo de secretário geral. Uma engurrada de secretários gerais apareceria entao, um substituindo o outro, enquento o partido se desagregava, ficando reduzido a cerca de 500 militantes, como ja foi dito. Logo após a Conferência foi eleito secretário Heiter Ferreira Lima, logo substituido por José Vilar, que foi sucedido por Cae tano Machado, e este por Durvatiliano Ra

mos. Tudo isso em dois anos! Em fins d de 1932 já não estavam na direção nenhum dos militantes eleitos no III Congresso.

Acontece que não foram dois anos quaisquer. Nesses dois anos tinha corrido o deslocamento do mercado mundial e a maior crise da história do Capitalismo iniciada em 1929. Internamente as Claises dominantes brasileiras haviam sido obrigadas a procurar uma nova forma de dominação paracontinuar a governar e explorar as massas. Após a chamada "Revolução de 30", Getúlio Vargas começou a construção de um Estado de novo tipo, dan do início a uma política bonapartista que iria destruir todos os antigos sindicatos operários, em exceção de nenhum.

Como já dissemos, esse trabalho de Varges e dos tenentes foi muito facilita

dos

le) pelo fato do estalinismo ter uma política contrária às necessidades do
proletariado de um país onde as tarefas:
democráticas não tinham sido solucions das, o que deixava livre um terreno imen
so para o nacionalismo pequeno burguês.
(tenentista).

2º) pelo fato da estalinização ter semi destruido o PCB, exatamente nos dois a nos em que Vargas, apoiando-se inicial mente nos tenentes, iniciava a constru ção de um Estado bonapartista e a destru

Ição dos antigos sindicatos.

Nesse período imediatamente anterior à vitória da Aliança Liberal dirigida por Vargas (a "Revolução" se dá em Outubro de 1930) os sindicatos brasileiros encontravam-se na seguinte situacao: a influência dos estalinistas nos sindicatos tinha diminuido no decorrer de 1927 e 28. justamente devido à política eleitoralista da Cireção do PCB na época. A unica federação intersindical existente era a do Rio de Janeiro, fundada em 1927. mas cuja vida real era minima. No pri meiro semestre de 1929 iniciou-se, espon taneamente, um ascenso operário tumultuoso, de grande vigor (greve dos gráficos de Sac Paulo, dos texteis no Rio e em Porto Alegre; do transporte público em Fortaleza; dos operários do Tabaco da Ba hia, etc). O movimento sindical, porém, estava dividido, infinitamente fragmenta

Em abril de 1929, o PCB conseguira organizar um Congresso, do qual participam cerca de 50 entidades sindicais criando-se, assim, a CGT (ou CGTB). Era a única central sindical do país, pôsto que os anarquistas já se encontravam bas tante enfraquecidos. Participaran desse congresso sindical inimeras associações, muitas delas ainda bastante impregnadas. de concepcoes mutualistas e anarco-sindi calistas. Os estalinistas só tinham influencia nos sindicatos do Rio. Nem em São Paulo, naquele ano, não tinham traba lho sindical. Além disso, o número sindicatos de operários industriais na CGTB era requeno, havendo inúmeros sindi catos de trabalhadores não industriais ( (barbeiros, empregados de cafés e restau rantes, etc) de vários estados: Pernambu co, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Gran de do Sul e Mato Grosso.

Essa fraqueza da CGTB refletia baixo grau de desenvolvimento da indús tris no Brasil. Mas isso não era um dado absoluto, uma barreira objetiva intransponível impedindo o desenvolvimento do trabalho sindical. No segundo semestre de 1929, poucos meses depois da criação da CGTB, e governo Washington Luis desencadeou umaforte repressac sobre PCB e os sindicatos. O que fizeram os dirigentes do partido? Começaram a criar "sindicatos vermelhos", clandestinos, muitos deles resgrupando exclusivamente comunistas, que abandonavam, assim. lutas econômicas e as reivindicações ime diatas das massas pela criação de sindi-

catos paralelos.

Os trotsquistas criticaram violenta mente essa política, continuando a inter vir nos sindicatos existentes e chegando a ganhar assim, a direção de alguns, entre eles da importante UTG (União dos Trabalhadores Gráficos) de São Paulo. E ram "acusados" pelos estalinistas de estar militando em sindicatos "fascistas". Ao que respondiam com as palavras de Lênin sobre a necessidade dos revolucionários atuarem nos sindicatos rescionários.

baseados em seu livro "Esquerdismo, Doen ca Infantil do Comunismo". Os tais sindicatos "fascistas", sliás, explicava o texto, eram sindicatos anarquistas con trolados pela Federação Operária de São Paulo. Ou seja, sindicatos operários ,

com uma direção cheia de limitações. Mas nem que fôssem sindecatos corporativos se al houvessem trabalhadores, os revolu

cionários neles deveriam atuar.

Essa era a situação dos sindicatos operários, abandonados pelos estalinis tas, no momento em que se formou a Alian ça Liberal liderada por Vargas, com apoio de maior parte dos tenentes . fins de 1929. A companha de Getúlio pelo país inteiro passou a criar todo tipo de islusoes nas massas. Não era para me nos, o terreno estava vazio. O proletariado nao tinha partido revolucionário. ngo tinha sequer um PS ou PC como em outros países; ou, pelo menos, uma verda deira central sindical. O proletariado brasileiro só tinha sua revolta e seu descontentamento. Organização, porém nenhjma; nem política, nem sindical. proletariado brasileiro não havia conclu ido o processo de sua formação como clas se quando surgiu em cena impetuosamente. o movimento burguês dirigido por Getúlio.

#### II - O ESTADO BONAPARTISTA DE VARGAS E O MOVIMENTO SINDICAL

#### II.1 BURGUESIA NACIONAL E REVOLUÇÃO de 1930 :-

O período aberto com a derrubada do governo oligárquico de Washington Luis, pelas forças da Aliança Liberal, liderados por Getúlio Vargas, alíás ministro de fazenda do governo de Washington Luis

é de fundamental importancia para que co nheçamos mais de perto e em profundidade o nacionalismo burguês e aeu significado particular num país semicolonial como é o Brasil. Porém, neste texto, nosso objetivo é o estalinismo e sua intervenção na luta de classes e neste capítulo trattaremos do PCB e sua política de colaboração de classes para este período. Por não ser nosso objeto imediato, falaremos do governo Vargas e do nacionalismo ape-

nas em seus traços mais gerais, deixando

mais detalhes e rigores paraum próximo texto.

E evidente, para começar, que 1930 nao foi uma revolução democrático-burgue sa nem significou a tomada do aparelho do estado pela burguesia industrial, em oposição às oligarquias rurais "semi-feu dais". Nunca houve feudalismo no Brasil (o que não significa que desde o início da Colônia, como querem alguns, as relações sociais de produção ja fássem de ti po capitalista). A discussão em torno das características da economia colonial. bem como da problemática da transição imiciada na Europa com a expansão mercantilista, fogem às preocupações deste tex to. Se mencionamos o assunto foi apenas para fixar posição contrária à dos ideólogos do PCB que afirmaram, durante um longo período, a existência de um Brasil Feudal ou Semi-Feudal", ao lado de um ou tro setor da economia, de característi cas distintas.

Essa análise dicotômica servia aos estalinistas para justificar sua política de aliança com a burguesia nacional "progressista", que, segundo eles, estaria em contradição e luta constante contra as oligarquias rurais "semi-foudais" Essa análise, muito difundida até 1964. não somente ocultava as verdadeiras cara cterísticas do desenvolvimento "desigual e combinado" do capitalismo no Brasil como criava uma confusão tremenda em tor no da questão do nacionalismo burguês e pequeno-burguês, impedindo que os mili tantes operários tivessem clareza quanto ao papel que cabe aos revolucionários nos países onde as tarefas democráticas.

7

ainda não foram soluciona da.

Se bem que a questão do "feudalis mo" já tenha sido superada através da po lémica dos últimos anos (admitindo, quase todos, hoje, o caráter burguês das oligarquias agro-exportadoras que compoem a burguesia agrária e comercial brasilei ra). a questão do nacionalismo burguês sinda resta obscura, continuando muitos revolucionários a repetir falsos conceitos elaborados pelo PC ou mesmo pelos ideólogos do PTB e do varguismo-janguismo. Um deles, muito difundido, é expresso pe la frase "antes de 1930 a questao social era uma questão de policia".

É claro que antes de 1930 a repressao tinha sido constante sobre o proleta riado e as massas. Porém, o primeiro er ro que esse pensanto contém, está no fato da repressão também ter sido uma cons tante após a vitória da Aliança Liberal. Sim, diriam alguns, mas antes de 1930.as classes oligárquicas dominantes usavam apenas da violência para conter 28 mas sas, enquanto que a coligação aliancista vitoriosa passou a combinar, métodos repressivos com a concessão de certos di reitos para os operários, expressos na legislação trabalhista iniciada por Vargas. Ora, isso é apenas parcialmente verdaeiro. Eram os adeptos do naciona lismo burguês, no tempo de Goulart, que alimentavam esse mito, que a "esquerda", posteriormente, continuou a repetir. Por detrás dessa afirmativa está presente a mesma análise que inventou os "vestígios feudais" no Brasil, já agora insinuando que foi a burguesia industrial quem deu corpo ao movimento armado que culminou com a chegada de Vargas so poder.

Essa burguesia industrial, ou parte dela, teria um caráter "progressista", d devendo ser apoiada pelo proletariado. Essa burguesia nacional lutaria pela "in dustrialização" e "modernização" do país ao contrário das oligarquias agro-exportedoras, aliadas do imperialismo. A his tória do Brasil nos últimos quarenta anos explicar-seia não pela luta de classes . mas sim pelos conflitos e atritos entre a burguesia nacional e os outros setores

des cleages dominantes, Essa é a etana histórica, que estaríamos vivendo, a da revolução democrática, segundo o PCB, ca bendo so proletariado transformar-se em merc órgao de sustentação (ou de "pres sao", ou, sinda, em versoes pequeno-burguesas mais modernas, de"apoio-crítico") da burguesia progressista. Essa é a for ma que assumiu, no Brazil, a velha tese estalinista da revolução por etapas, negação das resoluções dos 4 primeiros con gressos da III Internacional e da propria experiência da Revolução Russa.

Estas teses acima apresentadas nao se sustentam à luz de uma análise cienti fica de formação do capitalismo no Brasil. A burguesia agrária brasileira for mada com base na acumulação de capitais oriundos dos períodos da alta do café no mercado internacional, e foi deste mesmo setor da burguesia que se originaram os primeiros industriais no Brasil que in vestiram em ferrovias, em fábricas de te cido, de alimento, de cimento, vestiário, chapéus, cigarros, bebidas e outros bens de consumo não duráveis. Porém é preciso frisar bem que o empresariado indus trial brasileiro, desde sua origem esteve ligado ao latifundio e à oligamuia rural.

Seu processo de formação enquanto classe foi extremamente lenta, no período anterior a 1888, apenas reivindicando so Estado melhores tarifas protecionis tas. Isto durante o período monárquico. Com a instalção da sequência governos oligarquicos-burgueses, em 1891, que controlavam o Estado em função de seus inte resses agora exportadoras ligados ao Imperialismo, a burguesia industrial, so mente pode se firmar com base no liberalismo da oligarquia, que em certa medida a beneficiava e lançou-se na exploração desenfreada do proletariado.

Ao contrário do que se afirma, as primeiras leis trabalhistas surgiram em 1926 e não no governa Vargas, e não contavam com o apoio da burguesia industrial que a elas se opos energicamente (Lei de férias, código de trabalho do menor, Lei das caixas de seguros contra doenças).

Essa intervenção do Estado eligarquico .. rompia a ortodoxia liberal que os empresérios defendiam, e só pode ser entendida politicamente se levarmos em conta tanto as incessantes reivindicações operárias como o descontentamento da pequena burguesia, cada vez mais numerosa.com um regime que a excluia da vida política. De qualquer maneira o que fica claro ao se estudar o período republicano anterior a 1930 é que, em nenhum momento a bur guesia industrial encabeçou um movimento democrático de massas. Pelo contrário . sua fragilidade dava-lhe tento temor diante dos trabalhadores que ela sempre se opôs às mínimas modificações na forma de dominação então estabelecida na ordem oligarquica. Foi assim por exemplo, quan do o governo Afonso Pena foi obrigado a conceder o direito de livre associação para os trabalhadores (decreto Nº 1637 . de fevereiro de 1907), pressionado pelo ascenso operário e pelas grandes gieves de 1906/07. A burguesia industrial da época foi contra e durante muitos anos recusou-se a contratar as condições de trabalho com os sindicatos, já reconheci dos pela lei, pois eram sindicatos livres. sem qualquer ingerência estatal e não ne cessitavam de autorização prévia do go verno para funcionar.

Nota-se também que Vargas não con tou, de imediato, com o apoio da burguesia industrial, em seu intuito de transformar e reaorganizar primeiro o aparato estatal com a finalidade de cooptar massas trabalhadoras, por vias e métodos bonapartistas. A burguesia industrial foi sistematicamente contra todas as medidas adotadas pelo recém criado Ministé rio do Trabalho, desaprovando todas orimeiras trabalhistas decretadas

Vargas. E só após a derrota da oligar: quia paulista (ela sim, apoiade pela bur guesia industrial) na guerra civil 1932 que o empresariado passará a apoiar

Vargas massissamente.

O que não significa que na Aliança Liberal não houvesse industriais ou que estes estivessem ausentes, em bloco, do movimento. A composição que levou Vargas ac poder era bastante heterogenea, compreendendo além de setores da pequena e grande burguesia, importantes dissiden cias oligárquicas de Minas Gerais, do Ric Grande do Sul o da Paraíba, ou seja, uma parte importente de burguesia agrária conservadora. De tudo que foi dito pode se concluir que 1930 não foi um moviment to impulsionado pela burguesia industrial contra as oligarquias rurais, as cuais o empresariado estava intimamente ligado por laços econômicos, políticos e de parentesco. As tarefas democráticas (terra, liberdade e independência nacional) nao foram jamais solucionadas. Mesmo que se admitisse que o carater geral do movimento encabecado por Vargas favoreceu o crescimento industrial, fortalecendo portanto a burguesia industrial , mesmo contra a sua vontade, não há nada que permita reconhecer um caráter "pro gressista" na chemada Revolução de 1930. Os problemas cruciais da Nação não foram resolvidos durante os 15 anos que Vargas permaneceu no poder. Pelo contrário, a experiência histórica comprova a incapacidade da burguesia brasileira em resolver as tarefas democráticas.

Sa a burguesia nacional, no Brasil, é socialmente débil e políticamente co - varde, incapaz de se unirentar com os la tifundiários e com o imperialismo, por temor às massar, isso nao significa que ela não exista, evidentemente, nem que e la não tenha atritos com as burguesias imperialistas às quais está associa/a, em maior ou menor grau. O fato dela só ter acesso ao mercado mundial quando associada com o capital financeiro internacional, confere-lhe um caráter semi-oprimido, sem que isso mude sua natureza de c

classe exploradora.

O caráter específico de uma forma ção social depende, fundamentalmente, da
maneira como a burguesia encaminha a resolução das terefas democráticas pendentes. No Brasil, o fato da burguesia não
ter tomado que se nenhuma iniciativa nesse sentido (a não ser na questão do protecionismo, no período anterior a 1930 )
não significa que o nacionalismo burguês
não tenha existido. Desconhecer o nacio

nalismo nos países atrasados é tão nefas to para a revolução como apoiá-lo. Assim como o peronismo na Argentina, o varguis vao no Brasil foi o instrumento usado pelas classes dominautes para subjugar o movimento operário e destruir suas organizações independents.

Mos países onde a burguesia nacio nal é socialmente fraca, as reivindics ções democráticas são asaumidas e encabe
çadas muitas vézes, por setores da peque
na burguesia, que se tornam, assim, porta vozes de um projeto político de tipo
nacionalista burguês. O fato da burguesia nacional não estar organizada como
classe em partido próprio não modifica

as coractorísticas básicas nem a natureza de classe burguesa do movimento nacio nalista encabeçado por rebeldes pequenoburgueses. Não é preciso que sejam in dustriais que estejam à frente para que o nacionalismo se configure em sua forma

"clássica!

Não raras vezes, os radicais pequeno-burgueses jogaram à fundo o papel que a burguesia lhes reservava na tarefa de manutenção da ordem capitalista e manu tenção da propriedade privada. No Bra si'. o movimento tenentista cumpriu exatamente este papel. Incorporado às forças da revolução de 1930 jogaria papel de destaque na destruição dos sindicatos operárica. O tenentiamo não foi uma expressao de revolta e de descontentamento apenas da baixa oficialidade do exército, apeser do nome com que passou a ser conhecido. No momento em que se agravou a crise das oligarquias dominantes, ele as sumiu, é verdade, a forma de revoltas mi litares nos quartéis e marchas armadas pelo interior do país ("colunas"). Porém sua base social era mais ampla, abrigando militares e civis, traduzindo se aspi recoes des"classes médias urbanes" cujo número aumentara muito desde a proclamacao de república até 1922. Basta lembrar mos que a marginalização da vida política das massas proletárias e pequeno burguesas era tal que em 1906 o número de e leitores que comparaciam às urmes representavam apenas 1,44% da população do pa

fs, indice que muitos anes depois, em 1926, sinda seria de apenas 2,27%. Num. país desse tipo onde as massas paqueno -burguesas já haviam sido parcialmente mo bilizadas desde as "campanhas civiliatas" de Rui Barbosa sob as bandeiras de "peri go do militarismo", "combate às oligar quias", as mididas em "benefício da educação", a reforma eleitoral e o voto secreto, as questões democráticas, quando levantadas, seja lá por quem for, mobilizam.

A prisão de Hermes da Fonsecs, em julho de 1922, um ano após sua reconciliação com Rui Barbosa, que permitiu por um certo período de tempo um movimento "burguês democratizante", abriu caminho a uma série de revoltas dos tenentes que se prolongariam com interrupções durante cinco anos, de 1922 s 1927.

A radicalização provocada pelos com bates armados de São Paulo, em 1924, com brigaria os tenentes a promoverem longas marchas pelo interior do país, ao mesmo tempo em que as antigas direções burguesas desapareciam. O movimento da jovem oficialidade passou a ser, então, tipica

mente pequeno-burgues.

A Columa Paulista comendada por Miguel Costa, atravessou o Estado de São Paulo, indo refugiar-se no Paraná. Do deu encontro com os revoltosos do Rio Grande do Sul criginou-se a Columa Presetes-Miguel Costa que atravessou vários estados do Centro Ceste e Nordeste duran te cerca de dois anos, combatendo tropas governamentais. Daí surgiria o mito em torno dos tenentes "revolucionários", combatentes da liberdade", "inimigos da oligarquia rural", etc.

E claro que invluências pequenoburguesas desse tipo não alteram o com a
portemento das classes exploradas quado
estas estão organizadas e aliadas ao pro
leteriado. Mas quando este não tem partido, nem sequer central sinúteal, e
quando o pais vive anos em estado de sítio como viveu o Brasib durante todo o
governo Bernardes, essa influência cresde difusa e rapidamente entre as massas.
Não tanto pelo programa dos tenentes (
que de revolucionário não tinha nada, e-

9